

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

DRE TZA NZA

eu, tu, ela...

Contos, crônicas e poemas
germinados em uma aventura coletiva



mirarte

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

DRE TZA A Z

eu, tu, ela...

Contos, crônicas e
poemas germinados
em uma aventura
coletiva



mirarte

2022

© Academia Saltense de Letras, 2022

Todos os direitos autorais reservados e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

Coordenação editorial
Rose Ferrari

Conselho Editorial
Anita Liberalesso Neri

Revisão e Projeto gráfico
Mirarte Editora

Anna Osta
Antonio Valini
Marilena Matiuzzi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Academia Saltense de Letras

Natureza: eu, tu, ela--- / Academia Saltense de Letras. – Salto,
SP : Mirarte, 2022.

182 p.

ISBN 978-65-997527-8-0

1. Literatura brasileira 2. Poesia 3. Conto 4. Crônica. Título

CCDD: 869.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : 869.9

Bibliotecária responsável: Natalie Ichikawa Melo CRB-8/9249



www.editoramirarte.com.br



editoramirarte



mirartemkt

SUMÁRIO

Prefácio.....	6
---------------	---

CONTOS

Iaiá, a tamanduá.....	12
Homenagem a Ousado	16
O Manacá encantado.....	22
Eu, o Jatobá.....	30
Obrigado pelos peixes.....	36
Amor em extinção.....	42
Natureza ou Pandora.....	48
Vida no campo	54
Vitis vinifera.....	58
Os vencedores e os vencidos.....	64
O reencontro	70
O Sagrado Feminino	76
De natureza sobrenatural.....	82

CRÔNICAS

A natureza humana e a mulher dos 50+	90
Uma chácara, tempo... lembranças... ..	96
Devaneio solto, mas contido. Pode?.....	102
Cascata, peixes, taperás, mortes e poluição	106
Tietê ou Anhembi	110
Campos do Jordão.....	116

Amazônia.....	122
Natureza	126

ENSAIOS

Natureza Humana com Integridade e Paz	134
NÓS	140
Um patrimônio natural e seu uso cultural.....	146
A natureza, o homem, a vida e tudo mais, num pequeno intervalo!	152

EU, TU, ELAS... AS ESTAÇÕES DO ANO	162
O céu não tem limites	168
Passeio na floresta.....	170
Frutas e Frutos.....	172
Rio Tietê.....	174

PREFÁCIO

Foi com prazer que recebi o convite da presidente da Academia Saltense de Letras (ASLe), a Professora Dra. Anita Liberalesso Nery, para escrever este prefácio; e é com alegria que me disponho a fazê-lo!

A palavra natureza é derivada do latim *natura* e significa nascimento. Na Língua Portuguesa, o vocábulo é um substantivo feminino que compreende o mundo material em que o ser humano vive e o conjunto de elementos do mundo natural. Mas, no cotidiano das pessoas, o termo vem ganhando outros significados.

Surgiu na década de 70 o consenso de que era preciso proteger a natureza, porque as mudanças climáticas já estavam afetando o planeta de forma mais intensa e as previsões eram alarmantes. Foi então que incorporamos ao nosso vocabulário os termos “efeito estufa” e “aquecimento global”. Entre as causas do aquecimento estão práticas humanas de degradação dos recursos naturais e do meio ambiente. No topo da lista: poluição, queimadas e desmatamento.

Remoção de florestas e desmatamento de áreas naturais em larga escala promovem um desequilíbrio climático que contribui para a elevação das temperaturas e reduz índices pluviométricos em diversas regiões, inclusive em áreas distantes do local degradado. O continente sul-americano, por exemplo, depende dos rios voadores que se formam sobre a Floresta Amazônica para o controle das

altas temperaturas atmosféricas e da frequência de chuvas. Portanto, é impossível pensar em medidas de preservação da natureza sem o engajamento de todos os pronomes pessoais: eu, tu, ela, nós, vós, eles!

Em 1988, como iniciativa do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente, foi criado o Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas (IPCC) para analisar informações científicas, técnicas e socioeconômicas mundiais relevantes para o impacto climático. Segundo o último relatório, divulgado em abril deste ano, estamos a caminho do desastre: “É agora ou nunca”, sentenciou o professor Jim Skea, responsável pelo relatório. Além de medidas para limitar a emissão de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera, propostas para expandir o uso de energia limpa e mudanças de comportamento e estilo de vida das pessoas, o relatório alerta que precisamos restaurar sumidouros naturais de carbono, como as florestas.

Floresta, na definição comum, é qualquer grande área de terra coberta por um conjunto de árvores. Também conhecida como bosque, mata ou selva. Classifica-se em naturais ou plantadas, primárias ou secundárias, homogêneas e ripárias.

Eu me engajei na causa ambiental há vinte anos, no auge da minha carreira executiva no setor financeiro, quando comprei uma fazenda – de olho na minha futura aposentadoria. A área escolhida, soube depois, tinha servido à extração carvoeira de madeira nativa – atividade comum, décadas atrás, antes das regulamentações atuais. A fazenda adquirida chama-se Jacarandás e eu passei a procurar por exemplares dessa espécie pela propriedade, mas quanto mais eu me embrenhava pelas matas, mais e mais eu me deparava com áreas degradadas. Também me deparei com

minas d'água em processo de extinção. Senti uma profunda tristeza e decidi fazer algo que pudesse reverter a situação. Foi assim que comecei o projeto de recuperação da propriedade: plantei mais de 100 mil árvores e recuperei três nascentes.

Mas, ao pesquisar e estudar sobre florestas, tipos de plantios e recuperação de nascentes, entendi a urgência em atuar em prol do meio ambiente para além da porteira da Fazenda dos Jacarandás. E me tornei o cara capaz de parar o carro em avenidas de cidades bem arborizadas, como Campinas, para colher sementes de pau-ferro e fazer mudas, tanto para plantar pessoalmente, como para distribuir para que outros também plantem. Somos a natureza e eu atuando para que tu e ela, vós e eles também façam a sua parte.

Nos vinte e oitos trabalhos publicados nesta coletânea, cada qual com sua peculiaridade de estilo e de gênero literário, desfrutaremos da natureza como fonte de inspiração e engajamento.

Nos contos, a criatividade está presente de muitas formas: da fauna do nosso pantanal surgem os personagens fictícios, como Iaiá, uma meiga tamanduá-bandeira, ou reais, como Ousado, a onça-pintada resgatada do grande incêndio que assolou o bioma em setembro de 2020; da flora do território brasileiro, os personagens são árvores das espécies Manacá-da-serra e Jatobá. A partir de abstrações sobre as relações humanas, nas páginas deste livro, estudantes de “Arqueobiologia” e Engenharia Ambiental coexistem com Brás Cubas. Sim, aquele das Memórias Póstumas (ou seria delírio do acadêmico Leandro T. de Almeida escrever tal disparate?). Já no âmbito do sonho conquistado, nada como acordar antes do galo cantar em uma “Vida no campo” ou desejar que a personagem M. L. encontre a luz da verdade em sua

viagem pela região de Bordeaux, na França, e aceite que, nos descaminhos do mundo, “Os vencedores e os vencidos” se confundem. Assim como no conto “Reencontro”, torcer para que a protagonista compreenda seu vínculo ancestral com “O Sagrado Feminino” e com a “Natureza sobrenatural”.

Nas crônicas, onde tudo é permitido desde que se respeite Cronos, as reflexões se estendem para a força da natureza humana e o processo de envelhecimento como partes do ciclo da vida, incluindo as lembranças de momentos felizes junto do Rio Tietê. Também encontraremos informações históricas e outros detalhes, como a construção da Usina de Porto Góes. Ampliando o horizonte, chegaremos à Serra da Mantiqueira e em Manaus – “será uma cidade na floresta ou uma floresta na cidade?”. E, para encerrar esse gênero literário, Alberto Manavello expõe sua preocupação com o aquecimento global e sugere a espiritualidade como baliza de melhor convívio do homem com a natureza.

Nos ensaios, recordações envoltas em neblina de uma Salto diferente, sugestões de conexão com a natureza como cura alternativa, o percurso do Ribeirão Cabreúva e “tudo mais, num pequeno intervalo” de tempo.

Para finalizar, essa aventura coletiva dos acadêmicos da ASLe apresenta o olhar poético de amor ao meio ambiente, com as “estações do ano” a propiciarem um “Passeio na floresta”, “Frutas e frutos” e um céu sem limites sobre o nosso amado “Rio Tietê”.

Boa leitura!

Ruben Osta

Presidente da Comissão do Meio Ambiente
Rotary Club de Salto



CONTOS

IAIÁ, A TAMANDUÁ

Dami Pacheco

Iaiá, a tamanduá, está remexendo entre as árvores à procura de um bom formigueiro, de uma casa de cupim ou mesmo de alguns ovos de aves.

Anda bastante por ali até que se vê recompensada: acha uma grande casa de cupins.

Imediatamente, usando as unhas do meio de suas patas da frente, arrebenta o cupinzeiro e se delicia com os bichinhos que grudam em sua língua enorme e viscosa, de dois palmos de comprimento.

Aquelas unhas, tão boas para quebrar cupinzeiros ou para se defender, também têm os seus inconvenientes: por causa delas, Iaiá tem que andar com as mãos viradas, apoiando-se numas almofadas que tem nas costas de suas mãos. E correr com as mãos viradas, então? Não é nada fácil! Mas que fazer? Iaiá é assim mesmo e, tranquilamente, leva sua vidinha.

Ela é da paz e não gosta de lutas. Prefere fugir do que brigar.

É um bicho muito interessante: tem uma cabeça pequena e estreita, um focinho muito comprido e fininho. Chega a ter um metro e trinta centímetros de comprimento. Sua cauda é uma beleza: grande e peluda, é tão grande quanto seu corpo.

Que cobertor gostoso e quentinho é essa cauda na hora

de dormir! Iaiá se cobre inteirinha com ela.

Essa bela cauda é que lhe valeu o apelido de tamanduá-bandeira. Por quê? Muito simples: quando Iaiá sai a galope, levanta a cauda bem alto. Parece que ela está carregando uma bandeira desfraldada ao vento.

Iaiá segue em seu passeio pela mata, quando chega às margens de um rio. Mas isso para ela não é problema. Nada muito bem e, com facilidade, atravessa o rio e alcança a outra margem.

Ah! Coitada de Iaiá! Antes não tivesse atravessado o rio. Mal sai da água e dá de cara com uma onça que ali está bebendo água.

– Que sorte a minha! – pensa a onça – Meu jantar está garantido.

– Que pena! – pensa Iaiá – Não gosto de briga, mas preciso me proteger.

E como não tem nenhuma chance de escapar dali, resolve enfrentar a onça. Fica em pé nas suas patas traseiras, abre bem os braços e espera, pronta para se defender a qualquer custo.

A onça olha, mede a distância entre elas, encolhe-se e salta.

Iaiá, bem firme, espera o salto e recebe a onça entre seus possantes braços. Fecha os mesmos ao redor de sua inimiga e vai apertando, apertando. As duas formam um só corpo que se contorce, gira, pula, rola, entre miados fortes da onça, que se sente esmagar naquele abraço, e rugidos altos da tamanduá, que sente as garras afiadas da onça penetrarem em suas costas.

Iaiá, desesperada, aperta mais e mais o seu abraço, até que sente a onça amolecer. Então abre os braços e vê o grande animal tombar inerte.

Cansada e ferida, ela vai se arrastando procurar um refúgio para descansar e se refazer dos ferimentos. Encontra um bom lugar e ali fica muito tempo quietinha, sem se mexer.

O tempo vai passando e, a cada novo dia que surge, Iaiá vai se sentindo melhor até que, completamente restabelecida, com as feridas cicatrizadas, volta a ser a alegre tamanduá de antes.

Ela tem também outro motivo para estar tão alegre! Está se aproximando o tempo de nascer o seu filhotinho, há muito esperado.

Finalmente, numa bela noite de lua cheia, quando a mata cintila sob aquela luz de prata, nasce o filhotinho de Iaiá.

Quando o novo dia surge e o sol espia lá de cima para dentro da floresta, vê uma feliz mamãe tamanduá carregando, com todo cuidado, o seu filhinho, agarradinho em suas costas.

Agora ela precisa, mais do que nunca, achar boas comidinhas e lugares seguros, porque tem mais alguém para cuidar.

Que boa mamãe é Iaiá, a tamanduá!

NOTA EXPLICATIVA

O tamanduá existe em todo o Brasil. O tamanduá-bandeira é o maior de todos os tamanduás. É também chamado de tamanduá-açu. Chega a ter dois metros de comprimento.

Já o tamanduá é o mais pequenino - tem uns cinquenta centímetros de comprimento. Ele não anda nunca no chão, está sempre nas árvores, onde procura formigas. Dorme o dia inteiro e passeia à noite. É encontrado na Amazônia.

Existe também o tamanduá-mirim, que mede uns sessenta centímetros de comprimento. Ele tem o apelido de tamanduá de colete. Por causa das cores do seu pelo, parece que ele está usando mesmo um colete. Todos os tamanduás devoram insetos que atacam as plantas.

São mamíferos desdentados, encontrados também em outros países da América do Sul e Central.

DAMI PACHECO é o nome artístico de Maria Damien Ignácio Pacheco. Professora e escritora, é membro fundadora da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 15, cuja patronesse é Benedita de Rezende. Contato com a autora pelo e-mail: paxecomatheus43@gmail.com.



HOMENAGEM A OUSADO

Anita Liberalesso Neri

Para Helena

Em pouco tempo, o céu passara do róseo ao malva. A sarapintá-lo de brilhos, milhares de estrelas piscavam. A Lua, vaidosa, projetava sua luz nas águas do grande rio, que ondulavam sob a brisa. Ao fundo, a voz do silêncio se fazia ouvir, cadenciada e profunda, de vez em quando quebrada pelos pios das primeiras aves noturnas. Depois de um longo dia, a natureza adormecia para alguns. A atmosfera doce e cálida que se instalava lhes era apropriada ao devaneio e ao sono. Para outros, a noite era hora de ficar em alerta, para a observação e para a caça, que a escuridão ajudava.

Deitado em um grande galho de árvore, não longe da beira do rio, Ousado espiava com um olho e cismava com o outro. Com saudade, lembrava-se de quando os mais velhos reuniam os netos nos relvados, para contar-lhes segredos de família, relatar mitos de origem e revelar histórias misteriosas e de medo, que o clã passava de geração em geração. Entre estas as que mais seduziam os jovens e adolescentes eram as que falavam sobre o fim do mundo. Foi a uma delas que Ousado dedicou suas emoções naquela noite.

Era uma vez..., diziam os muito idosos, uma terra bela e extensa, com grandes rios, densas florestas e caça suficiente para suprir todas as necessidades dos indivíduos que

a habitavam. Seus moradores haviam-na recebido de presente do Criador, no início dos tempos. Cheio de bondade e zelo por suas criaturas, Ele lhes impusera uma única condição para manter essa benesse por toda a eternidade: eles deveriam amar uns aos outros. Isso significava viver em harmonia, não cobiçar as coisas alheias, não viver para e da acumulação e da ganância, somente matar elementos de outras espécies nos estritos limites da necessidade de sobrevivência, cuidar uns dos outros e cuidar da natureza.

Se, por um lado, os anciãos concordavam quanto à gratuidade dessas benesses, por outro, eles divergiam sobre os castigos merecidos pelos ingratos e desobedientes. Para alguns, o mundo terminaria em um grande e duradouro incêndio florestal que não deixaria pedra sobre pedra, consumiria das menores às maiores plantas, sufocaria os animais e faria secar todos os rios. Para um segundo grupo, o mundo terminaria em uma explosão resultante do choque com uma grande pedra incandescente, projetada no espaço (um asteroide, diríamos hoje), parecida com aquela que, há 66 milhões de anos, foi responsável pela extinção dos dinossauros. Para um minoritário terceiro grupo, o planeta e seus ingratos e desobedientes habitantes acabariam em uma grande inundação.

Fosse como fosse, qualquer alternativa conduzia ao nada, que só não era reputado como absoluto porque os velhos contadores de histórias acenavam com uma solução heroica, bem ao gosto dos jovens: seria salva da catástrofe a terra que fosse defendida com genialidade por um jovem ousado e responsável, a ponto de arriscar a própria vida por ela!

Então, naquela noite, Ousado sonhou, sonhou como nunca, com fogo, água, árvores despedaçadas, árvores em

chamas e avalanches. Sentiu muita sede. Teve muita dor. Quase não conseguia mais pisar. Mesmo assim, salvou milhares de aves e mamíferos. Chorou quando não conseguiu salvar a mesma quantidade de répteis, anfíbios e pequenos roedores. Chorou novamente, mas de alegria, quando encontrou biólogos e veterinários reanimando animais, cuidando de suas queimaduras e levando-os para alojamentos onde continuaram a receber cuidados até poderem voltar para a natureza. Ao final, Ousado viu-se com um estranho colar, cuja utilidade desconhecia. Tentou removê-lo até cansar, mas não conseguiu. Exausto de trabalho e de emoção, adormeceu.

Os primeiros pássaros da manhã encontraram-no dormindo a sono solto, acomodado na mesma árvore onde se deixara ficar na noite anterior. Ao adivinhar a algazarra das aves, misturada ao tic-tac do colar, Ousado espiou com um olho e cismou com o outro. Duas, três, quatro vezes. Poder-se-ia dizer que compreendera tudo. Por isso sorria...

..... oOo

Ousado foi o nome dado a uma onça-pintada macho que foi resgatada no Pantanal em setembro de 2020¹, durante o grande incêndio que destruiu boa parte dessa região e matou quase 17 milhões de animais, sendo 16 milhões de pequeno porte, com menos de 2 quilos, e outros 944 mil de maior porte. Morreram 9,4 milhões de pequenas serpentes, 3,3 de milhões de roedores e 1,5 milhão de aves, além de 458 mil primatas, 237 mil jacarés e 220 mil tamanduás.

1 Camargo, S. *Ousado, onça-pintada que teve as patas queimadas pelos incêndios do Pantanal, volta à natureza*. Disponível em <https://conexoplaneta.com.br/blog/>, acesso em 20 de outubro de 2020.

Vítima de ferimentos graves e queimaduras de 2º e 3º graus nas patas e no corpo, Ousado tornou-se símbolo dos animais queimados no Pantanal. Ele voltou ao seu habitat depois de 36 dias de tratamento com ozônio e laser, no Instituto de Preservação e Defesa dos Felídeos da Fauna Silvestre do Brasil em Processo de Extinção (Nex), em Corumbá de Goiás (GO), com o apoio da Organização Não-Governamental (ONG) Ampara Animal².

Para o transporte de Corumbá de Goiás de volta a Porto Jofre, onde foi encontrado, Ousado foi anestesiado e recebeu um colar com GPS³, com o objetivo de monitorá-lo e avaliar sua readaptação no retorno ao lar. Desde então, ganhou peso (que era de apenas 75 kg quando capturado), foi visto caçando e se acasalando e tem o hábito de aproximar-se mais de seres humanos do que outras onças-pintadas.

Desde 2016 foram identificadas 111 onças-pintadas na região da Pedra de Amolar, uma das mais preservadas do Pantanal, ou 8,3 onças-pintadas por 100 km². Em toda a região do Pantanal existem cerca de 5 mil animais dessa espécie. Nasceram de sete a nove delas por ano, além de um número não identificado de onças-pardas, jaguatiricas, gatos-mouriscos, gatos-palheiros e gatos-do-mato. Atualmente, nenhuma delas sofre risco de extinção, mas vivem sob a permanente ameaça de ataques por fazendeiros, de ferimentos provocados por cães e por cercas elétricas e de atropelamentos nas estradas, aos quais se expõem em

2 Revista FAPESP. *Incêndios no Pantanal mataram 17 milhões de animais*. Disponível em <http://revista.fapesp.com.br>, acesso em 15 de setembro de 2021.

3 GPS. Sigla em inglês para Sistema de Geoposicionamento Global, um sistema de navegação por satélite que fornece a posição de um alvo a um aparelho receptor móvel, durante as 24 horas de um dia e sob quaisquer condições climáticas. Disponível em <http://www.significados.com.br/gps>, acesso em 06 de julho de 2022.

suas incursões noturnas em busca de novilhos para se alimentar. Nos últimos 16 anos, foram registrados 15 ataques de onças-pintadas a seres humanos na área do Pantanal, a maioria associada a caçadas malsucedidas⁴.

A onça-pintada é o animal símbolo do Pantanal e merece continuar a povoar as florestas brasileiras com segurança!

4 Barros, R. *Felinos pantaneiros: projeto busca conciliar produção de gado e conservação de onças no Pantanal*. Disponível em g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticias/, acesso em 30 de junho de 2022.

ANITA LIBERALESSO NERI é graduada em Pedagogia e em Psicologia, além de Mestre e Doutora em Psicologia pela USP. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 11, cujo patrono é Odmar do Amaral Gurgel. Contato com a autora pelo e-mail: anitalbn@uol.com.br.



O MANACÁ ENCANTADO

Eloy de Oliveira

– Venâncio, corre aqui – gritou dona Dinah.

Aos 84 anos, o antigo radialista não tinha tanta agilidade para se locomover.

Quando chegou ao lado da cama, onde a mulher estava, já era tarde.

– Nazinha! Nazinha! – ele sacudiu os seus braços para que ela abrisse os olhos.

Em vão.

O corpo jazia de olhos abertos, talvez na última tentativa de enxergá-lo.

Dinah lutava contra um câncer no estômago e perdera, após intensos 14 meses de tratamento e sofrimento.

Venâncio olhou ao redor em busca de consolo. A pequena casa em que viviam desde a sua aposentadoria estava deserta.

Nada se movia mais lá, além de suas lágrimas molhando o chão.

Só a tristeza de um velho relógio de parede, que badalava as horas, tirou o silêncio e a imobilidade daquele momento: eram três horas da tarde.

A primavera floria lá fora.

– Não há outro jeito, Carlito.

– Mas não temos como abrigar o seu pai em casa, Dé-

bora. Tudo lá é pequeno. Só se construíssemos um cômodo nos fundos.

– O problema é dinheiro para isso.

Ao ouvir a discussão da filha com o marido sobre o seu destino, agora que ficara sozinho, Venâncio se sentiu um estorvo, como sempre achou que um dia seria e que nunca aceitou ser.

– Não se preocupem. Vou ficar aqui. Minha aposentadoria continuará pagando o aluguel. Eu dou um jeito.

– Não pode, pai. Precisa de cuidados. Minha mãe sempre o ajudou. Só nesses últimos dias dela é que nós estávamos nos revezando aqui. O senhor já está com dificuldade para enxergar, lembra?

Era difícil de admitir, mas a filha tinha razão. Havia muito que não dispunha da mesma agilidade e, agora, a catarata.

Tudo conspirava contra.

– Então, pelo menos não deixem que eu me sinta um peso morto. Tenho umas economias que estava guardando para a cirurgia. Usem esse dinheiro para fazer o quartinho nos fundos. Acho que dá.

– Por que está triste, Julinha? Não queria que o vovô viesse morar na sua casa?

– Não é isso, vovô. Estou triste por causa do Manuelzão – disse a neta com cara de choro ao saber do quartinho.

– Manuelzão é seu novo gato?

A menina de 8 anos riu com o seu gato de estimação no colo.

– Não, vovô. O meu gato se chama Pavio e está aqui. Manuelzão é o Manacá do quintal.

A construção do quarto obrigaria a derrubada da árvo-

re onde a menina brincava e o fim de um segredo.

– Segredo? – a avô perguntou.

– Sim – a menina cochichou e o puxou pela mão para longe dos pais para contar.

– O Manuelzão tem um tesouro.

O velho radialista riu docemente.

– Vamos conhecê-lo, então. Eu resgato o tesouro e fica tudo bem. O que acha?

– Não pode, vovô. Acha justo o Manuelzão entregar o tesouro e depois morrer?

Ao ouvir a palavra morrer, Venâncio encheu os olhos d'água.

– Tem razão.

Avô e neta se sentaram embaixo da copa arredondada, de uns dois metros de diâmetro, do bonito Manacá-da-sera que havia no quintal, pegado à casa.

Devia ter uns três metros de altura.

Estava coberto de flores lilases.

– Que lindo – disse Venâncio.

– Sim, ele é muito lindo. Depois as flores ficam brancas. É uma beleza, vovô.

Enquanto se protegiam do sol sob o Manacá, a neta disse que o Manuelzão tinha escondido um baú cheio de dinheiro e joias.

– Por que não desenterramos?

– Não podemos ainda, vovô. O Manuelzão disse que tem o momento certo.

– O Manuelzão disse?

– É, disse.

– Então ele fala?

– É claro que fala, né? Ele é encantado. Acha que ia

guardar um tesouro se não falasse? De que mundo você veio vovô?

O velho radialista riu daquele frescor de juventude da neta. Como era bom sonhar. Há muito que ele não sonhava assim.

– Julinha, venha aqui – gritou a mãe.

– Vai lá. Eu fico te esperando.

Venâncio fechou os olhos se lembrando de Dinah. Ela ia gostar de ver o Manacá. A mulher apreciava muito as flores.

– Não acredita nela?

Aquela voz grave encheu os seus ouvidos como nos tempos da rádio Brasil, onde trabalhou a vida toda.

– Quem é? É você, Carlos? Carlito, é você?

– Não, sou eu: Manuelzão.

O radialista olhou em volta, pensando ser alguma brincadeira do genro. Não havia ninguém. Então de onde vinha a voz?

– De que mundo você veio? – perguntou a voz deixando-o novamente confuso.

Venâncio não sabia o que pensar.

– Só quero te pedir: não deixem que me cortem. Eu gosto daqui. Não quero morrer. Você já perdeu alguém de que gosta?

– Sim – respondeu Venâncio atônito.

– Então sabe.

A partir daquele episódio, que Venâncio não sabia se era real ou se era fruto da sua imaginação, ele iniciou uma campanha para não deixar que o Manacá fosse cortado.

– Isso é coisa da Julinha, né pai? Ela adora essa árvore.

Mas não temos outro jeito. Se não cortarmos, não tem espaço para fazer o quartinho do senhor.

No seu dilema de não ter mais onde ficar e ter de cortar o Manacá, Venâncio ia conversar com a árvore, escondido de todos, enquanto a menina ia à escola.

Com Julinha não se preocupava, mas os outros não iriam entender.

– Eu não sei o que fazer. Minha filha não tem onde me pôr. Estou dormindo na cama dela. Ela e o marido se apertam no sofá da sala. Não é justo. O Carlito trabalha muito na fábrica. Também não tenho como voltar para a casa onde vivia. Já alugaram.

– Entendo o seu problema. Só não queria morrer na primavera. Você entende?

– É claro. A primavera é o seu melhor momento. Mas não quero que morra.

– Obrigado, amigo. Você será recompensado por salvar a natureza. Acredite. Nós podemos fazer muito por vocês. É só vocês nos preservarem.

Estava resolvido. Venâncio disse para a filha que não enxergava mais nada. Precisava da cirurgia de catarata.

Era mentira, mas ele achava que assim ela usaria as economias dele e não teria dinheiro para fazer o quartinho. Operaria e, depois, com a visão perfeita, voltaria a trabalhar e acharia outro lugar.

O Manuelzão estaria a salvo.

Assim foi feito: a cirurgia foi marcada e o dinheiro guardado seria usado.

– Como faremos o quartinho agora?

– Não sei, Carlito, mas daremos um jeito. Deus sempre ajuda. Eu acredito.

– Você é muito beata. A vida não é assim. Se Deus fosse ajudar todo mundo, morria.

Julinha ouviu a discussão.

– Papai, Deus é um velhinho muito bom. É como o vovô que quer salvar o Manuelzão. Ele não vai morrer não. Carlito deu de ombros e saiu.

Operado do primeiro olho, que estava realmente mais afetado, Venâncio já viu grande recuperação da visão até voltar para operar o outro, onde o problema era menor, e achou que seria rápido para encontrar um emprego e resolver tudo.

Quase dois meses desde que o sogro se mudara para a casa da filha, Carlito já não aguentava mais ter de dormir na sala.

– Não dá mais, Débora. Não aguento as minhas costas. Eu trabalho duro. Por que não internamos seu pai em um asilo?

– Asilo? Não, não podemos fazer isso. Ele vai se sentir um inútil. Isso o matará.

– Então que eu morra, né? – bateu a porta irritado o marido e saiu.

Venâncio ouviu a discussão.

– Filha, eu aceito ir para o asilo.

– Não, vovô, eu não quero! – Julinha começou a chorar e abraçou o avô.

– Não vai acontecer, pai.

– Venha, vovô - a neta arrastou Venâncio para o quintal um dia depois – O Manuelzão disse que chegou o momento.

– Que momento?

– De entregar o tesouro.

Os dois foram ao quintal e a árvore indicou onde cavar. Venâncio cavou e encontrou um baú. Dentro havia dinheiro e joias. Ele ficou muito surpreso.

Ao mostrar para Débora, ela reconheceu o baú. Fora tirado de uma mansão por ladrões e sumiu misteriosamente.

– Não podemos ficar com isso – ela disse.

Mas Carlito não concordou.

Em pouco tempo, um quartinho foi erguido em torno do Manacá, que ficou em uma espécie de área, pois era exigência do velho radialista, e ele se mudou para lá.

Carlito achava que deveriam gastar o dinheiro e vender as joias com muita calma para não chamar a atenção.

Se perguntassem como conseguiram dinheiro, responderiam: com trabalho, muito trabalho, mas também porque nós temos um Manacá encantado.

ELOY DE OLIVEIRA é graduado em Jornalismo, com Especialização em Gestão de Crise, além de escritor e gestor de marketing. Desde 2015 é titular da cadeira nº 31 na Academia Saltense de Letras, cujo patrono é João Cabral de Mello Neto. Contato com o autor pelo e-mail: eloydeoliveira@gmail.com.



EU, O JATOBÁ

Anna Osta

Na primeira vez que senti o vento, eu tinha acabado de romper um período de dormência de seis meses e as condições atmosféricas me eram favoráveis: estava úmido e quente, com uma brisa suave a soprar para o vale o calor daquela manhã de janeiro. Frágil e ainda pequena, contava com apenas dez centímetros de altura! Mas estava sedenta por nutrientes que ajudassem no desenvolvimento dessa fase vegetativa de minha existência.

Para minha sorte, germinei em terreno fértil, rodeada de seres da minha espécie e com ancestrais em comum, a família *Leguminosae-Caesalpinoideae*. Pode parecer estranho dizer isso, mas espécime como eu precisa sobreviver a inúmeros desafios, como infestação de plantas daninhas e ataques de insetos, sobretudo formigas, tão comuns nessa etapa da germinação. Sem falar nas intempéries e nos outros seres vivos que coabitam nosso ecossistema. Portanto, contar com sorte nos primeiros dois ou três anos de vida é fundamental para o desenvolvimento e sobrevivência no reino vegetal.

Claro que também contou a meu favor eu ter germinado em um país que possui a flora arbórea mais diversificada do mundo. E essa flora nativa ter passado por um rigoroso processo de seleção natural, ao longo de milhares de anos, que gerou espécies geneticamente resistentes.

tes e adaptadas ao nosso meio ambiente.

Então, com todas essas variantes favoráveis e sob proteção da família que me circundava, tornei-me uma frondosa árvore de Jatobá, que é como sou popularmente conhecida no Brasil. E, como minha espécie ocupa grande parte do país, do Piauí ao Norte do estado do Paraná, ganhamos ainda outros apelidos, como Jataí, Jitaí, Farinheira, Burandã e Imbiúva, com pequenas variações de nomes compostos, letras e pronúncias.

Mas, voltando ao início, quando senti o vento me tocar, fiquei encantada com a experiência! Uma cosquinha percorreu minhas duas lâminas foliares e balançou meu diminuto caule, provocando uma leve e gostosa sensação de vertigem. Na hora, reconheci aquela sensação e um lampejo de memória inconsciente aflorou: eu voando dentro de uma cápsula, nas ondas do vento invernal, desde uma altura de vinte metros até aterrissar em solo de terra fofa, que amortizou a pancada inesperada.

Naquela época, eu ainda estava em outro estágio de vida, dentro de um fruto robusto e protegida por uma casca rígida, no formato de uma vagem marrom. Alguns dias depois, a parte da casca, em contato com o terreno úmido, foi apodrecendo e as formigas ajudaram a abrir suas fibras, arejando e expondo a polpa que envolvia duas sementes: eu e minha irmã.

Poucas semanas depois, uma chuva de primavera amoleceu o terreno e ativou enzimas internas do meu ser, dando início a um ciclo novo em minhas entranhas. Cedi a pressão da inércia e me deixei enterrar naquele ambiente acolhedor, separando-me definitivamente de minha irmã. Não demorou muito e eu deitei raízes naquele pedaço de chão, onde em pouco tempo desabrochei, lancetando meu

frágil caule para fora da terra em busca do calor do sol. Foi quando senti o vento e imediatamente soube que ele era um elemento amigo e se tornaria importante parceiro na propagação das minhas próprias sementes, em um futuro próximo.

Tudo isso que contei aconteceu meio século atrás e perdi a conta de quantas sementes lancei ao vento nesse tempo de vida – porque tenho produzido de oitocentos a dois mil frutos a cada três ou quatro meses após a floração, quase todo ano, desde que atingi o estágio de árvore adulta. Por essa razão, exalto tanto esse elemento da natureza, o vento, presente em tantas etapas de minha existência desde o princípio de tudo.

Além do vento, destaco também a participação ativa dos beija-flores e das várias espécies de morcegos no processo de polinização das minhas sementes – fase igualmente importante para a propagação da espécie e da subsistência simbiótica da natureza. Tenho cócegas quando um passarinho insere seu bico no meio das pétalas de minhas flores miúdas, em busca de néctar, e depois carrega o pólen por distâncias de até sete quilômetros de onde me encontro. É um prazer indescritível fazer parte desse ciclo de vida neste planeta.

Embora possa parecer que eu já vivi muito, por estar aqui há cinquenta anos, a verdade é que não se sabe ao certo quantos anos pode viver um Jatobá. Sabe-se, contudo, que posso passar facilmente de mil anos. Isso se a ação do homem não interromper o ciclo natural de minha existência. Porque de todas as ameaças que enfrentei nesse período, de vendavais a estiagens, de granizos a raios, de alagamentos a incêndios, sem sombra de dúvida, o poder devastador do ser humano é o que mais assusta.

Lembro-me de quando atingi a altura de vinte metros e lancei galhos em toda a circunferência do meu tronco, que na época media um metro de diâmetro. Estava tão feliz! Doze anos tinham se passado desde a germinação do meu estágio de semente no fundo da terra até esse estágio de plena exuberância. Eu era então uma planta adulta e saudável e com pouquíssimos riscos à minha sobrevivência. Até que senti a violência dos golpes de um machado, podando um dos meus lindos e perfeitos galhos, justamente um que tocava de leve o beiral de uma casa.

No primeiro golpe, a seiva que circula internamente em meus troncos e galhos gotejou de dor e tristeza. Tive ímpeto de vingança! Pensei em tombar inteira sobre aquele homem, esmagando-o sob meu peso e, de sobra, danificar também aquela edificação estranha ao nosso habitat. Mas minhas raízes, já solidificadas no peão central debaixo da terra e suas ramificações externas, contiveram meu impulso. E eu apenas me deixei podar...

Naquele dia, quando a lua despontou majestosa no Leste do horizonte, senti seu magnetismo solidário me envolvendo em um forte abraço. A noite caiu como um véu protetor e espargiu gotículas de orvalho no local podado, limpando-o das impurezas e estimulando sua cicatrização por meio da minha energia curativa – não é à toa que sou considerada uma espécie de árvore sagrada pelos povos indígenas.

O frescor noturno despertou a fragrância das flores e do mato que me circundava, renovando minha força interior. E, assim, quando na manhã seguinte a luz do sol tingiu o céu de nuances vermelho e laranja, soube que eu iria sobreviver àquela violência gratuita. Renovei minhas energias curativas e, pouco tempo depois, lancei novos ga-

lhós no local agredido. A minha vingança transmutou-se em vigor e continuei crescendo, crescendo, até duplicar de tamanho e volume.

Hoje, do alto dos meus quarenta metros, contemplo com tristeza o meu redor. Muitas árvores da minha espécie foram derrubadas porque nossa madeira é muito resistente, sendo utilizada exatamente para acabamento interno das casas, que agora ocupam o nosso espaço original. Do plantel de onde eu brotei meio século atrás, apenas eu sigo resistindo. Até quando? Difícil prever! Mas, por enquanto, sei que sigo dando sorte porque, no traçado das ruas que fizeram no montículo onde estou, fui mantida em um pequeno recuo de esquina. Eu, por minha vez, evito abusar da sorte e desvio meus galhos do beiral da nova casa construída no terreno ao meu lado.

ANNA OSTA é jornalista graduada pela PUC-Campinas e escritora. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras, da qual foi presidente no período de 2015 a 2020. A sua patronesse na cadeira nº 2 é Rachel de Queiroz. Contato com a autora pelo e-mail: anna-osta@uol.com.br.



OBRIGADO PELOS PEIXES

Jean-Frédéric Pluvinage

Dia 01

A lousa digital se acendeu com piscadelas de neon e sons agudos. Nela apareceram as imagens das antigas criaturas. Uma lendária espécie que andava em duas patas, com a incomum característica de polegares opositores e a curiosa falta de pelos a cobrir todo o corpo. Esses seres não tinham escamas, nem penas. Eram animais de pele exposta como a gente. Mas enquanto a nossa pele é acinzentada, a deles era dos mais variados tons. Costumávamos debater o nome que essas criaturas teriam. Nossos estudantes mais ousados curtiavam chamá-los de “os pelados”.

Uma sombra apareceu por cima das imagens projetadas. “Bem-vindos a nossa aula introdutória de Arqueobiologia!”

O professor estava animado com a presença de tantos alunos. Era uma matéria nova no ambiente acadêmico com vasto campo de trabalho e muito a ser pesquisado. Com um leve pigarro, ele foi ao pódio e se dirigiu às centenas de olhos que o fitavam. Dali, com sua cauda, apontou para as estranhas figuras nuas e bípedes na lousa e discursou.

“Arqueobiologia é a ciência e estudo do passado de espécies sencientes e suas civilizações que viveram aqui antes de nós. É também a compreensão de como essas civilizações interagiam com seu próprio ecossistema. Se era uma

interação harmoniosa ou predatória. E se essa interação foi a causa ou não da extinção dessa espécie”.

Com pequenos gestos no ar, o professor movia as imagens da lousa. As criaturas logo foram substituídas por uma série de imagens. Restos de habitações em ruínas, ferramentas, pedaços de tecidos. Mas nós não estávamos querendo ver imagens. Logo viriam os dias de escavação, a oportunidade de ver, presencialmente, um pedaço do passado. Estava ansioso para entender a trágica história dos pelados.

Dia 10

Nossa primeira excursão acadêmica foi para mar adentro. Felizmente, nossas guelras permitem permanecer por horas submersos na imensidão azul, de modo que poderemos investigar uma antiga habitação coletiva dos pelados por meses. Nossos queridos pelados não possuíam guelras, o que fez os alunos novatos questionarem o motivo de suas antigas cidades serem submersas.

“Eram criaturas terrestres”, explicou o professor. “E viviam em grande parte em cidades costeiras, em uma época em que os polos do planeta ainda não haviam se derretido, e na qual a temperatura média era abaixo dos 50 graus”. Como eles podiam sobreviver a uma temperatura tão fria era mais um dos mistérios da nossa Arqueobiologia...

Mergulhamos juntos, com nosso equipamento de segurança e pesquisa e, com rápidos movimentos de nossas nadadeiras, chegamos ao destino. Nossa primeira descoberta: uma espécie de estátua, representando essas maravilhosas criaturas e sua civilização, descansava em uma grande formação rochosa no fundo do mar como se protegesse a cidade que iríamos estudar.

Dia 15

A cidade submersa é rica em artefatos e resquícios dos pelados. Estabelecemos nosso acampamento em uma espécie de coliseu com restos de relva verde artificial. Estávamos cercados de ruínas de habitações de ferro e concreto, e carcaças metálicas que pareciam grandes quadrúpedes com patas de borracha. Grandes postes ornados com dois arcos amarelos no topo foram vistos frequentemente entre as ruínas, e sempre apareciam ao lado de habitações que continham fileiras de cadeiras. Nosso professor já tinha uma hipótese científica sobre o assunto.

“É obviamente um símbolo religioso deles, e aquele espaço ao lado parece ser o local de louvor de seus antigos deuses...”

Dia 42

Nossas pesquisas avançam lentamente e sem respostas, como um sonar que emitimos para o vazio buscando o sentido da vida. Pelo menos conseguimos analisar a linguagem dos pelados a partir das inscrições e símbolos que resistiram ao tempo e à água. Codificamos as palavras, mas ainda é difícil entender seus significados. A cidade em que estamos, por exemplo, era denominada como um rio, o que não faz muito sentido por se tratar de uma cidade e não um curso d'água. Também não entendemos o que significa a palavra “Janeiro”. Deve ser o nome do rei que comandava a cidade. Era, portanto, o rio ou a cidade dele.

Dia 92

Após longas semanas de pesquisa, tivemos nossa maior descoberta até agora: cápsulas contendo informações sobre a vida e a cultura dos pelados! Tudo graças a nossos

equipamentos de pesquisa que detectaram um sinal emitido com frequência e, ao investigarmos a origem, encontramos uma espécie de câmara subterrânea contendo centenas, milhares, de invólucros de metal. Levamos essas cápsulas para um laboratório especial, desprovido de água e oxigênio, para uma ampla análise sem o risco de destruir seus conteúdos.

Minhas barbatanas estão ouriçadas de ansiedade. Não imaginávamos que os pelados eram capazes de tamanha tecnologia. Tudo que estava ali foi feito para ser preservado e descoberto. Era uma mensagem para a posteridade. Mas que mensagem seria?

Dia 190

Após meses de longa análise e codificação, finalmente conseguimos compreender o conteúdo das cápsulas. Felizmente os pelados, ou homo sapiens como eles se denominavam, tiveram o bom senso de explicar por meio de seus vários documentos todo o seu alfabeto, linguagem e cultura de forma didática. Isso facilitou e muito a posterior compreensão de sua história. As cápsulas, por fim, eram uma mensagem de alerta para que futuras civilizações não sigam a mesma história deles.

E que história trágica. Eles testemunharam a submersão de suas cidades. Mais do que isso: estavam cientes que eram a causa dessa catástrofe. Aqueceram a biosfera em que viviam a um ponto de colocar em risco seu próprio ecossistema. Migrações forçadas, guerras e pandemias se seguiram e, junto a isso, a extinção em massa de flora e fauna. Insetos que eles chamavam de abelhas tiveram um fim prematuro e com elas caiu todo um sistema ecológico dependente de polinização.

Não foi a destruição do planeta, nem foi um fim abrupto e apocalíptico desses pelados, mas foi uma longa e penosa mudança que eles geraram em um ecossistema que deixou de ser confortável para sua espécie. Faltou vontade política para reverter o processo nos primeiros alertas e, quando as mudanças se tornaram insuportáveis, foi possível apenas amenizar os problemas. Os que sobreviveram a essas contínuas alterações tiveram de suportar climas extremos, falta de alimentos, aumento do nível de água.

O que aconteceu com eles no final? As cápsulas não contam. Talvez tenham perecido lentamente, amargurados demais para terem filhos em um mundo tão difícil. Talvez tenham conseguido descobrir a tecnologia para viajar a outros mundos e decidiram partir para planetas em melhores condições.

Na cápsula final, uma nota sobre a incrível evolução dos golfinhos. A inteligência e a anatomia desses animais indicavam que seriam os futuros herdeiros de uma terra devastada. Em poucas gerações haviam adquirido guelras e uma inteligência equivalente ao de uma criança de três anos, com potencial para mais avanços. Uma imagem desses tais golfinhos revelou ser bastante familiar: eram aquelas figuras que sempre víamos nas aulas de história sobre nossos antepassados.

Dia 197

De volta ao meu lar, fico a pensar sobre a natureza e nossos destinos. O mundo que conhecemos hoje, tão confortável para minha espécie, foi consequência direta das ações de uma outra civilização, tão ambiciosa quanto a nossa. Bem, pelo menos obrigado pelos peixes que vocês deixaram!

Mas será que estamos seguindo o caminho deles, a ponto de também tornarmos a bioesfera atual diferente demais para nosso conforto?

Termino meu caderno de anotações por aqui, deixando minha imaginação indagar se uma futura criatura de outra civilização lerá minhas mensagens. Ei, você leitor do futuro, sim você mesmo com seus tentáculos e antenas, ou seja lá quais forem seus apêndices: saiba que a natureza é forte e sobrevive, mas nossa vontade de explorá-la será a base apenas de ruínas sobre (será que é sobre ou sob?) as águas.

Abraços de golfinho!

JEAN-FRÉDÉRIC PLUVINAGE é professor e empresário do ramo editorial. É graduado em Jornalismo e em Design Gráfico, além de Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Unicamp. Desde 2018 é titular da cadeira nº 26 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é o filósofo Sócrates. Contato com o autor pelo e-mail: jean@foxtablet.com.br



AMOR EM EXTINÇÃO

Núbia Istela

Áurea Maria bufou ao ver Ully Torcatto se aproximando do veículo que as levaria para mais de 565 quilômetros dali.

– O que essa parasita está fazendo aqui? – gritou, fora de si.

– Olha aqui, garota, você para porque eu ainda não esqueci o que você fez – respondeu a outra, ofendida, partindo para cima de Áurea.

Os professores responsáveis pela excursão, que as levariam de Belo Horizonte até o Parque Estadual de Grão Mogol, tentaram logo acalmar as duas garotas, que estavam a ponto de se machucarem.

A real é que Áurea não suportava Ully desde o dia em que se conheceram, semanas atrás.

Estudante de Engenharia Ambiental, Áurea Maria pertence a uma família de ambientalistas ativistas. A garota cresceu preocupada com o futuro do planeta e, desde criança, participa e lidera ações sustentáveis.

No entanto, numa ocasião em que esperava o ônibus próximo ao campus, viu um carro parar próximo ao meio fio, e a pessoa que estava dirigindo depositar na rua três garrafas de cerveja vazias. Aquela visão a enfureceu de tal forma que, antes de o carro arrancar, ela chegou até as garrafas e jogou, uma por uma, no retrovisor do veículo, trans-

formando o local numa verdadeira cacaria.

A garota que estava no veículo era Ully Torcatto, conhecida como a rebelde sem causa e sobretudo por não conseguir concluir um semestre na faculdade devido a inúmeras faltas, mas também pelas famosas festas que organizava.

– Parem com esse bate-boca, vocês duas – gritou, sem paciência, a professora Mariana – Se vocês não cessarem essa discussão, vou colocar as duas na mesma poltrona – ameaçou.

Áurea e Ully se calaram; o incômodo, porém não passou. A futura ambientalista estava inconformada. Aquela viagem era apenas para os melhores pesquisadores, para os alunos que se destacaram em todas as atividades nos últimos meses. E conhecia perfeitamente a fama de péssima aluna que perseguia Ully.

Após um pouco mais de oito horas de viagem, chegaram ao local onde acampariam e descansariam para começarem os trabalhos na manhã seguinte.

Antes mesmo de o sol apontar no horizonte, Áurea já estava acordada. Ansiosa por conhecer a região, não se intimidou a sair sozinha até que os outros acordassem.

Ao voltar do passeio matinal, o café já estava servido.

– Pessoal, é o seguinte: vamos trabalhar em duplas. E, no final, é o colega quem avaliará o comprometimento do outro – explicou a professora Mariana, enquanto se servia de suco de laranja. – E as duplas serão sorteadas.

Ully parecia estar no mundo da lua, não escutava nada até o professor gritar seu nome pela terceira vez. Nesse momento, Áurea revirou os olhos impaciente com a lentidão de Ully para pegar o papel na urna com o nome de quem seria sua dupla.

A garota entregou o papel sem muito ânimo ao profes-

sor e voltou para o seu lugar.

– Áurea Maria, você é a dupla de Ully – o professor Marcos informou, parecendo não se lembrar do episódio anterior.

– O senhor ficou doido, professor? Como é que o senhor acha que eu vou deixar a minha vida na mão dessa patricinha que não tem ideia do que está fazendo aqui? Aposto que ela não sabe nem diferenciar o cerrado da mata atlântica.

– Não tem mais, nem menos, Áurea Maria – interrompeu Mariana, taxativa.

Áurea saiu bufando, chutando as pedras. Ela queria gritar, chorar e esbravejar. Ninguém compreendia o quanto aqueles dias no sertão mineiro eram preciosos e necessários para a sua carreira. E a colocaram com uma profana do meio ambiente. Sua cabeça estava a mil, até que a voz de Mariana a tirou do tumulto em que estavam os seus pensamentos, exigindo que todos se aproximassem.

– Pessoal, essa é a Ângela Moraes. Ela é gerente aqui do parque, prestem atenção no que ela tem a dizer – gritou Mariana, para que todos pudessem ouvi-la.

– Pois bem, pessoal. Sejam todos bem-vindos ao Parque Estadual de Grão Mogol. Essa é uma unidade de conservação de proteção integral da esfera estadual mineira. O parque foi criado em 1998, inserido no bioma cerrado e tem uma área de 28.404,487 hectares. Imagino que vocês conheçam bem o tipo de vegetação que temos por aqui. Eu desejo a todos e todas ótimos estudos!

Os professores explicaram que cada dupla ficaria responsável por uma determinada espécie; Áurea e Ully coletariam e estudariam o *Discocactus horstii*.

– Disc... O quê? – perguntou Ully a Áurea.

– Não precisa atrapalhar a minha pesquisa, fica aí na sua, garota – disse Áurea, ao sair, esbarrando em Ully.

– Olha aqui, Áurea Maria, eu não queria estar nessa droga de fim de mundo. Eu estou aqui obrigada pelos meus pais, que conseguiram me enfiar nessa excursão. E eu só vou ter a minha vida de volta se eu me esforçar o mínimo nisso aqui. Ou você acha que eu queria estar em dupla com você? – Ully começou a chorar – Meus pais tiraram meu carro, meu celular e minha mesada, tudo isso por causa do meu comportamento, por causa das minhas notas, enfim, o fato é que eu não queria estar aqui – desabafou.

– E eu odeio gente que joga lixo por aí. *Discocactus horstii*, garota, é uma espécie endêmica aqui do estado de Minas Gerais, e só existe aqui em Grão Mogol. De acordo com as pesquisas, ele foi alvo de intenso extrativismo no passado. E, agora, apesar de estar inserido em uma unidade de preservação, a existência dele é limitada. – explicou, já desamarrando a carranca.

– Entendi. É uma espécie vulnerável que depende de proteção permanente para continuar existindo – Ully completou.

– Até que você não é tão idiota quanto pensei – espiçou – Essa espécie foi muito coletada na década de 1970, destinada ao comércio nacional e europeu.

Os dias passaram como num passe de mágica e o improvável aconteceu: os laços entre Ully e Áurea se intensificaram durante os dias de estudo no cerrado mineiro.

– Mas, e aí, por que você estuda Biologia? Você nem gosta... – Áurea perguntou, arrumando o material após o penúltimo dia de excursão.

– Ah, sei lá. Eu precisava fazer alguma coisa... fui obrigada a escolher um curso. Aí me joguei nesse – falou, aju-

dando Áurea.

– Fazer coisas que a gente não gosta é muito ruim. Eu não faria o mesmo – disse Áurea olhando para Ully.

Ully se aproximou, brincando com um cacho de cabelos que caía sobre o rosto de Áurea.

– Você é tão bonita... tão rara quanto o *Discocactus horstii*. Por que se esconde nesses moletons, hein? – Ully quebrou a seriedade da conversa. – Mas sabe o que eu quero mesmo?

Áurea ainda não tinha se recuperado do elogio gratuito de Ully.

– O que? O que você quer para sua vida? – perguntou, ainda sem jeito.

– Eu queria viajar, não ter um lugar fixo, às vezes penso que estou perdendo tempo na vida, fazendo essas coisas que eu não gosto. Sinto uma vontade imensa dessa vida que flui no mundo, mas parece que falta em mim – Ully se empolgou.

– Que massa! Eu vou sentir sua falta, Ully. No final das contas, existe uma alma dentro de você – Áurea segurou a mão de Ully.

– Você sabia que mais seis tipos de cactos daqui do parque foram para a lista vermelha de espécies em extinção? – Ully mudou de assunto.

– Olha, para quem não gosta de mato, você está por dentro do assunto – Áurea brincou.

– Me perdoe pelas garrafas na rua. Observando você aqui, pude entender o quanto tudo o que faz é importante para o mundo. Quando chegar em casa, eu vou trancar a faculdade por enquanto, até encontrar meu próprio caminho. Eu também quero fazer algo que seja importante para mundo, desde que não seja Biologia. – Ully disse, e Áurea a abraçou.

– Tudo bem, a gente se encontra em “beagá” para fazermos o que não pudemos fazer aqui – a ambientalista disse, maliciosa.

– Vai ser um prazer – outra respondeu juntando-se aos demais para a penúltima noite no Norte mineiro.

NÚBIA ISTELE é jornalista pós-graduada em Comunicação e Marketing de Mídias Digitais. Desde 2019 é titular da cadeira nº 37 na Academia Saltense de Letras, tendo como patronesse Aurora Duarte. Contato com a autora pelo e-mail: istelajornalismo@gmail.com



NATUREZA OU PANDORA

Leandro Thomaz de Almeida

- Está fazendo o que aí, Katinha?
- Lendo e tentando escrever um lance sobre a natureza, Cabral.
- Natureza? Por quê? De onde vem essa ideia?
- É um conto. O tema é “natureza”. Eu queria pôr aqui aquela descrição que aparece no delírio do Brás Cubas em Memórias póstumas. Mas está meio difícil. Não estou conseguindo criar uma situação convincente, um diálogo realmente interessante que justificasse encaixar aquele trecho.
- Você só pode estar brincando. Nunca vi você com um livro na mão. Agora, falar que quer escrever um conto, aí pirou de vez.
- É uma coisa estranha, Cabral. Estou com uma desconfiança das bravas. Já senti isso faz muito tempo, em uma situação totalmente diferente. Mas parece que estou tendo uma espécie de déjà-vu...
- Você está meio estranha...
- Cara, lembrei, é isso!
- Isso o quê?
- Cabral, a gente não existe.
- Como assim?
- A gente é pura invenção. O Leandro precisa escrever um conto, a coisa não está saindo, e ele teve a ideia de

criar esse diálogo que a gente está tendo. Já me aconteceu algo parecido antes.

– Pirou, Katinha?

– Eu já devia ter sacado. Essa conversa de escrever sobre a natureza, esse nosso diálogo que até agora não chegou a lugar nenhum. A gente é só pretexto pra ele escrever um conto.

– Até parece, Katinha. Seria óbvio demais. Mais um texto sobre a falta de assunto pra escrever um texto. Quanta gente já fez isso? Não falta crônica sobre a falta de assunto pra escrever uma crônica.

– Mas você já viu isso no conto?

– Eu não sou muito de ler conto, não lembro de nenhum assim, de bate-pronto, mas certamente deve ter.

– Mas se nós somos só personagens de um conto e o tal Leandro faz o que bem entende com a gente, então ele deve estar na expectativa de que a gente comece a conversar sobre a natureza e encaixe a tal passagem do delírio que o Brás teve em Memórias póstumas.

– Você está a fim de fazer isso pra ele?

– Olha, até onde o conheço não é lá má pessoa.

– E se a gente fizer do nosso jeito e não do jeito que ele quer?

– A gente pode tentar.

– Então diga aí o que você estava pensando. Mas diz logo, antes que ele apague tudo isso aqui.

– Acho que ele precisa mais de nós que nós dele...

– Vai logo, não enrola.

– Tá bom. O lance é o seguinte. Estava querendo usar o trecho do delírio do Brás porque lá tem umas ideias inquietantes sobre a natureza.

– Em que sentido?

– Sabe essa visão romântica, a harmonia da natureza, a bondade da natureza, a sublimidade da natureza? Esquece. Ali, a natureza é máquina de moer carne. A coisa começa com o Brás descrevendo a visão do que ele chama de “Natureza ou Pandora”. Ouça: “Tudo nessa figura tinha a vastidão das formas selváticas, e tudo escapava à compreensão do olhar humano, porque os contornos perdiam-se no ambiente, e o que parecia espesso era muita vez diáfano”.

– Maneiro... não conhecia isso não.

– Claro que não. A menos que algum autor quisesse que você conhecesse.

– Também não é assim, né.

– É claro que é assim.

– Deixa pra lá. Agora quero ouvir como acaba essa história.

– A nossa ou a da natureza no Memórias póstumas?

– Como se fosse possível saber a nossa...

– É só questão de tempo.

– Vai, não enrola.

– Vamos lá. Na ideia que eu tinha na cabeça, leria essa primeira parte e você entraria com uma pergunta a respeito de quem eu estava falando. Eu daria a resposta que está lá no livro do Machado: “chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e tua inimiga”. Aí você...

– Aí eu entraria na discussão pra dizer que a natureza só pode ser nossa amiga, porque está interessada em nossa sobrevivência, como parte dela que somos.

– É por aí. Agora a resposta dela: “– Não te assustes, minha inimizade não mata; é sobretudo pela vida que se afirma. Vives: não quero outro flagelo”.

– Uau, que sentençazinha pesada. Onde será que o Le-

andro queria chegar com esse negócio? Será que a ideia era apresentar uma opinião não muito frequente sobre a natureza?

– Só perguntando pra ele pra saber... Mas deixa eu continuar. É a natureza que fala ainda: “Sim, verme, tu vives. Não receies perder o andrajo que é teu orgulho; provarás ainda, por algumas horas, o pão da dor e o vinho da miséria. Vives: e se a tua consciência reouver um instante de sagacidade, tu dirás que queres viver”.

– Nada mais natural aos humanos, não?

– Pode ser, quer dizer, sei lá, pergunta pro cara que fica manipulando a gente aqui. Mas olha o que o Brás disse: “a Natureza que eu conheço é só mãe e não inimiga; não faz da vida um flagelo, nem, como tu, traz esse rosto indiferente, como o sepulcro”.

– E ela respondeu o que a isso?

– Ela pegou Brás pelos colarinhos e o encarou. Foi aí que ele a viu face a face: “Só então pude ver-lhe de perto o rosto, que era enorme. Nada mais quieto; nenhuma contorção violenta, nenhuma expressão de ódio ou ferocidade; a feição única, geral, completa, era a da impassibilidade egoísta, a da eterna surdez, a da vontade imóvel. Raivas, se as tinha, ficavam encerradas no coração. Ao mesmo tempo, nesse rosto de expressão glacial, havia um ar de juventude, mesmo de força e viço, diante do qual me sentia eu o mais débil e decrépito dos seres”.

– É depois disso que vem aquele oxímoro espetacular?

– Como é que você sabe isso? Ah, deixa pra lá. Sim, é depois disso. A natureza encara o Brás e declara: “eu não sou somente a vida; sou também a morte, e tu estás prestes a devolver-me o que te emprestei. Grande lascivo, espera-te a voluptuosidade do nada”.

– “Voluptuosidade do nada”. Pensando bem, acho que é melhor ser constituído de tinta e papel do que de carne e osso...

– Só sei que nosso limite de palavras está chegando ao fim. A gente precisa dar um jeito de terminar o conto. Se não conseguirmos, o Leandro pode mudar de ideia completamente, e nem essa fugaz existência a gente vai ter.

– O que falta?

– As perguntas decisivas da natureza ao Brás. Elas soterram todas as suas esperanças de encontrar nela respaldo para sua visão amena e amigável da belle nature.

– Então manda. Estou ouvindo.

– “Para que queres tu mais alguns instantes de vida? Para devorar e seres devorado depois? Não estás farto do espetáculo e da luta? Conheces de sobejo tudo o que eu te deparei menos torpe ou menos aflitivo: o alvor do dia, a melancolia da tarde, a quietação da noite, os aspectos da terra, o sono, enfim, o maior benefício das minhas mãos. Que queres mais tu, sublime idiota?”

– Imagino que ele respondeu que quer viver, com o que, aliás, a natureza deveria concordar, não? Por qual razão não seria assim?

– Segura essa: “porque já não preciso de ti. Não importa ao tempo o minuto que passa, mas o minuto que vem. O minuto que vem é forte, jocundo, supõe trazer em si a eternidade, e traz a morte, e perece como o outro, mas o tempo subsiste”.

– Meio egoísta, não, Katinha?

– “Egoísmo, dizes tu? Sim, egoísmo, não tenho outra lei. Egoísmo, conservação. A onça mata o novilho porque o raciocínio da onça é que ela deve viver, e se o novilho é tenro tanto melhor: eis o estatuto universal”.

- Caramba, é uma porrada mesmo.
- Não é?
- Quer dizer que acabou?
- Acabou. Eis a natureza segundo o delírio de Brás Cubas. É ou não é máquina de moer carne?
- Se é...
- Ei! chegamos ao fim. Não é que o Leandro nos enganou direitinho? Ficamos aqui nessa conversa e agora o conto dele está prontinho.
- Ele bem que poderia prolongar nossa existência em outra história, não?
- Esquece, Cabral. Autores não diferem em nada da natureza...

LEANDRO THOMAZ DE ALMEIDA é formado em Letras pela Unicamp e Mestre e Doutor em Teoria e História Literária pela mesma instituição. Desde 2019 é titular da cadeira nº 33 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Luiz Castellari. Contato com o autor pelo e-mail: leandroth@gmail.com.



VIDA NO CAMPO

Jorge Duarte

*“Vejo árvores verdes / Rosas vermelhas também /
Vejo-as florescer/ Para mim e para você / E eu penso
comigo mesmo / Que mundo maravilhoso / Eu vejo o
céu azul / E nuvens brancas / O abençoado dia claro
/ A sagrada noite escura / E eu penso comigo mesmo
/ Que mundo maravilhoso / As cores do arco-íris /
Tão bonitas no céu / Estão também nos rostos / Das
pessoas a passar / Eu vejo amigos se cumprimentando
/ Dizendo: “Como você vai?” / Eles estão realmente
dizendo: “Eu te amo” /
Eu ouço bebês chorando / eu os vejo crescendo /
Eles vão aprender muito mais do que eu jamais
vou saber / E eu penso comigo mesmo / Que mundo
maravilhoso / Sim, eu penso comigo mesmo / Que
mundo maravilhoso!”*

Embora vivesse em meio à selva de pedra da capital paulista, sem ao menos poder admirar o nascer e o pôr do sol do alto do seu apartamento, mesmo assim ela sonhava em viver próximo à natureza, num mundo maravilhoso como o da canção que adorava, cantada por Louis Armstrong (What a Wonderful World), cuja tradução ela trazia sempre consigo.

Um dia esse seu sonho chegou, até bem mais rápido

que imaginava, quando se viu de repente obrigada a mudar seu destino e passar a viver em uma propriedade rural.

Passou então a acordar bem antes de o galo abrir o bico. Ao ouvir o seu canto, o cheiro de café já tinha invadido a casa e a varanda. Enquanto as crianças ainda dormiam, arrumava um pouco das coisas que haviam deixado espalhadas pela casa e calculava o tempo que faltava para acordá-las.

Uma das coisas que lhe cortava o coração era quando chegava o momento de interromper o sono tranquilo daquelas criaturinhas inocentes, tanto que ao se aproximar delas, o fazia com o maior cuidado, quase que sussurrando para despertá-las sem nenhum sobressalto.

Chamava carinhosamente pelo nome e ao mesmo tempo acariciava aqueles rostinhos que começavam a ser riscados pelas primeiras luzes do dia, tornando-os ainda mais bonitos e singelos. Preparava-os pacientemente para a escola: a roupa, o cabelo, o lanche, acomodando os cadernos e os livros na mochila. O perueiro nunca se atrasava e tinha paciência com os minutos perdidos por conta do zelo excessivo da mãe nos cuidados que antecediavam o embarque.

O motorista, pelo retrovisor, diariamente acompanhava aquela bela mulher acenando e jogando beijos para os filhos, até fazer a curva logo após a porteira, entremeada por dois frondosos flamboyants que embelezavam a entrada daquele pacato lugar.

Hora de voltar para o batente, terminar a arrumação da bagunça, começar a mexer com o almoço e dar as ordens ao capataz. Tudo era estranho e novo para quem até então vivera atenta ao mundo tecnológico e gozando da modernidade oferecida pela metrópole.

De repente a mudança radical: o marido dispensado da empresa investiu numa pequena propriedade rural e mudou-se com a família, para alguns meses depois retornar sozinho para a cidade, abandonando mulher e filhos. Como não lhe restava opção, ela continuou naquele lugar sossegado, afastada da estressada civilização urbana, do congestionamento e dos shoppings, das amizades do casal, dando prioridade a uma educação de valores mais éticos e ao mesmo tempo dedicar mais tempo à convivência com os filhos e, na medida do possível, recompor os cacos e tentar traduzir aqueles sinais que a vida caprichosamente lhe impusera.

Aprendeu a temporada dos plantios e das colheitas de vários produtos agrícolas. Por ser uma região pródiga em geadas, criou uma estufa de abrigo às orquídeas e foi, aos poucos, desenvolvendo a arte desse cultivo, conseguindo tonalidades coloridas fascinantes que em nada a faziam lembrar, do único vaso que enfeitava solitariamente a minúscula área de serviço de onde morava na Capital.

Ficava horas revirando a terra, cuidando do jardim que enfeitava a entrada da varanda, replantando mudas de flores que davam um toque de ternura à fachada da casa de campo. Não parava de incluir no jardim plantas de múltiplos coloridos, onde descansavam seus lindos olhos esverdeados.

Embora não tivesse receio da proximidade dos gados, nunca teve sucesso na retirada do leite através da ordenha manual, que parecia tão simples ao ver o manejo do empregado no curral.

Quando as crianças voltavam da escola, acompanhava com satisfação a curiosidade dos pequenos em contato direto com a natureza, pés no chão, correndo atrás de gali-

nhas, gansos e marrecos, sempre vigiados de perto pelos curiosos e bagunceiros filhotes de Golden Retriever.

Um belo casal de cisnes negros, em acrobacias sincronizadas e silenciosas, se banhava preguiçosamente no lago, cujas águas escorriam das encostas montanhosas que emolduravam aquela paisagem campestre.

Atenta ao cantar da passarada, já sabia distinguir o canto nostálgico do sabiá-laranjeira, empoleirado na copa dos arvoredos, dos trinados melodiosos de pintassilgos e de papa-capins, em contraste aos estridentes bandos de tuins e maritacas que sobrevoavam a redondeza ao entardecer.

Sim, já tinha um plano em mente: não voltaria mais à cidade, criaria os filhos naquele remanso da vida no campo, até que a vida mostrasse o melhor rumo a ser seguido. Para o seu destino, se lhe fosse dado o poder de interferir, já o sabia de antemão: envelhecer os anos que lhe restavam ao lado dos filhos, atenta à florada dos girassóis, damas da noite, azaleias, hortênsias, primaveras, orquídeas, rosas e gerânios do seu jardim, e cantarolando a sua canção preferida.

JORGE DUARTE é graduado em Letras (Português/Inglês). É jornalista e atua como redator, cronista e revisor. Desde 2014 é titular da cadeira nº 29 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Pablo Neruda. Contato com o autor pelo e-mail: jorge@taperacom.br



VITIS VINIFERA

Mônica Leite de Araújo Dalla Vecchia

M. viajava sozinha. Naquela manhã de verão, seu destino era Bordeaux, saindo da estação Montparnasse, em Paris. Em duas horas, pelo TGV, seu “trem azul”, com todas as promessas da metáfora da canção, faria um encontro que a ajudaria a ressignificar sua vida. Na etiqueta de identificação de sua única mala, de um lado, estavam gravadas suas iniciais, M.F. e, de outro, figurava a seguinte inscrição: *Veritas lux mea* (A verdade é a minha luz). Como gostava de alimentar um ar de mistério em torno de si, havia escondido um pequeno origami dentro da etiqueta, no qual estava escrita uma outra frase, complemento da precedente: “Não se chega à verdade, senão pelo amor”, palavras de Santo Agostinho, cuja leitura provocava-lhe sempre um desconforto, seguido de conflito cognitivo e êxtase.

O chefe da estação sopra forte o seu apito, anunciando a partida iminente do trem. Esse sinal poderia indicar um novo começo? Fechamento de portas. O pensamento de M., acompanhando a movimentação do trem, vai buscar o que está à frente, a origem, invertendo aquela visão usual, compatível com o que diz a razão. Tudo flui, dizia Heráclito. A frase ecoa em seu espírito e ela se deixa levar, entrando em um quase estado de narcolepsia. Seu corpo languidamente começa a apagar, mas sua mente

continua acordada. Seria um paradoxo? O filósofo resalta ainda que o mundo está impregnado de opostos em constante interação e que, sem eles, deixaria de existir. Como valorizar a saúde se nunca ficou doente? Nessa lógica, tanto o bem quanto o mal são necessários ao todo. Vivemos sob a égide do princípio da dualidade e M. teria que enfrentar o desafio de equilibrar essas forças opostas, o Yin e Yang, para (re)encontrar harmonia.

O trem para na estação de Bordeaux-Saint Jean e M. desce. Sem olhar para trás, caminha com passos firmes, como quem tem pressa, pensando na paz que pode encontrar no silêncio. *Adelante, adelante*. Alguém grita na estação e isso, finalmente, lhe convém. Para frente, para frente, de qualquer forma, ela sabe que deve seguir. Nessa época do ano, há muitos espanhóis na cidade, pela proximidade das fronteiras. Na alameda que a conduz a seu alojamento, um desfile de castanheiras da Índia desce suavemente às margens do rio Garonne.

Antes de chegar ao hotel, ela senta em um banco da praça de mesmo nome deste. O Hotel de Quinconces, fundado em 1834, foi testemunha de dois séculos de história. Chegou a sediar até o Consulado dos Estados Unidos da América durante a Guerra Fria. Assim, alçapões secretos e portas blindadas criam uma atmosfera enigmática que atrai a imaginação de M., fazendo-a viajar. “Decifra-me ou te devoro”. Será que passaria no teste? Ao longo de sua vida, projetava sua necessidade de conhecimento em direção ao externo, deixando obscurecida sua própria essência. Talvez o medo a impedisse de realizar uma observação sincera sobre si mesma. Isso a limitava, fechava portas, como a do trem, enquanto sua vida apenas seguia.

Mas, nesse dia, olhando o Monumento aos Giron-dinos, seu espírito, inundado de dúvidas acerca de sua origem, identidade e futuro, buscava respostas que a ajudassem em sua construção existencial. O grande pedestal, encimado por uma coluna, onde culmina (a 54 metros de altura) a Estátua da Liberdade, representada por uma figura feminina quebrando suas algemas, chama sua atenção. M. sorri e diz silenciosamente: “Gostei dessa cidade. É uma cidade de alma feminina!” Nessa fonte emblemática da Praça Quinconces, a liberdade, lá no alto, é uma mulher que quebra grilhões e abre suas grandes asas. E na água, em uma das bacias que emolduram o monumento, ela é soberana e simboliza a República. As três figuras masculinas, por sua vez, são jogadas na água, representando o vício, a ignorância e a mentira.

M. não se considerava feminista. Não que se importasse com os estereótipos como o de que feministas não usam maquiagem, não se depilam e odeiam homens. Simplesmente, acreditava que, independentemente de rótulos, o fundamental é a solidariedade, manifestada no apoio à defesa dos direitos das mulheres. Sua cabeça fervilhava, enquanto o chafariz jogava água vaporizada sobre ela e sobre outros visitantes. Nos últimos dias, sem a precipitação de chuvas, a praça de Quinconces recebia um grande número de pessoas, especialmente crianças que buscavam no local, além da beleza oferecida, um pouco de frescor. Fluidez ou estagnação? Tudo depende da perspectiva.

Os fluidos, diferentemente dos sólidos, naturalmente movem-se, escorrem, transbordam. Também são filtrados, fermentados, destilados e não são facilmente contidos. Podem contornar obstáculos, dissolver outros,

invadir ou inundar caminhos. Assim, a escolha é feita. Após sentir-se abençoada pela Liberdade, M. flui. Afinal, ela estava na capital do vinho, e desejava ansiosamente iniciar uma imersão sensorial no coração desse surpreendente universo. Já instalada em seu quarto no hotel, depois de tomar uma taça de um refrescante vinho branco de *Entre-deux-Mers*, área geográfica encravada entre dois grandes rios: o Dordogne (ao Norte) e o Garonne (ao Sul), analisa os passeios às vinícolas, comprados ainda no Rio de Janeiro, quando sonhava acordada com algo disruptivo em sua vida.

Não eram nem dez da manhã. Pela janela da van, dirigida por sua guia, Ange, o vinhedo de Médoc surgia imenso, com seu horizonte infinito, plantações extensas, castelos, fortificações e vilas medievais. Uma notável diversidade geológica (calcário, argilo-calcário, cascalho e solo arenoso), bem como microclimas favoráveis à viticultura - elementos que compõem as características principais do que é chamado *terroir* - asseguram a variedade dos vinhos dessa região e proporcionam as condições ideais para a produção e maturação da Merlot, a casta dominante dos tintos locais. A mistura da Merlot com Cabernet Franc, Cabernet Sauvignon, ou ainda Malbec também propicia uma apreciada paleta de nuances olfativas e gustativas.

M. olhava aquilo com o encantamento de uma criança, conseguindo desligar-se do mundo. Apenas as explicações de Ange, como uma legenda, desfilavam em sua mente a surpreendendo, muitas vezes, com detalhes totalmente desconhecidos por ela. Por exemplo, a designação “château”, que significa castelo em francês, no universo enológico, independentemente do tipo de construção

arquitetônica, refere-se às propriedades vinícolas da região de Bordeaux, cujos vinhos são produzidos com uvas cultivadas, exclusivamente, em seus próprios vinhedos. A questão linguística pareceu reforçar o que M. já sentia. Vivemos em um mundo de representações simbólicas. Como dizia o grande poeta na voz de um de seus heterônimos, “as coisas não têm significação: têm existência. As coisas são o único sentido oculto das coisas.”

E aquela imensidão verde, com todos os seus diferenciados ciclos, estava ali, plena e transbordante, sugerindo um olhar antropológico sobre o seu conjunto. De fato, a videira está repleta de simbologias. Citada na Bíblia como símbolo do cuidado de Deus conosco, também pode remeter ao apego à terra, à fertilidade e à maturidade. Envolvida pela sugestiva semiótica, M. analisa as interfaces daquele turbilhão sensorial, agora instalada numa espreguiçadeira, diante do parreiral, degustando um equilibradíssimo e aveludado Margaux. Foi quando o vento sussurrou, em seus ouvidos, aquelas palavras mágicas: “Bebei dele todos, porque isto é meu sangue que é derramado por muitos, para a remissão dos pecados”. Pensou, então, “quando o vinho é puro, ele nos faz ver Deus”.

Sua respiração vai ficando mais lenta e ela se desnuda. Já não existem folhas, nem atividade de crescimento. Ela é puro estado letárgico. O que a levou a isso? A aparente morte era o seu jeito de permanecer viva? A temperatura do ar começa a subir e aquece o solo. Uma lágrima escorre, gota de seiva, sinal do despertar de um longo sono e o primeiro pulsar de vida no novo ciclo. Efetivamente, é no subsolo, com o despertar das raízes, em que se dá o recomeço. Brotam novamente esperanças. Folhas virgens

lembram o formato de um coração e inflorescências crescem através delas. E, por fim, tudo ganha tintas e texturas, colorindo, assim, o paradoxo fundamental da condição humana: a contradição entre o desejo obstinado de conhecimento e de vida e o mundo inexplicável e finito.

MÔNICA L. A. DALLA VECCHIA é graduada em Letras, além de Mestre em Ciências da Linguagem e Doutora em Linguística Geral e Aplicada pela Universidade de Paris. Desde 2019, é titular da cadeira nº 5 da Academia Saltense de Letras, cuja patronesse é Clarice Lispector. Contato com a autora pelo e-mail: monicadvecchia@gmail.com



OS VENCEDORES E OS VENCIDOS

Décio Zanirato Jr.

Muitas vezes perturbadora é a observação dos embates entre os seres humanos e entre estes e a natureza. Personalidade introspectiva, de emoções contidas e de aguda sensibilidade, João sentia-se constantemente tomado por essa incômoda sensação. Em sua penosa experiência pessoal com a realidade próxima e nos descaminhos do país e do mundo, percebia os sinais de tumultuados cenários, onde vilões e vítimas se confundiam.

I – A Saúde

Para começar, João era vitimado pelas corriqueiras afecções que acometem as pessoas idosas. Em seus extenuantes cuidados com a saúde, enfrentava cirurgias diversas – catarata, próstata, hérnia –, ruptura de ligamentos, distensão de músculos, distúrbios gástricos, tonturas etc., tudo a provocar os sentimentos fatalistas e depressivos de um derrotado. Era a natureza submetendo-o às suas leis e seguindo seu curso inexorável.

II – A Pandemia

João sentia suas forças esvaírem-se pela presença ameaçadora e interminável da pandemia. A convivência com ela era mais frustrante para ele, avançado em idade, pelo risco

que corria e pela perda irrecuperável de vivências e oportunidades. Inerte e impotente, ponderava consigo mesmo: “A bela mãe natureza, neste caso, estava sendo madrasta”. Ainda esperançoso, redarguia: “Mas em breve vamos vencê-la com a vacina e os cuidados”. E, com as novas variantes do vírus, dubitativo finalizava: “Será? Não seríamos nós os irremediavelmente vencidos?”

III – O Assalto

Um desafortunado episódio conturbou severamente a vida de João. Sua casa fora recentemente invadida de modo avassalador. Ele e sua família estavam fora e, quando voltaram, encontraram tudo o que estava em armários, gavetas e estantes esparramado no chão. Chocados com a caótica visão e ressentidos por terem sua privacidade violada, prostraram-se a avaliar suas perdas e danos. Ocioso afirmar que as coisas valiosas não estavam mais lá. João sentiu-se injustamente vitimado. “Seria uma solução”, pensou ele, “comprar uma arma para rechaçar futuros assaltantes? Porém”, repensou, “na remota hipótese de seu uso ser eficaz, eu poderia ser punido – os vilões seriam vítimas e eu, algoz. Nesse clima de violência todos perdem”.

IV – A Guerra

Acontecimento longínquo, a guerra na Ucrânia afetava a todos. João procurava entendê-la: “Os russos são inegavelmente os agressores e os ucranianos as vítimas. Na verdade, o agressor é o governo de Putin. O povo russo também é vítima, pelos embargos impostos à Rússia e pelas restrições à sua participação em atividades em outros países. Estes, por sua vez, são economicamente penalizados, pelo aumento no preço das *commodities* – petróleo, gás, produ-

tos agrícolas – inclusive o Brasil, como os outros, com a economia já prejudicada pela pandemia”. Inconformado, indagava: “Alguém vai ganhar alguma coisa com isso tudo?”

V – A Política

Agressões, fragmentações, exclusões – assim João percebia a atividade política. Cogitava resignado: “A política sempre foi um modo de compor visões e interesses e de diminuir as tensões e a violência na sociedade. Em tese é organizada racionalmente, mas seu motor é emocional. Cada vez mais são constituídos grupos que se digladiam e se excluem entre si. A fidelidade das pessoas é ao seu partido ou ao seu nicho. Esmaece a pura solidariedade de feição humana. As guerras culturais e os movimentos identitários, com frequência sucursais da política ideológica, magnificados pela estridência frustrante das más notícias e pela insanidade das redes sociais, completam esse tenebroso panorama em que, invariavelmente, todos perdem.”

VI – A Natureza

Os românticos veem a natureza como bela e sábia. Os realistas, como selvagem e primitiva. Os filósofos, pessimistas ou otimistas, consideram o homem como o lobo do homem ou como o bom selvagem. João não aceitava facilmente esses juízos. Ao contrário, em seus devaneios críticos, ponderava: “Temos de respeitar e proteger a natureza, pois dela depende a sobrevivência da humanidade. No entanto, ela não é nem sábia, nem primitiva – ela é a natureza, bela e acolhedora, mas nem sempre. Precisa, às vezes, ser enfrentada e domada. Ciência e tecnologia, promotoras do progresso, subjagam a natureza para melhor usufruí-la.” O fluxo de ideias seguia torrencial e incerto: “Quanto

ao homem, com toda sua complexidade, não inteiramente bom ou mau, é parte da natureza. Pode melhorar com uma intervenção inteligente no universo natural, com a construção da cultura e, sobretudo, da ética. Assim, com essa compreensão, todos ganharão.”

VII – “Humanitas”

A realidade, porém, parecia apresentar-se com sua face mais sombria. Em João crescia a triste percepção de que o país estava se deteriorando: “Os violentos, os radicais, os bandidos, os maus políticos e os maus administradores, os corruptos, os predadores do meio ambiente, enfim, os fraudadores da sociedade e da natureza são os reais vencedores. Os vencidos somos nós, as pessoas comuns.” Confinado em monástico recolhimento, lamentava seu parco acesso às manifestações culturais e à confortante convivência social e buscava refúgio e consolação na fantasia. Recolhia-se, então, ao que lhe restava – música, televisão e livros.

Em linha com o estereótipo, o velho João não se sentia atraído pela literatura contemporânea, na qual, segundo ele, “jovens expressavam, de forma incorreta e sensibilidade exacerbada e duvidosa, sua confusa visão das coisas”. Preferia os velhos escritores, mais lineares e lógicos, como Machado de Assis. Em um de seus livros, “Quincas Borba”, foi encontrar uma tese que apaziguava suas aflições.

O personagem Quincas Borba, no livro, criara uma filosofia a que chamou de “Humanitas”, definindo-a como “o princípio único, universal, eterno, comum, indivisível e indestrutível... porque resume o universo, e o universo é o homem”. Pelo que João conseguia captar dessa complicada e delirante formulação, tudo era compensação e equilíbrio: a morte e a vida – “não há morte, há vida, porque a supres-

são de uma é a condição de sobrevivência da outra” –, o bem e o mal – “o caráter conservador e benéfico da guerra”. Quincas Borba ilustrava esse princípio com a história de duas tribos e um campo de batatas. Estas não eram suficientes para alimentar ambas as tribos; morreriam de inanição. Uma delas, então, extermina a outra, fica com todas as batatas e sobrevive – o extermínio de uma significa a sobrevivência da outra. A paz seria a destruição de todos. Esclarecia Quincas Borba: “... o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso”. E arrematava com a lapidar e imorredoura frase machadiana: “Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas”.

Motivado por essas ideias e cansado de pensar e vivenciar situações em que todos perdiam ou ganhavam, em que não havia vencido ou vencedor, João exorciza suas padecidas inquietações com uma anárquica tirada: “Aos vencidos e aos vencedores, a compaixão e as batatas”.

Não fosse João um personagem fictício, poderia concluir: “A compaixão seria uma concessão benevolente e as batatas, a julgar pelo seu preço atual, seriam o merecido prêmio a ambos”.

DÉCIO ZANIRATO JR. diplomou-se em Pedagogia e Direito. Kursou Sociologia na Fesp/SP e Administração no IMD, na Suíça. Integra a Academia Saltense de Letras desde 2013, como titular da cadeira nº 22, cujo patrono é Fernando Pessoa. Contato com o autor pelo e-mail: zanirato@uol.com.br.



O REENCONTRO

Marilena Matiuzzi

Ela voltava do trabalho para casa, dirigindo por ruas movimentadas e ouvindo o som de motores e buzinas.

O ar estava fresco, mas ela sentia a poluição do trânsito, que o deixava pesado.

Já anoitecia e as luzes dos postes tingiam o solo de um tom ora amarelado, ora azulado, contrastando entre quente e frio e dando um aspecto ambíguo às ruas.

Conduzia o veículo como se estivesse em transe, em direção à sua casa, desviando de um ou outro que encontrava pelo caminho, sem conseguir distinguir seus sentimentos, que oscilavam como aquelas luzes.

Havia se separado do marido há pouco. Achava que o casamento estava desgastado, que cada um dos dois vivia há anos em recíproca solidão assistida, não suportava mais as características dele, irritando-se com cada gesto. A pedido dela, ele saiu de casa, mas com a promessa de voltar a conversar e quem sabe reatar.

Ambos tinham feito uma bela parceria ao longo dos anos, enriqueceram e há tempos ela pensava que o único elo entre eles eram os negócios.

Os filhos já eram adultos e independentes.

Ela não desejava mais a vida que vinha levando, porém não sabia o que queria. A casa, os bens, o suces-

so profissional e financeiro, o casamento, tudo, absolutamente tudo, parecia sem sentido e artificial.

Ela era natural de uma pequena cidade, onde tinha parentes e amigos, mas aonde não ia desde o início da pandemia. Logo após o marido sair de casa, conversando com sua irmã, foi convidada a um retiro espiritual, específico para mulheres, que aconteceria em uma fazenda na zona rural da cidade.

No dia seguinte, no final da tarde, pegou a estrada e se dirigiu à sua cidade natal, para a fazenda indicada por sua irmã.

Havia desejado chegar no início da noite, para dormir cedo e aproveitar o amanhecer do dia seguinte, porém ela se perdeu nas estradinhas rurais, porque o aplicativo de localização não funcionou em alguns trechos e chegou à meia-noite.

Não havia ninguém na recepção e demorou a ser atendida. No meio do breu, foi conduzida a um quarto localizado na área externa da sede.

A escuridão não a fez ver, durante o caminho que percorreu, a decadência do lugar, porém, quando chegou no quarto compreendeu isso. Eram dois quartos e em cada um tinha três camas vetustas e desiguais, sem lençóis e fronhas e sem armário para guardar as roupas que tiveram que ficar na mala e no chão ao lado da cama. Ela ficou em um quarto com a irmã, e no outro ficaram sua sobrinha e uma amiga.

Pela manhã, após o banho, atravessaram um trecho de terra batida, a qual no passado provavelmente fora um jardim, para chegar em outra construção externa, onde indicaram que seria servido o café da manhã.

Nesse trecho sentiu arrependimento de estar ali, não porque esperasse as regalias de um hotel de luxo, sabia que se tratava de um lugar revestido de simplicidade, mas porque não era ligada às questões espirituais. Duvidava de tudo, acreditava que as pessoas descontentes, infelizes, por vezes medíocres, são as que tentam sublimar a vida, buscando uma crença para suportar a existência. Ela, apesar de ter crescido em uma família cristã, há muito tempo não se enganava mais com isso. Acreditava no poder do amor e descobriu o sentimento de satisfação da superação do humano na arte e na natureza. Era uma amante das várias expressões artísticas, apoiava e incentivava a arte, através de patrocínios de suas empresas e sabia da transformação pessoal e social que a arte provocava. Amava viajar para visitar museus de arte e também para contemplar a diversidade da natureza ao redor do planeta. Por força de sua origem religiosa, oscilava entre o agnosticismo e o ateísmo.

No café da manhã conheceu as outras mulheres do retiro. E foi ali que soube que o retiro seria de rituais xamânicos. Esteve tão absorta com seus problemas que, ao ser convidada para esse evento, imaginou que fosse um daqueles retiros católicos que seus pais faziam quando era criança. Aceitou vir não pelo retiro, mas para ficar, nesse momento delicado de sua vida, perto de pessoas que gostava e para estar em contato com a natureza.

Após o café da manhã, todas as mulheres foram avisadas que logo mais ia acontecer o ritual Temaskal e que deveriam ir com roupa de banho. Quando chegou no local e viu aquela construção baixa, com pe-

dras sendo aquecidas no lado de fora para serem colocadas em um buraco e em torno deste as mulheres se sentariam e ficariam colocando água com ervas sobre as pedras e recebendo baforadas de ar quente, desejou sumir. Porém, quando já estava quase escapando, as mulheres começaram a cantar cânticos suaves e em uma língua desconhecida, algumas dançaram e tocaram instrumentos de percussão. Parecia uma festa e tudo era lindo. A beleza a seduziu a permanecer ali. Ouviu que há centenas de anos, maias e astecas, tomavam seus banhos para se purificarem espiritualmente em pequenos recintos similares àquele, feitos de pedra, equiparados às saunas atuais e que, a cada Temaskal construído, enterravam um pequeno ídolo de pedra nele, simbolizando que ali tinha a presença da divindade: Temazcalteci, a deusa dos banhos, ou Tlazotelti, a deusa do nascimento. O Temaskal nasceu da necessidade de tratar as tormentas espirituais sofridas pelas mulheres em sua missão de dar a vida a outros seres, de sangrarem para isso e de parirem e criarem filhos fortes e saudáveis.

Naquela hora que estive dentro daquela sauna, ao som de músicas suaves, suando no calor daquele vapor de ervas perfumadas, ouviu os relatos espontâneos de uma ou outra mulher, que dizia o que tinham ido buscar ali: curas para seus conflitos matrimoniais, ou com os filhos, busca da saúde física, ou do sentido da vida; isso fez com que lágrimas de emoção se derramassem de seus olhos. A dor e a esperança de cura, a solidão existencial, o desejo de ser amada e reconhecida como única, a necessidade de sublimação, tornaram aquelas mulheres, aos seus olhos, tão

parecidas com a Terra que não conseguia se conter de emoção ao enxergar a mesma essência em ambas. Essa emoção se agigantava diante da sabedoria humana que trazia em sua ritualística cultos existentes há milhares de anos, anteriores ao advento do cristianismo e da sociedade patriarcal, onde a Terra ainda era chamada de Mãe. A compreensão profunda daquele liame foi idílico.

Outros rituais se sucederam ao longo do dia, o do Xale Sagrado e do Cacau Sagrado, ambos femininos, vivenciados de modo a relembrar. O primeiro reverencia o povo indígena norte-americano, nômade e guardião da terra por excelência, que colocava os xales feitos por suas mulheres nos ombros dos homens para recordarem na pele que sua verdadeira morada não era o local onde estariam em suas viagens, mas sua essência e que o principal caminho que deveriam percorrer era o caminho vermelho, o caminho de dentro, aquele que leva ao autoconhecimento e ao retorno às origens. O segundo, o do Cacau Sagrado, como fazia o povo Mayo-Chinchipe-Marañon, há 5,5 mil, em devoção à IXCacao, a deusa maia, responsável pela abundância, compaixão e fertilidade.

Teve o sentimento de estar unida às suas ancestrais e, todas juntas, à Terra, como no fundo mais fundo de uma floresta, lá onde só há o canto e o encanto da terra, o gargarejo dos rios e o perfume das ervas alcançavam. Nesse bailado de sentimentos novos, compreendeu Gaya e a si própria em essência e se deslumbrou como se tivesse recebido clarões e visto pássaros voar de seus dedos, bem como enxergou o liame existente desde as deusas ancestrais até a senhora de Nazaré,

que teve o filho morto na cruz. Enxergou todas ligadas, através da história e entre os povos, em um fio de amor, de dor, de doação, de espera, de generosidade, de resiliência e de salvação.

MARILENA MATIUZZI é advogada pós-graduada em Direito Constitucional, poeta e cronista. Ingressou na Academia Saltense de Letras em 2011, onde ocupa a cadeira de nº 39, cuja patronesse é Cora Coralina. Contato com a autora pelo e-mail:

m_matiuzzi@yahoo.com.br.



O SAGRADO FEMININO

Dimas Siqueira Silva

Na vida nos deparamos com a nossa alma gêmea e com nossa chama gêmea, a primeira é aquela na qual nos identificamos a partir de gostos, tendências, afinidades, carinho e amor; muitas vezes elas se apresentam na forma de um amigo, um irmão, mãe, pai e até mesmo dentro de um grande amor iniciado numa singela amizade. Temos sorte de nos deparar com nossa alma gêmea, que aparece para nós na hora certa da vida, no momento da nossa construção cultural, social e psicológica.

Já a chama gêmea é aquela que aparece em nossas vidas para nos elevar a consciência, o espírito e a natureza humana a níveis surreais da existência. Ela é o nosso oposto. E é isso que nos faz crescer como indivíduos, pois nos faz apreciar a vida por uma nova perspectiva, novos gostos, tendências e a paciência de um novo amor arrebatador e revelador. Um amor cármico e libertador, vindo da magia e da sincronicidade cósmica.

A natureza humana é realmente fascinante, a biologia, a fisiologia e a psique. E essa chama gêmea é atraída e sentida através do magnetismo molecular, das mesmas qualidades espirituais e emocionais que os dois sentem. E a mulher, ser divino e perfeito, revela suas características e virtudes no momento certo para libertar qualquer alma aprisionada dentro de si, para um universo de possibilidades.

Na História há várias mulheres que se destacaram por sua força, determinação, sagacidade e muitos outros atributos, que vão além de qualquer descrição que possa formar ideia pertinente a sua luta constante. Posso citar Cleópatra, Joana D'arc, Eva Peron, Dandara e minha tia Chica, que acordava sempre às 4 horas da madrugada para preparar o almoço, a marmita, antes de ir para a lavoura, arar a terra e plantar o sustento da família. Ela conhecia bem o tempo certo para cada arado.

Como há mulheres que prezam por valores e conhecimentos adquiridos tão importantes e dignos! Estamos cercados de mulheres de valores inestimáveis das qualidades humanas.

De belezas imensuráveis.

Perfeições advindas de eras e eras de lutas e conquistas, liberdades e direitos.

E quando a vi passar por mim, aquela linda moçoila veio-me como uma Dríade. Naquele momento algo diferente aconteceu dentro de mim, algo incomum e desconhecido; uma coisa adormecida despertou-me para novos sentidos e emoções. Entre nós um espaço tão grande, apenas 30 anos de diferença. Ela, uma manceba púbere de pele negra e cabelos curtos, olhos amendoados com característica inocente, fez tremer o meu espírito; uma arma terrível para qualquer coração aflito. Seu pescoço desnudo e fino chamava a atenção pelo frescor de sua pele que harmonizava uma cor divina com o brilho do ocaso.

A natureza feminina se apresenta de formas admiráveis, através da beleza, singularidade e perfeições celestiais que curam qualquer coração machucado. E aquela menininha com coração de ouro fez um belo trabalho, apresentando-se como uma ninfa e revelando segredos desco-

nhecidos. Sonhos não vividos e vidas passadas. Através da janela dos seus olhos, a inocência foi se revelando e a maturidade espiritual foi se mostrando cada vez mais forte.

Um encanto sutil abriu portas para algo aterrorizador, quando nos deparamos com nós mesmos e aprendemos a superar os desafios nunca ultrapassados. Como pode uma jovem garota me ensinar tantas coisas? Pensei ter visto quase de tudo na vida, mas nos surpreendemos quando a vida nos mostra novos desafios a serem experimentados.

Amar e ser amado é algo maravilhoso, ainda mais quando vem de uma chama gêmea. De um encontro inusitado da vida em comum. Crescemos e evoluímos dentro dessa paixão que cresce a cada dia, nas descobertas e experiências trocadas e compartilhadas na cumplicidade, companheirismo, amizade e amor.

Ainda hoje me pergunto: será realmente algo cósmico ou são apenas os desejos sendo apresentados? Quem não sonha viver um amor arrebatador? Uma aventura inesquecível? Desafios sempre acontecem e assim também aconteceu conosco. Não é fácil transpor barreiras das quais a sociedade evita falar.

Uma vez ouvi uma lenda sobre os lobisomens que me chamou a atenção. E me encantou ainda mais saber que ela, aquela minha amada, conhecia além... Apresentou-me a Peeira ou fada dos lobos, que nada mais era que a jovem que se torna guardadora ou companheira de lobos. Ela é a versão humana e feminina do lobisomem e faz parte das lendas de Portugal e da Galiza. A Peeira tem o dom de comunicar e controlar alcateias de lobos, sendo a única capaz de domar o espírito inquieto do lobisomem.

Fico boquiaberto a cada conhecimento vindo daquele serzinho divino que revela ser a mais bela criatura da natu-

reza e, de certo modo, essa história fez um pouco de menção a nossa, pois via naquela doce menina o meu ponto de luz e a única mulher à qual minha fera interior rendia-se apaixonado e indefeso. Sabia fortemente que nossa conexão me prendia profundamente, mas não por amarras, e sim por amor. Acredito que Deus faz isso de propósito. Fez-me conhecer o Sagrado Feminino que habita dentro de cada um de nós e que nos faz sentir a verdadeira natureza das coisas.

De certo modo, tudo já está escrito, quando se acredita na natureza divina, nas forças cósmicas que agem em nossas vidas, quando somos levados pelo sincronismo energético do universo. Contudo, isso só é possível quando ultrapassamos barreiras do consciente e deixamos vir à tona o que há de mais puro e belo dentro de cada um de nós. A alma, o espírito e a força motriz que regem tudo nesse sincronismo perfeito da vida.

Somos seres divinos e maravilhosos, e quando podemos ter aquele momento de apreciação do belo existente em todas as coisas, nos surpreendemos com a perfeição de tudo e de nós mesmos. Não há sensação mais agradável do que apreciar um belo pôr do sol, um relaxante banho de mar, a brisa da manhã ou o sereno da noite. E de uma coisa eu tenho certeza: viver tudo isso ao lado de quem se ama é algo arrebatador e cúmplice.

Eternizamo-nos nas linhas da vida, com os registros escritos em nossos genes e energia vital que interliga todos os seres no uno e nos Akáshicos.

A suavidade dos movimentos daquela enamorada, somado ao brilho encantador de seus olhos, que mostrava a inocência diante das coisas torpes da vida, fazia-me esquecer toda a dor outrora sentida. Eu só via o alvorecer de

uma nova experiência a ser vivida e apreciada, diante da oportunidade que a vida me proporcionava. Lancei-me sem medo e sem receios nessas novas emoções e sentimentos. Muitas vezes deixamos de apreciar características importantes da vida por medos, inseguranças, e o que isso acrescenta? Nada!

Divago.

Sonho.

E não resisto aos encantos da perfeição daquela ninfa.

Não sei o motivo da contemplação e admiração que temos por sutilezas que nossas íris nos presenteiam todos os dias, e que é recebida com esmero em nosso cérebro, pensamentos e alma. Acredito que é algo que vai além da nossa compreensão, mas que pode ser sentido profundamente.

Se de algo sei, é que nem o mais forte dos homens pode resistir à natureza singela da mulher, que desde o princípio trouxe a força em forma de afago e equilíbrio em seu ventre, e hoje, mais que nunca, vivencio o verdadeiro amor feminino que pouco a pouco nos faz enxergar a sutileza e suavidade do universo. Não sei qual será o desfecho da nossa história, mas tenho certeza que cada segundo vivido ao lado dela vale ouro, perto de uma eternidade sem seu toque. Sem a sensibilidade de sentir o Sagrado Feminino.

DIMAS SIQUEIRA SILVA é escritor e professor. Formado em Letras (Português/Inglês), é membro da Academia Saltense de Letras desde 2019 como titular da cadeira nº 32, cujo patrono é Vinicius de Moraes. Contato com o autor pelo e-mail: dimassiqueira@gmail.com



DE NATUREZA SOBRENATURAL

André Luiz Palhardi

– Ó, comadre! – ouviu-se a voz estridente de sua comadre e vizinha, dona Iracema. – Que barulheira era aquela, noite passada, em sua casa? – Perguntou já sabendo a resposta. – O sino da igreja badalou meia-noite e a barulheira corria solta! Achamos que fosse ladrão! Quase chamamos os pracinhas.

– Estava trabalhando, comadre! Aproveito esses horários noturnos para adiantar o serviço. Sabe como é ser a única costureira aqui do Salto de Ytu... Ainda mais com a festa da Padroeira se aproximando – respondeu dona Lurdes, com um sorriso meio encabulado.

O ano de 1891 corria até que bem, apesar de boa parte da população da Freguesia do Salto de Ytu estar assustada com o surto de Varíola que assolava o país. Havia postos de controle sanitário espalhados pela cidade, que, mesmo sob tal ameaça, não deixava de se preparar para a já tradicional festa da Padroeira.

– Vou prosear com o vigário Reis hoje pela tarde e ver se consigo um prazo a mais para essas roupas – completou Lurdes, tentando justificar o trabalho a altas horas. Caso contrário, terei que ficar pela noite afora novamente.

– A senhora sabe bem que temos que respeitar as ho-

ras mortas. Deus me livre a senhora ter que prestar contas às almas que andam pela noite!

Fez em seguida o sinal da cruz por umas três vezes.

– Esse negócio de horas mortas não existe não, ô comadre. Onde já se viu acreditar que o primeiro canto do galo pela noite libera os espíritos pra bater perna a solta por aí, enquanto que o primeiro canto da madrugada chama eles de volta. – Fez uma cara de desdém e completou. – Agora que nossa comunidade já é uma vila não pode dar ouvidos a essas besteiras. O progresso não espera e nossa pequena Manchester também não!

– Bem... Cada um acredita naquilo que quer! Eu sigo os costumes e não faço dessas lambanças – disse ríspida Iracema. – Passar bem, comadre!

– Passar bem!

Lurdes fechou sua casa, que ficava na Rua da Igreja, e saiu em direção ao Pátio da Capela, passando pela Rua Riachuelo. Subiu pela Rua Bela Vista, chegou à Igreja da Padroeira e entrou para falar com o vigário. Acertados os detalhes para a Festa do Salto, seguiu caminho pela Rua Bela Vista, passando pela Rua Monte Alegre e Rua da Palha. Virou à direita na Rua Atraz do Céu, meio quarteirão depois parou no armazém de aviamentos e descobriu que nem tudo que precisava encontraria ali. Seguiu, então, para a Rua de Campinas e aguardou o transporte para ir até Ytu. Lá, certamente, conseguiria tudo que precisava.

O tempo de trajeto havia melhorado muito desde 1888, quando a nova ponte fora inaugurada. O transporte saía do Largo Paula Souza, entre as Ruas do Porto e Monte Alegre. A ida até Ytu levou mais de três horas e, quando chegou de volta à sua casa, notou que já passava

das cinco da tarde. Até o acendedor de lampiões já estava a rondar as ruas da vila.

– Bem que eu tentei! – disse a si mesma.

Logo após o jantar, retomou o trabalho de costura. Estava tão concentrada que nem ouvia as badaladas do sino da igreja. Notou, porém, o som de um cantar de galo que parecia vir de muito longe, lá das bandas da Rua Atraz do Céu. Parou para ouvir e tudo silenciou novamente. Bocejou, apoiou-se por um instante na mesa de costura.

– Um breve cochilo não vai me atrasar – pensou.

..... oOo

Acordou num sobressalto ao ouvir o canto do galo muito alto dessa vez.

– Bendito seja esse galo, se não fosse por ele, ia perder o prazo do serviço.

Olhou ao longe em sua janela, notando uma luz distante cintilando e se aproximando. Cerrou os olhos. Pouco a pouco a luz se aproximava. Notou que eram diversas luzes, sendo conduzidas por pessoas vestidas de branco.

– Que bênção, uma procissão!

Fez o sinal da cruz em respeito e permaneceu observando, enquanto a procissão seguia seu caminho. Um longo tempo pareceu passar. Em certo momento, notou uma senhora saindo da procissão e vindo em sua direção.

– Boa noite, dona Lurdes – disse a senhora parecendo já conhecê-la. A paz de Nosso Senhor esteja com vós-mecê!

– A paz esteja contigo também, senhora! Nós nos conhecemos? Que procissão mais bela é essa? Estive com o

vigário hoje e, se soubesse, iria participar também.

– Gostaria de lhe deixar uma de nossas velas. Minhas mãos estão doendo por ter que carregá-la e, como sua casa está no caminho de nossa procissão, pensei que poderia guardá-la até amanhã. Eu te conheço porque passo todos os dias aqui em frente e te vejo. Não tenha pressa em querer participar dessa procissão... um dia você poderá, mas até lá é melhor que aproveite o tempo com os seus.

Aquela conversa estava estranha, mas concordou em guardar a vela daquela senhora.

– Amanhã passarei aqui para buscá-la!

Voltou-se para procissão e logo sumiu, adentrando as fileiras.

..... oOo

– Ô, dona Lurdes! Pam, pam, pam, pam... Ô, dona Lurdes!

Dona Lurdes deu um pulo ao ouvir o chamado e as fortes batidas em sua porta.

– É o seu José! Vai querer leite tirado? Estou aqui na frente!

Lurdes demorou um pouco para entender o que estava acontecendo. E, num breve momento de sobriedade, saiu na janela e disse:

– Hoje não vou querer, Sr. José, obrigado!

– Ó, comadre! Que bom que ouviu meus conselhos e foi-se logo pra cama ontem – retrucou a vizinha que estava por perto, já cedo.

– Pior que não fui. Parei um pouco pra acompanhar a procissão e acabei pegando no sono.

– Procissão? Que procissão? Cruz-credo, comadre,

não vai me dizer que ficou doente de tanto trabalhar e anda tendo visões!

– Teve sim, comadre. Até conversei com uma senhora que me pediu pra guardar uma vela pra ela, quer ver?

Antes mesmo de obter resposta, saiu em direção ao seu oratório. Deixara lá a vela entregue pela senhora. E, ao se aproximar, tomou o maior susto de sua vida. Não havia vela alguma. No lugar onde ela deveria estar havia um osso. Branco, brilhante, reluzente... Seu coração disparou. Quase caiu de costas. Afastou a visão, voltando até onde sua comadre estava, involuntariamente.

– Está tudo bem, comadre? Parece até que viu um fantasma.

– Não brinque com isso! – respondeu rispidamente, percebendo que se excedera. – Desculpe, comadre, preciso ir.

Dona Lurdes não saiu de casa naquele dia. Permaneceu rezando durante a maior parte do dia e pensando o que faria com aquele osso em seu oratório. Quase o jogou fora, mas o medo de perder algo que uma alma viria buscar a deixou mais apavorada. Por fim, decidiu aguardar por uma noite e, se nada ocorresse, jogaria ele fora. Foi o dia mais longo de sua vida. Sem motivos seu coração disparava e quase saía pela boca.

A penumbra começou a tomar conta da vila. Os lampiões sendo acesos. E o canto do galo vindo de longe, das bandas do cemitério, agora notara. A noite não passava e parecia que nada ia acontecer. Não parava de rezar por um instante sequer. Repentinamente, notou um cintilar ao longe. Seu corpo inteiro gelou, mas logo em seguida sentiu um alívio. Aguardou até que a procissão se aproximou. Pouco depois, um vulto se destacou e veio até ela.

– Você guardou minha vela?

Trêmula, olhou para sua mão que há um segundo segurava um osso e notou que agora havia uma vela.

– Obrigada! É melhor eu voltar para a procissão dos que não estão mais aqui.

Virou-se e engajou novamente na procissão.

CONSULTAS DE REFERÊNCIA

CASTELLARI, L. **História de Salto**. Gráfica Tapera. Salto. 1971

RANDI, A. **Município de Salto**. Serviço Gráfico do IBGE, Rio de Janeiro, 1959

ZANONI, E. F. **História dos cemitérios de Salto**. História de Salto, 2009. Disponível em: <<http://historia-salto.blogspot.com/2009/05/historia-dos-cemiterios-de-salto.html>> Acesso em: 20 jul. 2022

ANDRÉ LUIZ PALHARDI é professor e escritor. É graduado em Tecnologia Mecânica pela Unesp, além de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática e MBA em Gerenciamento de Projetos. Desde 2015 é titular da cadeira nº 35 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Aluísio Azevedo. Contato com o autor pelo e-mail: andrepalhardi@gmail.com.





CRÔNICAS

A NATUREZA HUMANA E A MULHER DOS 50+

Mércia Falcini

Desço do carro como a mulher maravilha: mãos na cintura, peito estufado, queixo erguido e penso: quem na minha idade acorda as 5h30 para correr alguns quilômetros?

Procuro um lugar para me alongar e começo a exibição. Com o olhar, disfarçado nos óculos escuros, busco uma plateia. E encontro: um grupo de mulheres jovens, no auge dos seus 20 anos de idade, cabelos longos, pele brilhosa e corpos perfeitos. Observo de longe e sinto o peito murchar, além de algumas dores no corpo (e na alma), que não demoram a se pronunciar: ah, uma corridinha leve está de bom tamanho para alguém da minha idade.

Ensaio os primeiros passos timidamente. Sinto-me só. A mulher maravilha foi embora. As pernas pesam. Insisto. E consigo não só percorrer os 8 km ritmados e planejados; mas, a refletir como é a vida depois dos 50.

Depois dos cinquenta anos de idade, muita coisa muda dentro da gente. Nem todas são positivas, claro. Aliás, a maioria é no mínimo preocupante. Basta pensar que seu coração pulsa há mais de 50 anos, que seu fígado trabalha sem descanso e que seus pulmões, inspiram e expiram sem parar.

Mas a mudança que chama a atenção é outra. E ela

mora na cabeça e no coração ao mesmo tempo. Alguns a denominam emoção. Outros, sentimento. Não importa! Ficamos mais ou demais chorosas, com os olhos sempre cheios de lágrimas. Tudo emociona. Talvez por isso, esses olhos também começam a enxergar menos. É a famosa vista cansada. Ainda bem. Afinal, quem aguentaria olhar no espelho todos os dias, enxergando os detalhes? Em compensação, já que a natureza é harmoniosa, ampliamos a visão de mundo. E mudamos o ponto de vista.

Do ponto de vista dos 50 anos de idade, muita coisa, ou quase tudo, deixa de nos incomodar. Encontramos beleza na imperfeição; entendemos que as pessoas não são o que elas fazem; assumimos os nossos desejos mais íntimos, sem importar com estereótipos. A preocupação com “o que os outros vão pensar” diminui muito. Às vezes até demais, o que justifica as famosas “tiazinhas sem noção”.

No entanto, para quem consegue amadurecer emocionalmente, essa é a fase em que aceitamos a própria vulnerabilidade, perdemos o medo das fragilidades, vencemos a vergonha e ousamos ser quem somos. Nas palavras de Nelson Rodrigues, aos 50 anos de idade, “aprendi a ser o máximo de mim mesmo”.

Aliás, lembro-me que aos 20 e poucos anos de idade, me imaginava aos 50 como exatamente estou: ativa, corredora, serena e segura. Desejava a maturidade, sobretudo para aprender a dizer não quando necessário e sim, quando possível.

E ela chegou. Ah! A gente sabe quando amadurece. E apesar das oscilações de humor e calor e da perda dos poderes da mulher maravilha, posso dizer que me orgulho da cinquentona que me tornei. Não pelas conquistas profissionais ou materiais, que não são muitas, mas pela coragem

de encarar o interior e enfrentar, sem autoengano, os sentimentos que me sabotam. E transformá-los... todos. Um a um. Ainda que SANGRE.

Sabemos, por recomendação de especialistas, que devemos equilibrar a rotina com algo que nos desperte prazer e bem-estar. Confesso que, por um bom tempo, me impedi dessa possibilidade, preenchendo a vida com prioridades que aprendi a valorizar com a sociedade. Primeiro, os estudos; depois, a carreira, o casamento, os filhos, a construção da casa, entre tantos e outros projetos que preenchem o dia a dia da vida da gente.

No entanto, os projetos findam, os filhos crescem, a casa fica pronta e a vida ganha um espaço que pode ser vazio e perigoso. Quando se percebe, sobram horas no dia, a semana demora a passar e a motivação vai perdendo energia.

Não sei se você já passou por isso, mas perder a motivação é uma possibilidade para os que adentram a casa dos cinquenta anos de vida. Sabe aquela sensação de que não seremos mais, porque já somos? Ainda que nem tudo tenha sido como sonhamos, já temos o diploma na parede, já somos o profissional da carreira planejada e o pai ou a mãe dos filhos desejados... É a percepção de que o futuro chegou e, com ele, um sentimento paradoxal de que sobra muito tempo no pouco tempo de vida que nos resta.

Assim, como diz Martha Medeiros, “sem muita frescura, sem muito desgaste, sem muito discurso, tudo o que a gente quer, depois de uma certa idade, é ir direto ao ponto”. Por isso, tenho me dedicado a escrever sobre o processo de envelhecimento. Além do prazer e bem-estar que o tema me proporciona, tenho a ilusão de que é possível compartilhar as lições aprendidas. Será?

A vida é como um baú de memórias. Ao longo do tempo vamos depositando as experiências da vida, como se fossem “souvenires” de uma viagem de férias. Fica tudo bem guardado... até que na solidão da velhice, querendo ou não, o baú se rompe e as memórias se libertam para nos fazer companhia. Assim, acumular boas lembranças de experiências ampliadas de amor, afeto e respeito é a única garantia de estar bem acompanhado no final da vida.

No entanto, nem sempre temos controle das memórias internalizadas. Na infância dependemos dos nossos pais, sobretudo pelas experiências vivenciadas na relação do dia a dia, em processos de formação. Mas, como tudo tem solução, ainda que demande muito esforço, na vida adulta temos algumas boas chances de tomar consciência, por meio de emoções recorrentes, de que o nosso baú de memórias está carregado de lembranças mal lembradas.

Já escrevi em outros textos, sobre as lembranças mal lembradas - conceito desenvolvido pelo psicanalista Adam Phillips no livro “O flerte”, que nos impedem de seguir em frente, porque a maneira como estamos lembrando não nos liberta para esquecer, e nos acorrenta no passado, estanca o tempo, não permite avanço. Acabamos enchendo nosso baú de memórias atormentadas.

Nas palavras de Phillips, “as pessoas procuram tratamento psicanalítico porque o modo como estão lembrando não as libera para esquecer”. Mas, como transformar essas lembranças e libertá-las? Será que esse exercício é possível? Fácil?

Martha Medeiros também já pesquisou o tema e diz que “a gente implora a Deus para que nos ajude a esquecer um amor, uma experiência ruim, uma frase que nos feriu, quando, na verdade, não é esquecer que precisamos:

é lembrar corretamente. Aí, sim: lembrando como se deve, a ânsia por esquecimento poderá até ser dispensada, não precisaremos esquecer de mais nada. E, não precisando, vai ver até esqueceremos”.

Claro, nada é tão simples assim quando tratamos de sentimentos, de lembranças, de emoções, mas o que percebo é que Adam Philips tem razão: precisamos escolher, lapidar, cuidar das lembranças que ficarão no baú de memórias. Precisamos compreender que as respostas para o presente estão no passado, muitas vezes embaladas de forma errada. Ressignificá-las é a única alternativa para que boas memórias nos façam companhia no final da vida.

MÉRCIA FALCINI é escritora, política e empresária. Pedagoga com pós-graduação em Teoria e Métodos de Pesq. em Esp., Lazer e Cidadania e especialista em Gestão Educacional. É membro fundadora da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 3, cujo patrono é Paulo Freire. Contato com a autora pelo e-mail: merciasaberes@gmail.com.



UMA CHÁCARA, TEMPO... LEMBRANÇAS...

Cristina Maria Salvador

*Existem, (...) três tempos na minha mente
que não vejo em outra parte: lembrança
presente das coisas passadas,
visão presente das coisas presentes e
esperança presente das coisas futuras.
Santo Agostinho, séc. IV - V (2000, pág. 284)*

A temática A Natureza: eu, tu, ela... articulada ao pensamento de Santo Agostinho em suas reflexões sobre o tempo, leva-me a tecer as minhas próprias leituras, as quais registro, agora, ao encontrar-me na varanda da chácara, a observar o entorno da casa. Fragmentos extraídos da memória trazem-me a lembrança de como era este espaço por ocasião de sua compra. Que transformação! Que mudança! Como num flash, imagens de um passado que já não é, porém, quando as evoco e se tornam objeto de alguma reflexão, vejo-as no tempo presente. Reflito que, ao narrar acontecimentos verídicos já passados, a memória relata não os próprios acontecimentos que já decorreram, mas sim as palavras concebidas pelas imagens daqueles fatos, os quais presenciei, e, ao passarem pelos sentidos no dizer de Santo Agostinho, *gravaram no espírito uma espécie de vestígios.*

Vestígios constatados na natureza ao perceber que ela fala, comunica. É viva! É sábia! E encanta. Dialoga com quem tem a sensibilidade de ouvi-la, de enxergar, senti-la. Como ela, nós dialogamos. Com quem? Eu, comigo mesma num monólogo oral ou silencioso, na busca por respostas sobre algo; uma vez não encontradas, procuro no outro / tu, numa troca intermitente e, se for o caso, a ela / Natureza, dentre outros.

Divagava quando, de repente, vejo um beija-flor voando de galho em galho, a mergulhar nas flores de um arbusto de “esponja dourada”, em busca do néctar para saciar a fome. A ave, ao fazê-lo com seu bico alongado, retira o pólen que dará origem a outras plantas, num processo de polinização. É o ciclo da vida. A natureza vegetal na troca com a natureza animal, doa e recebe. Noto que, ao lado do arbusto, lindas camélias foram ignoradas por ele, por não produzirem o que procura. Mas sim a beleza, alimento da alma àqueles cujos olhos sensíveis a contemplam com admiração e encanto. Encantamento acrescido ao ouvir cantos e ruídos dos pássaros, a observar abelhinhas e borboletas de cores diversas, voando de flor em flor, retirando o mel da sua subsistência.

Tais visões trouxeram-me a imagem de mamãe ocupando o mesmo espaço onde me encontro, a observar uma família de sabiá que construíra ninho num dos vasos de samambaia. Planta de sua preferência que contornava a varanda. Gostava de compartilhar suas observações e o que notava. Durante o dia o casal de sabiá encubava e, à noite, somente a fêmea. Ambos alimentavam os filhotes do que encontravam na natureza: plantas, frutas, insetos, sementes...

Lembro-me de ter levado um galho de samambaia com um ninho dependurado à Escola do Sesi (Centro Educacional -125), em Salto, onde atuava como professora. Fato que possibilitou a troca de informações sobre as aves conhecidas por alunos que, com olhos brilhantes, queriam falar de suas experiências com elas.

Viajando nas lembranças, vejo papai construindo uma garagem com tijolos de cimento confeccionados pelo ex-proprietário. Tijolos estes encontrados em grande quantidade pela chácara e aproveitados após o falecimento de papai, na edificação de um galinheiro em parceria de mamãe com um irmão. Local que posteriormente cedeu espaço a pequenas casas de aluguel.

Uma outra imagem veio-me à mente: acompanho mamãe e meu irmão a conversar, caminhando de braços dados em direção ao pasto, onde vacas e crias se encontram. Viajando no tempo, mudança no cenário e de personagem. Meu irmão, substituído por um de seus netos. Que cenário maravilhoso! Felizmente registrado em fotografia. Mamãe e um de seus bisnetos caminhando de mãos dadas na estrada de acesso à chácara. Oito décadas separam as quatro gerações articuladas. Tal cenário suscita forte sentimento de saudade quando ele, acatando a sugestão de levar a bisavó para passear, dava-lhe a mão e iam caminhar.

Vagando nas lembranças, um novo encontro: é a vez de minha irmã, sentada ao meu lado. Observo que seus olhos visualizam as coisas existentes em frente da casa. Pareço ouvir sua voz comentando comigo que *olhar a chácara, ver as mudanças que ela sofrera, traz sentimentos contraditórios de alegria e tristeza. Alegria por ver que valorizou, o quanto mudou. Foi trabalho, dedicação e muito inves-*

timento na terra, como também em edificações. Tristeza pela perda da mamãe e do papai, que pouco usufruíram do sonho de possuir uma terra para sua família. Sua voz se dirige a mim e pergunta.

– Você se lembra como era a chácara quando foi comprada? Quantas mangueiras de mangas Bourbon?

Sem perceber que sua presença era fruto de minha imaginação, respondo:

– Mangas docinhas de dar gosto, para o deleite daqueles que tiveram oportunidade de degustá-las. Pena que, para nossa tristeza, no mesmo ano, sete das árvores definharam, modificando a paisagem. Hoje, todo espaço está ocupado por árvores de diversas espécies, cujas flores contribuem para o embelezamento do local e despoluição do ar. Foi gratificante o quanto aprendemos a conviver com a natureza. Reconhecer as plantas quando saudáveis e os sinais de enfraquecimento pela coloração das folhas. Marcas de ataque de pragas, a necessidade de nutrientes ou os elementos externos, insetos, infestações de pragas entre outros.

A campanha do telefone fixo tira-me deste devaneio. Saio da varanda, dirigindo-me a ele. Num monólogo silencioso penso: esta é a realidade, o presente é agora, o restante é imaginação. Concordo com Santo Agostinho em sua análise psicológica sobre o tempo: *ele é a impressão do antes e o depois que as coisas gravam no espírito. É o sentimento de presença das imagens que se sucedem, sucederam ou não hão de suceder, referidas a uma anterioridade.* Este é o meu presente. Só o presente existe, o passado já passou, o futuro ainda não chegou. Somente esperança, desejos no presente, do que pode vir a ser.

Retiro o fone do gancho:

- Alô!! ...
- É a Cristina?
- Sim. Quem fala? ...

Bibliografia:

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 16. ed. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2000.

CRISTINA MARIA SALVADOR é Mestre em Educação pela PUC-SP, Psicopedagoga, Pedagoga e Licenciada em Letras com Especialização em Literatura Portuguesa. Desde 2013 é titular da cadeira nº 20 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é José Francisco Archimedes Lammoglia. Contato com a autora pelo e-mail: crissalto5@gmail.com.



DEVANEIO SOLTO, MAS CONTIDO. PODE?

Bernardo Campos

Escrever de próprio punho é como sonhar com o insuperável sorvete de massa, sorvido gulosamente na infância, produto ímpar do Bar Japonês, alcunha que eternizou a preferência de uma das melhores sorveterias na Itu de antanho. Assim fora o rascunho, inicialmente, a redação de um ligeiro perpassar para este enfoque natural e difuso, quanto se o permita.

Do tempo antigo, já bancário, mas em início de carreira, nem pensar nas facilidades de acesso à escrita, evolução pois das mais acentuadas e práticas, aliás, hoje, diga-se canetas esferográficas, o tema proposto é amplo e livre: a natureza.

Isto posto, imagine-se como prender a assertiva nesse significado, amplo, sim, com certeza, mas rigorosamente adstrito ao tema.

Bem sabida a amplitude de algo que nasce, resiste muito, vive e às vezes se desfaz por si mesmo, eis que focada ao bem comum humano e animal, a nós próprios, portanto.

Despido do menor intento poético ou de ordem

espiritual, a despeito de quantas correntes existam em contrário, vige, neste caso, esplendidamente, o fato de que a natureza é das mais significativas de ordem divina que possa existir.

O belo, nela, é espontâneo e gratuito.

Saia e vagueie por qualquer caminho, preferencialmente fora do perímetro urbano, seja onde for, fica-se deslumbrado; a pressa se contém e tudo pelo efeito de se estar ali, talvez protegido por algum arvoredor e, não raro, com uma corrente mansa, quase inaudível, de água próxima. E se faltasse algo - e não falta - a quietude autoriza ouvir o silêncio, no máximo o farfalhar de galhos e folhas.

Felizes os menores que, de alguma forma, tenham tido a oportunidade de acampar. Irão, sem dúvida, querer reviver essa paz.

É o caso dos escoteiros.

Como não relembrar, comovido, os acampamentos, quase sempre a semana inteira, nos arredores, na zona rural.

Anos de 1947 até o final de 1949, a penetração em matas fechadas, quando dos inesquecíveis acampamentos. Ai, ai, o banho na água gelada do córrego. E daí por diante.

Por efeito da criatividade e empenho do chefe da tropa, denominação própria a todo clã do gênero, o saudoso frade carmelita, em Itu, benemérito personagem, Frei Osvaldo Edeman.

Esse abnegado sacerdote soube ver na espontaneidade do escotismo, as melhores perspectivas ao aprendizado cívico dos menores.

Ao escoteiro se ensinam a ordem e o respeito a tudo e a todos, como premissa de educação e responsabilidade.

Estoicismo dessa têmpera, já na maioridade, o fato de nos colocarmos madrugada adentro, amigos jungidos ao movimento denominado Cursilhos de Crisandade, nesse caso liderados pelo também saudoso Frei Constâncio Philips, com saída na madrugada, gélida ou não, para o hospital do bairro hoje denominado Cidade Nova (Pirapitingui), e participarmos da Santa Missa às sete horas, em comum com os internos.

O espetáculo do nascer do sol como que nos reabilitava.

De outra feita, ainda como aluno do Seminário Nossa Senhora do Carmo, em Itu (1950 a meados de 56), num dos passeios prediletos dos cento e vinte internos - acompanhados de um ou dois frades, partiam a pé e de chuteiras, porque a pista era provida de pedregulhos, rumo a um local no Rio Tietê, a chamada Ilha dos Artistas, logo após a Ponte Nova.

Adulto e agora octogenário, questiono a mim mesmo e aos frades por que da exposição a tamanho risco, não obstante à época se tratarem de águas límpidas e piscosas. Justificada preocupação, tanto que se perdeu a conta dos numerosos afogamentos em área de recreio, próxima dali e sobejamente conhecida como a Gruta.

Seria imprescindível, conquanto nisso resida o cerne do tema, embrenharem-se as pessoas nas mais fechadas das florestas, para experimentar e sorver as benesses da natureza pura? Não tanto, reconheça-se.

Privilégio das crianças de outrora, em especial das moradoras dos arredores do Largo do Carmo - a Praça da Independência - sentávamos nas alongadas raízes da figueira secular, para troca de ideias ou inocentes travessuras. Posta abaixo, cede exatamente o ponto no qual se situa o monumento a Domingos Fernandes, fundador de Itu.

A densa arborização que adornava praças na cidade, salvo a metade maior da Praça do Carmo, cederam à pretensa modernização, para quiçá favorecer o afluxo de pedestres.

Para os aficionados aos hábitos rurais e paisagísticos, são amplas as opções para acampamentos ou utilização de hotéis campestres, de nível decente e mesmo de mediano luxo. Essa performance de hospedagem é por isso mesmo encontrada em toda a região do Vale do Tietê, compreendida no eixo de Itu, Salto, Cabreúva, Porto Feliz e Tietê.

Como se não pede detalhamento excessivo, na sujeição do tema, de si mesmo aberto a ângulos tantos de abordagem, grato e compensado, o autor almeja uma tranquila leitura à sombra de uma árvore, contanto que se seja esperto para que algum fruto não lhe caia na cabeça.

Às vezes pode até doer.

BERNARDO JERÔNIMO DE CAMPOS é advogado, contador e cronista. Desde 2018 é titular da cadeira nº 30 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Jorge Amado. Contato com o autor pelo e-mail: jota.campos@uol.com.br.



CASCATA, PEIXES, TAPERÁS, MORTES E POLUIÇÃO

Valter Lenzi

Houve uma época em que o Rio Tietê não era malvisto e nem odiado. Foi até meados do século passado, quando ele orgulhava os saltenses com sua cascata, expandindo o som do chuá-chuá pelas imediações, atingindo boa parte da cidade. De repente as águas escassearam e as pedras, antes encobertas pela espuma branca, revelavam seus contornos, porque o homem começou a adotar medidas que mexeram com a abundância de peixes do rio, criando obstáculos sempre ampliados. As cenas rotineiras do rio cheio passaram a escassear e só nos janeiros e fevereiro anuais podia-se ver o espetáculo provocado pela queda d'água, fazendo o saltense voltar às margens do Tietê para apreciar o espetáculo.

Antes que isso acontecesse, até a década de 1940, peixes era o que não faltava no rio. E não peixinhos, mas pintados, dourados e jaús de grande porte, quase do tamanho de um homem. Eles alimentaram a população na grande crise da década de 1930, quando as indústrias locais reduziram o número de dias trabalhados e por isso comia-se peixe no almoço e no jantar, 7 dias por semana, 30 por mês. Mas ninguém rejeitava os piquiras, peixe que a natureza criou só para ser comida frito, com polenta, segundo um relato na revista “Vida ao ar livre”. A piquira, segundo ela, “era

pescada com um fio de barbante, com isca de palmito ou pão, mas sem anzol. Vinha no tranco”. Ela fala de outros peixes de pequeno porte, chamados de “peixinhos de frigideira”, podendo-se citar as piavas, lambaris, ximborés, saicangas, saguirus e mandijubas. Os curimbatás eram pescados “no chute”, no momento em que se espalhavam em ondas prateadas pela superfície das rochas.

Curiosamente, a revista não dá muita importância aos mandis, que inclusive serviram para apelidar os saltenses quando eles chamavam os ituanos de “sapos”. A partir da década de 1950, os mandis se tornaram muito conhecidos (e pescados) e ninguém se sentia ofendido quando lhes chamavam pelo apelido.

Quando a cascata impressionava pela beleza e pelo esplendor, havia “moradores” das margens do rio que encantavam pela forma como chegavam e como deixavam as fendas das rochas margeando o Tietê. Eram os taperás, que ao entardecer apareciam em bandos e ocupavam as galerias inacessíveis que formam o salto onde faziam seus ninhos. Por volta das seis da manhã, começavam a sair do pouso, todos piando e em grande número, tomando diversos rumos, enquanto as pessoas que se postavam nas proximidades do rio apreciavam essa cena. Eles eram sempre perseguidos por gaviões e alguns eram surpreendidos em seus voos. Tinham também uma utilidade, pois se constituíam num termômetro vivo, pois, em ameaçando chuva, não saíam de imediato do seu ninho.

Em toda sua existência o Tietê matou muita gente, no mínimo um por ano, nos primeiros meses. Eram geralmente jovens que iam nadar no rio cheio e acabavam se afogando. Assisti a uma morte, no final da década de 1960. Estudava no Colégio Paula Santos e fui acompanhar a per-

formance de um amigo, também aluno do estabelecimento, Wladimir (Lelo) Alarcon. Ele e outros rapazes saíam da grande pedra da margem direita do rio com uma tarrafa presa ao corpo e atravessavam as águas, desafiando a correnteza. Na outra margem tinha um “canão”, por onde saíam centenas de peixes, que enchiam sacos de estopa, que os rapazes traziam de volta para o lado direito. Um deles, baixinho e magro, se ofereceu para atravessar o rio. Os demais o aconselharam a não o fazer; ele insistiu, nadou menos de 3 metros e afundou. Seu corpo só foi encontrado anos depois.

Uma outra morte, segundo jornais da época, a de um homem conhecido como Jorge Turco, que morreu numa pescaria: foi quando ele deu o lance com a vara. Naquele tempo não tinha essas linhas de hoje e o Jorge usava uma linha emendada de liços, aquele araminho com argolinhas dos teares, com que todos pescavam. Mas o Jorge foi muito infeliz quando fez o lance: a linha de liços bateu num fio de alta tensão de 22.000 volts e ele morreu fulminado.

A poluição tem sido uma companheira incômoda do Tietê desde a década de 1950. Naquela época, em virtude de barreiras criadas ao longo do rio, principalmente em Pirapora do Bom Jesus, a maior parte do ano só um fio d'água chegava à cascata. No final dessa década foi inaugurado o Restaurante do Salto, ao lado da cascata, onde hoje existe o Complexo da Cachoeira. As janelas do restaurante tinham que ser fechadas, pois o fedor que vinha do rio era insuportável. Isso, aliado à má gestão dos últimos proprietários, reduziu o número de clientes, principalmente turistas, que era muito grande, e o restaurante deixou de funcionar.

Além do mau cheiro, outros tipos de poluição atingiram o Tietê, cujas águas se tornaram escuras, causadas

pelos dejetos jogados pelas cidades ribeirinhas. Quando a quantidade de água era maior, o cheiro era suportável, depois que pouca água chegava às comportas ao lado da ponte de concreto, não se podia passar pelas proximidades em virtude do cheiro de esgoto. Nos anos seguintes vieram as espumas brancas e malcheirosas, a lama preta que tingiu não só o rio, mas também as rochas das margens e o despejo de todo tipo de material, como isopores, garrafas pet, latas de refrigerante e cerveja, enfim uma variedade que só se conhecia quando ela se acumulava nas proximidades da cascata. Foram toneladas de objetos procedentes de quilômetros de extensão, a partir de São Paulo e região metropolitana, que a Prefeitura teve que recolher e mandar para o “lixão”, sem contar com o apoio do maior responsável pela poluição: o Governo do Estado de São Paulo.

Esta é a parte da história triste de um rio que um dia foi exaltado por sua beleza. Um rio que enfrentou a ação destruidora do homem, que não foi respeitado, que sofreu todas as agressões que se pode imaginar. Às vezes ele reagiu, até com certa violência, mas atentaram contra sua vida e ele teria que enfrentar aqueles que foram cruéis com a natureza. E não foi a única vítima. Um outro rio da cidade, o Jundiaí, também foi alvo da ignorância e maldade do ser humano. Esta, porém, já é outra história.

VALTER LENZI é jornalista, empresário da Comunicação e autor de 16 livros. Foi correspondente de diversos órgãos de imprensa, entre eles A Gazeta Esportiva e O Estado de S. Paulo. É membro fundador da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 6, cujo patrono é Mário Dotta. Contato com o autor pelo e-mail: v.lenzi@tapera.com.br.



TIETÊ OU ANHEMBI

Francisco Antonio Moschini

Na língua indígena:

TI rio

ETE verdadeiro

TIETÊ rio verdadeiro

Em Pedra Rajada, Salesópolis (SP), na altitude de 1027 metros, debaixo de duas pedras, brota um olho d'água formando um modesto córrego, início do Tietê, rio rebelde, que nascendo a 22 quilômetros do mar, dá para ele as costas e se dirige para o interior recebendo inúmeros afluentes, cortando o estado de São Paulo de Sudeste para Noroeste até a divisa de Mato Grosso do Sul, onde despeja suas águas no rio Paraná, depois de percorrer aproximadamente 1130 quilômetros.

No século XVI, povoadores da capitania de São Vicente, moradores da Vila de São Paulo de Piratininga, aventuravam-se em navegar por aquele rio misterioso e desconhecido, buscando índios para o trabalho escravo nas lavouras. Mais tarde, sonhadores, bandeirantes, partindo de Ararituaba (Porto Feliz) pelo Tietê foram avançando pelos sertões em busca de ouro e pedras preciosas, de riqueza fácil. Grande ilusão, a fome, as doenças, o ataque dos índios, naufrágios, muitas vezes levando ao extermínio toda uma expedição. Relatos históricos de Francisco

Nardy Filho e de Afonso de Escragnolle Taunay citam que o governador do Paraguai, Luiz Céspedes de Xeria, em sua viagem fluvial a Ciudad Real (Assunção), teria partido de “...algum remanso (do Rio Tietê) a jusante do Salto de Itu” (Parque Moutonnée). O feito de maior valor daqueles aventureiros foi transpor a linha imaginária de Tordesilhas, que dividia as terras entre Portugal e Espanha e assim, o nosso território foi acrescido de grande extensão antes pertencente à coroa espanhola.

O Tietê de nossos dias

Desde Santana de Parnaíba até Salto, seu leito é formado por rochas graníticas com um desnível de 200 metros, apresentando corredeiras e cachoeiras que foram aproveitadas para a instalação de usinas de eletricidade na primeira metade do século XX. Nossa Usina das Lavras entrou em funcionamento em 1906, sendo a segunda no curso do Rio Tietê, a primeira foi a de Santana de Parnaíba. Lavras foi desativada na década de 1950 por já ser ineficiente. Hoje os prédios da usina e das residências dos trabalhadores, construídas em granito rosa e toda área vegetada, constituem o Parque das Lavras.

A bênção e a celebração da primeira missa na capela em homenagem a Nossa Senhora do Monte Serrat, pelo Padre Felipe de Campos, Pároco de Itu, em 16 de junho de 1698, no Sítio Cachoeira do Capitão Antônio Vieira Tavares, é considerada como a data da fundação de Salto.

Até a segunda metade do século XIX, Salto permaneceu praticamente “adormecida”, despertando com a instalação das indústrias de tecidos de José Galvão de França Pacheco Júnior (Júpiter) e, pouco depois, a do Dr. Francisco Fernando de Barros Júnior (Fortuna) e, mais

tarde, a fábrica de papel de Melchert & Cia. (ainda hoje em funcionamento). Todas instaladas às margens do Tietê, nas últimas décadas dos anos 1800. Essas três indústrias pioneiras tinham suas máquinas movidas pela energia das águas do Tietê abaixo da cachoeira.

Na década de 1920, foi construído o canal desviando as águas do Tietê de seu curso natural para movimentar a usina de Porto Góes em funcionamento desde 1928, de grande potência para aquela época.

Em Salto, até os anos 1940/50 o Tietê era limpo, volumoso, rico em peixes de espécies variadas. O crescimento desordenado da região metropolitana de São Paulo, onde hoje vivem mais de vinte milhões de habitantes, especialistas em urbanismo afirmam que é a maior área impermeabilizada do planeta. Assim, quando chove, as águas não têm condições de se infiltrar no solo, correm para os córregos e ribeirões causando graves enchentes e inundações e, finalmente, chegam ao Tietê carregando toneladas de lixo flutuante, plásticos, isopores, madeiras etc que, em nossa cidade, acumulam-se principalmente no Parque das Lavras e abaixo da cachoeira.

Nessas ocasiões também o descarregador de fundo da barragem de Pirapora é aberto, liberando grande volume de água carregada de lama negra do fundo do reservatório que chega a Salto Além de desprender gases tóxicos para o ar, nocivos à saúde e causam a morte de milhares de peixes por envenenamento ou asfixia. Outro fator poluente são as espumas que cobrem o rio praticamente durante todo o ano, espumas essas resultantes do uso excessivo de detergentes domésticos e industriais, impregnados de óleo negro.

Salto já não é mais a cidade “...da linda cascata, dos bandos de taperás...”

Na nossa infância e juventude, o Tietê era um rio de muitas águas, passava no fundo da nossa querida e saudosa Escola Paroquial Sagrada Família. Com os anos, vítima do “progresso”, hoje nosso Tietê não passa de um canal de águas poluídas e não sabemos se um dia será recuperado.

A luta em defesa do Rio Tietê vem de longa data, desde quando começaram os primeiros sinais de poluição e o desaparecimento dos peixes. No início dos anos 1990, cidadãos da região do Médio Tietê criaram o INSTITUTO DE ESTUDOS VALE DO TIETÊ – INEVAT, cujos objetivos, entre outros, citamos: congregar os estudiosos e pesquisadores das mais diferentes áreas do conhecimento com o objetivo da defesa ecológica do Rio Tietê e sua recuperação; projetar e viabilizar o futuro da região, com a consecução de estudos e projetos para a preservação e recuperação do patrimônio cultural, científico e ambiental em seus aspectos estético, paisagístico, histórico e turístico, de modo especial de seu vale médio.

Para isso o INEVAT tem realizado reuniões, palestras, cursos, viagens de estudos publicação de livros como: “PANORAMA HISTÓRICO-GEOGRÁFICO do Vale Médio Tietê”: “500 Anos de Brasil”, “Geologia e Geografia do Vale Médio Tietê”.

Atualmente o INEVAT participa de parcerias com a Faculdade de Tecnologia “D. AMAURY CASTANHO” de Itu e Universidade de Campinas – UNICAMP - na realização de cursos de conhecimento, preservação e valorização do patrimônio histórico, cultural e científico do Estado de São Paulo.

Terminamos com as palavras de Antônio de Alcântara Machado

“...e o Tietê deu a São Paulo o quanto possuía:

O ouro das areias

A força das águas

A fertilidade das terras

As madeiras das matas

O mito dos sertões

Despiu-se de todo encanto e de todo mistério.

Despoetizou-se e se empobreceu por São Paulo e pelo Brasil”.

FRANCISCO ANTÔNIO MOSCHINI é escritor e ativista na defesa das causas ambientais. Licenciado em Ciências Físicas e Biológicas e em Pedagogia. Desde 2021 é titular da cadeira nº 23 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é Euclides da Cunha. Contato com o autor pelo e-mail: fa.moschinisalto@hotmail.com.



CAMPOS DO JORDÃO

Antônio Oirmes Ferrari

Vencidos os últimos anos nos bancos do ensino universitário, na área de Letras, com especialização em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira, vejo-me formado e, naturalmente, pronto a exercer a nobre profissão do magistério. Por aqui, em Salto e Região, com apenas um Ginásio em cada urbe, não se acenava com a possibilidade, naquela época distante, de já lecionar em minha cidade. As chamadas “Cadeiras” de cada disciplina já possuíam, então, seus respectivos titulares.

Recém-formado, agi como outros colegas fizeram: inscrevi-me na Diretoria do Ensino Secundário e Normal, da Secretaria da Educação, em São Paulo e, submetido a proveitoso teste, logo fora chamado para assumir como interino a Cadeira de Português, do então Colégio Estadual e Escola Normal de Campos do Jordão. Ainda não conhecia essa linda cidade, historicamente estância climática, que naquela época - final dos anos cinquenta - já recebia caravanas de turistas, tanto nacionais como internacionais, principalmente durante a estação do inverno.

Campos do Jordão está localizada na serra da Mantiqueira – cujo nome em Tupi, Amantikir, significa montanha, com altitude de 1.628 metros, tido como o mais alto município brasileiro. Bem diferente de outras

idades, essa estância climática é formada por três vilas, as quais se interligam por ampla e moderna avenida: - Abernêssia, Jaguaribe e Capivari. Chegando pela SP-123, a primeira vila é Abernêssia, local mais voltado para o comércio e serviços. Ali estão instalados o amplo Mercado Municipal, as maiores lojas, as escolas, as sedes de diversas entidades culturais e recreativas, o cinema da cidade e o Estádio Municipal, que recebeu a vitoriosa Seleção Brasileira de Futebol, na preparação para a Copa do Mundo, no Chile, em 1962.

Um destaque especial em arquitetura é o Palácio Boa Vista, construído pelo Governo do Estado como sede de veraneio dos governantes, ao longo dos anos. É também usado em eventos culturais, principalmente em exposições de artes plásticas brasileiras, quando a Pinacoteca do Estado começou a adquirir obras de artistas modernos, o que significou a admissão oficial da arte contemporânea em nosso País. Por tudo isso, o Palácio Boa Vista tornou-se Museu e Monumento Público, sem perder suas funções de veraneio dos governantes.

A segunda vila é Jaguaribe, onde residem os trabalhadores e famílias mais antigas da cidade, dotada de serviços públicos, empresas e casas populares, mas sem grande interesse para o turista. Finalmente Capivari, em verdade, é a vila mais charmosa, com lindas casas e edifícios portentosos, é a área mais turística de Campos do Jordão, que reúne os melhores restaurantes da estância, em cujo local apresentam-se atrações diversas para os muitos turistas que a frequentam. Capivari é o local onde tudo acontece, seja ao redor da Praça Benedito Calixto, onde a bela Concha Acústica sedia apresentações do Festival de inverno, que é realizado anualmente, seja

no amplo calçadão da Rua Djalma Forjaz, com as turmas de jovens alegres, elegantes e casais apaixonados.

A PARADISIÁCA NATUREZA, com que com Deus presenteou Campos do Jordão, na serra da Mantiqueira, a 1.628 metros de altitude, faz dessa estância um dos locais mais expressivos para quem deixa a azáfama dos grandes centros e procura paz e tranquilidade. Sem dúvida, é ótima opção o ano inteiro, principalmente no inverno. É um lugar cercado pelo charme das montanhas verdes da região serrana, que encanta os que decidem descobrir e redescobrir sua magnífica paisagem e atrações. Excelente para o ser humano sair da rotina, respirar o ar puro e ter contato com a NATUREZA. Vive-se aí o silêncio rompido somente pelo marulhar das águas do ribeirão dos marmelos e pelo som da vida animal silvestre. Com as quatro estações do ano bem definidas, cada qual com seus atrativos, a água abundante e mineral oferece momentos revigorantes, assim como o ar puro das montanhas.

Essa região é caracterizada por uma cobertura vegetal de transição entre a chamada Mata Atlântica e a Mata das Araucárias. Vamos encontrar na Mata Atlântica, em seguidos estágios, desde capoeiras até vegetações de porte arbóreo bem denso. A segunda citada, a Mata das Araucárias, por sua vez, traz a beleza da vegetação associada à altitude da estância, com exemplares de Pinheiro-do-Paraná e Pinheiro-Bravo, além de lindos campos de altitude. O relevo de Campos do Jordão, associado à altitude, bem como à vegetação, em especial ao clima da região, vem a formar um espetáculo de grande valor cênico e biológico, de encher os olhos.

Nesse lindo quadro que a NATUREZA oferece aos

jordanenses e turistas, realcemos a densa vegetação, que se distribui em duas grandes formas: a vegetação da mata e a vegetação campestre. Com referência ao paisagístico, sobressai a presença de vegetais da floresta de Araucária-Podocarpus e de inúmeros reflorestamentos de coníferas. O Pinheiro é a ÁRVORE-SIMBOLO de Campos do Jordão, ainda que a mão humana, para fins comerciais, o tenha atacado desmesuradamente.

O gênero Araucária, segundo estudos sobre “Araucarilândia”, abrange cerca de dez espécies de árvores, em regiões da América e da Austrália. O nosso Pinheiro – Araucária Brasileira – tem sua área de dispersão firmada em terras jordanenses e em algumas cidades mais do sudeste e sul do Brasil. Há também, nessa variação de espécies, a Araucária Excelsa, também conhecida como “Pinheiro Nordfolk”, com seus lindos ramos exatamente vertidos, formando rodas de cinco raios, que vão decrescendo até chegar ao ápice. Outra é a Araucária Cunninghami, originária da Austrália. Essas duas últimas são carinhosamente cultivadas em Campos do Jordão, por serem ornamentais, graças ao belo aspecto.

Com referência à flora, vários naturalistas, como Sampaio Ferraz e Hoene, após profundos estudos, enaltecaram os aspectos botânicos “sui-generis” da região. Ambos classificaram de rica a flora serrana de Campos do Jordão. Tanto que dessa estância climática trouxeram para o excelente Herbário Botânico, em São Paulo, nada menos de trinta e quatro famílias diferentes dessas plantas, distribuídas entre as Pináceas, Lycopodiáceas, Liliáceas, Eriocauláceas e outras mais, além de quarenta e seis espécies de lindas Orquídeas vivas.

Por tudo isso que expusemos e por questão de am-

plos méritos, onde prevalece o valor da MÃE NATUREZA, Campos do Jordão foi declarada como Área de Proteção Ambiental – APA - pela Lei Estadual no. 4.105, de 26 de junho de 1984. Atualmente, faz parte de um conjunto de áreas protegidas pelo Estado e pelo Governo Federal, com o fim de garantir a proteção de ecossistemas da Mata Atlântica e os recursos hídricos, os quais são utilizados para abastecimento público de diversos municípios de São Paulo e de Minas Gerais.

Depois de dois anos letivos, encerramos nosso contrato de trabalho de professor do Colégio Estadual e Escola Normal da bela cidade de Campos do Jordão. O Governo do Estado abriu Concurso Público de Provas e Títulos e, graças a Deus, logramos êxito. Tínhamos de seguir a carreira profissional do magistério e assim o fizemos. Ingressamos no Ginásio Estadual de Nhandeara e na primeira remoção, logo após um ano, escolhemos o então Ginásio Estadual de nossa querida Salto. Por concurso, depois da sala de aula, assumimos a direção da escola que, logo mais, viria a ser o excelente Colégio e Escola Normal Estadual “Professor Paula Santos” e, nos derradeiros anos, a direção da progressista Escola Estadual de 1º e 2º Graus “Profa. Leonor Fernandes da Silva”, sempre em Salto, até o dia de nossa aposentadoria.

Da linda cidade de Campos do Jordão, guardo gratas recordações pelo carinho de sua gente, autoridades, alunos, colegas professores, pais de alunos e muitas pessoas mais, além de sua exuberante NATUREZA.

Diante do que vivi e revivi, em dois anos, nessa acolhedora estância climática, guardo comigo, ainda, versos de um dos meus alunos, louvando sua cidade:

“Campos do Jordão...
Nossa terra, nos altos da Mantiqueira
Seu clima, suas matas, pirilampos...
Cantemos a linda sinfonia altaneira
Dos campos, das flores, encantos
Em louvor à nossa “Suíça Brasileira”.

ANTÔNIO OIRMES FERRARI é graduado em Pedagogia, Direito e em Letras, Catedrático de Português e especialista em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, onde é titular da cadeira nº 7, cujo patrono é Machado de Assis. Contato com o autor pelo e-mail: aoferrari@uol.com.br.



AMAZÔNIA

Toni Tordivelli

Da janelinha do avião, chegando a Manaus/AM, vejo a floresta aos meus pés!

E fico sempre na dúvida!

Será uma cidade na floresta ou uma floresta na cidade?

Antes da aterrissagem, porém, clareiras enormes me mostram a intromissão do homem nessa natureza tão bela!

Jornais denunciam, a toda hora, a devastação da Amazônia, por estrangeiros.

Porém o que mais machuca é que, muitas vezes, essa devastação está sendo feita por brasileiros!

Casos recentes inundam os noticiários. Uma triste realidade.

Conhecer a Amazônia deveria ser obrigatório a todo brasileiro, como Meca para os árabes.

Não só a floresta, mas a fauna, a comida típica, as danças e, principalmente, o linguajar de seus habitantes.

Me encanta!

E, em cada vez que por lá apporto, de repente me pego usando “leзера” para preguiça, “torta” para bolo e “bolo” para torta.

Também me encantam o “banzeiro” das águas negras do rio e a “cruzeta” ao invés de cabide.

O povo parece não ter pressa. Nada os estressa. A fala é mansa e compassada.

Uma delícia de se ouvir!

Mas, contrastando com o trânsito maluco, pedestres surgem de todos os cantos, menos nas faixas de segurança, ao irritante som das buzinas que nos perturbam durante o dia e até à noite, a cidade quase não para! Acho que o manauara treina o uso da buzina em diferentes partes do dia. O barulho e a falta de obediência às leis do trânsito resultam em um corre-corre caótico e barulhento.

Nem mesmo o calor insuportável, que machuca e queima a pele, nos faz sentir saudade do frio do inverno paulistano.

Seus shoppings e lojas possuem um sistema de ar condicionado que gela até a alma. Isso nos leva sempre a termos em mãos um casaquinho. O amazonense é um povo feliz, alegre, que gosta de música, arte e piqueniques em flutuantes, com muita comida e som bem alto!

Ama seus bois e tudo é vermelho Garantido ou azul Caprichoso.

Diferentemente daqui do Sudeste, que considera seus oponentes futebolísticos como inimigos, lá no Norte, cada um torce para a vitória do seu boi, respeitando sua vez e até aplaudindo o boi rival!

Rivalidade, sim! Inimizade, nunca!

Tiram da natureza seu sustento, mas respeitam-na como sua casa e lar!

Até veneram sua Nossa Senhora! A Nossa Senhora da Amazônia!

É lá que vou assistir minhas missas. A igreja é linda! Toda de vidro, cercada por árvores e plantas, com um Cristo imenso esculpido em uma árvore da floresta!

A Natureza faz parte do dia a dia do amazonense, tanto que até dentro de um de seus modernos shoppings centers

tem uma parte da floresta, reverenciada e amada.

E tudo isso nos leva a respeitar seus habitantes, sua vitória-régia, seus igarapés já um tanto poluídos, suas tradições e sua gente.

Sua cozinha regional é cheia de tapioca recheada com banana pacovã, queijo coalho e manteiga de garrafa, sem deixar de mencionar os tucunarés e tambaquis, peixes que encantaram até o Papa!

E ainda, falando de sabores, não posso deixar de mencionar o tucumã, que é vendido descascadinho e em saquinho, nas barraquinhas da feira.

Aliás, as feiras são casos à parte! Cheias de cores, sabores, aromas e cheiros da floresta, com perfumes que exalam e permanecem por horas!

A mãe Natureza foi gentil e amável conosco, brasileiros, principalmente com o amazonense, que desfruta de praia de rio, cachoeiras abundantes e ar puro da floresta!

Um passeio pela orla da Ponta Negra, desestressa, nos dá energia e nos revigora, além de fazer bem ao corpo e à alma.

Uma terra de contrastes!

Nossas origens estão bem conservadas no Museu da Amazônia. Aldeias indígenas ao redor da cidade grande, povos ribeirinhos nas barrancas dos rios e a modernidade da megalópole, que se situa no meio da floresta, fazem de Manaus um lugar único!

Um povo alegre, gentil, musical, que se orgulha do Teatro do Amazonas, fruto de uma época de ouro que nosso país viveu com o ciclo da borracha. Um povo que ama o Nordeste e o Rio de Janeiro.

Um Brasil diferente, sem grandes rodovias e pedágios, mas que tem rios como estradas, floresta como leito e um

coração aberto para acolher gente de todas as partes do mundo.

Só nos resta retribuírmos essa gentileza e amabilidade para com a cidade, a floresta e as pessoas.

Que essa união seja feliz e duradoura!

TONI TORDIVELLI é professora de Inglês e cronista. Diplomou-se em Letras no Brasil e estudou no American Field Service, nos EUA, onde desenvolveu fluência em Inglês. Desde 2019 integra a Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 8, cujo patrono é Gonçalves Dias. Contato com a autora pelo e-mail: tordivelli@hotmail.com.



NATUREZA

Alberto Manavello

Pensando com os meus botões sobre o tema natureza, sinto-me como aquela criança nascida e crescida na cidade que, perguntada se sabia de onde vinham os frangos, respondeu sem titubear: “*da geladeira*”. Assim fui eu durante a minha infância, até o dia que fui passar algumas semanas na chácara de meu avô, em Mogliano Veneto, a quinze quilômetros de Treviso, na Itália.

Ali andei a pés descalços sobre a terra. Pisei a grama, vi as galinhas comendo minhocas. Elas tentavam comicamente voar, fazendo barulho com seus intermináveis cacarejos etc.

No dia 7 de abril de 1944, no colo de meu pai, assisti, de longe, ao primeiro e mais devastador ataque aéreo que aconteceu em Treviso, minha cidade.

O Boeing 159 B-17 da Força Aérea dos Estados Unidos lançou mais de 2.000 bombas durante um ataque de apenas cinco minutos (das 13h24 às 13h29). O alvo era o pátio de manobras da ferrovia local, mas a imprecisão do bombardeio fez com que a maioria das bombas caísse por toda a cidade, destruindo a maior parte dela.

Dos 4.600 edifícios, 700 foram destruídos, 1.100 fortemente danificados e 1.962 levemente danificados. Grande parte das obras medievais do centro da cidade foi des-

truída. Entre 1.000 e 1.600 civis morreram, incluindo 123 crianças, de acordo com os registros do município.

Tendo mais de vinte séculos de história, é fácil deduzir a destruição causada nos antiquíssimos prédios, igrejas, obras de arte de todos os tipos que o homem foi edificando no meio da natureza. Ainda hoje ela está presente em frondosas árvores, velozes rios povoados de peixes, prados, colinas etc.

É de se perguntar se a cultura, a modernidade e a ciência são inimigas da natureza ou perigosas para ela. Para mim, certamente não são!

O desequilíbrio é causado pela ganância, pela sede de poder, pela obsessão do homem pelo dinheiro, como em toda a história da humanidade até agora.

Como sempre, TER importa mais que SER.

Hoje sou chamado pela sociedade a responsabilizar-me por algo sobre o qual nunca tinha sido consultado! **O Aquecimento Global.**

Segundo nos informam, é ocasionado pela forte diminuição dos pulmões da terra, as florestas do nosso planeta e, atualmente, de forma assustadora, a Floresta Amazônica, aqui, em nossa casa, o Brasil, outrora propriedade de povos indígenas chamados Tupi Guarani, Ianomami e muitos outros.

Eles, por sua cultura e sua história, nos admoestam por não tratar com suficiente respeito a mãe natureza. E têm razão!

É difícil para um leigo como eu opinar. Preciso antes me informar.

Sendo um ferrenho leitor de periódicos, daqueles que ficam sondando os noticiários por uma a duas horas todos

os dias, estou suficientemente informado sobre o assunto pela ciência, pela política, pelos jornalistas bem informados, pelos franco-atiradores e pela miríade de exaltados de todas as horas.

Mas sinto falta de algo mais!

Sendo católico praticante, sempre em busca da orientação da Palavra de Deus, procuro respostas equilibradas e inspiradoras nas ponderadas e isentas opiniões de nossa Igreja. Isto me serve para completar o rosário pessoal, capaz de formar convicções equilibradas sobre ideais importantes.

“O que está em jogo é a vida do nosso planeta azul”, diz Dom Odilo Pedro Scherer, num artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, em 13 de novembro de 2021. Continua em outros trechos afirmando que não é de hoje que a Igreja ensina o respeito à Natureza, que não é vista somente como algo a ser desfrutado para o desenvolvimento humano. “Ela é obra de Deus Criador e manifestação de sua providência para o ser humano e todas as demais criaturas. Cabe ao homem cuidar e administrar este Jardim em benefício de todos”.

O nosso Cardeal lembra do padre de sua comunidade de jovens, no Paraná, que dizia assim:

“A terra está ferida e a água vermelha dos córregos e rios é sangue que escorre”.

Muitos leitores discordarão de mim e respeito essa discordância. Se Deus a permite embora não concordando sempre, quem sou eu para querer eliminar o livre arbítrio, dom de Nosso Senhor.

Tenham certeza, amigos, não busco polêmicas. Quero, isto sim, dar testemunho de minhas convicções espirituais, na esperança de que até os mais céticos possam parar para

refletir sobre a possibilidade de existir um Deus Todo Poderoso.

Outra palavra ecoou em minha mente, necessitada de maiores esclarecimentos, para melhorar o meu entendimento sobre as coisas relativas à Natureza: **Ecologia!**

Abaixo transcrevi esta definição, não a única certamente, que se encaixou muito bem em minha parca lógica:

A **Ecologia** é a área da Biologia responsável por estudar as relações que os seres vivos estabelecem entre si e com o meio em que vivem.

Agora me pergunto:

Por que Deus, Criador do Universo, se serviu do homem para melhorar, embelezar, racionalizar e enriquecer sua própria obra da criação? Fico muito contente ao perceber que isto já estava e está nos planos Dele.

Pelo batismo somos Seus filhos, feitos à Sua Imagem e semelhança.

Para ratificar este pensamento, fecho os olhos e vejo obras monumentais, como as Pirâmides do Egito; de Yucatán, no México; o Coliseu Romano; a Torre Eiffel; os jardins do Vaticano; os Jardins da Tuileries, em Paris; a Capela Sistina de Michelangelo e ainda os cultivos de inúmeros viveiros de flores coloridas, embelezando os quatro cantos da Terra. Penso que estas poucas lembranças são testemunhos suficientes da arte e da cultura promovidas pela fervida imaginação humana, alimentada pela Graça de Deus.

Laudato Si, a Encíclica do Papa Francisco de 2015, diz, entre muitas outras coisas: “*Nas questões ambientais tudo está interligado: o ambiente da vida, a pessoa humana e os demais seres, as questões econômicas, a justiça social e a paz. Não se pode*

tratar de uma delas sem levar em conta as demais dimensões deste conjunto de relações de uma ecologia integral.”

O Papa Francisco define o nosso Planeta como: “*Casa comum da inteira família humana*”.

Poucos meses atrás, tive este pensamento que repito parcialmente:

Agora mudou tudo! Explodiu a Covid 19.

A Pandemia virou Pandemônio, confusão e desordem provocadas por todos os demônios. Há cem anos o mundo saiu da primeira guerra mundial com um nefasto recorde de aproximadamente dez milhões de mortos. Dois anos depois, a Gripe Espanhola deixou mais de cinquenta milhões de vítimas. Apavorante!

Como fugir? O que devo fazer? Quem pode me ajudar? Cadê a vacina?

Hoje está mais complicado! O aquecimento global, que era uma possibilidade, tornou-se realidade. A ameaça da guerra na Ucrânia, uma terrível verdade. As convulsões sociais, um claro sinal de intolerância entre irmãos. A corrupção empurra as crianças para a catástrofe da prostituição infantil.

Poderá o homem renascer com novas ideias e novas esperanças ou estamos no fim dos tempos? Vá saber!

O desafio me parece sobrenatural. Por isso procuro respostas sobrenaturais na minha fé. Calando o histerismo coletivo, encontramos o porto seguro em um Deus de amor que nos quer artífices do nosso próprio destino. Ele confia em nós; somos seus filhos amados.

Nossa tarefa é continuar preservando a nossa semelhança com Ele próprio e confiar que poderemos continuar sendo coadjuvantes no aprimoramento da natureza

humana, que nos levará avante até que Ele volte!

Para terminar este longo pensamento, usarei os dizeres da capa desta antologia

Natureza: eu, tu, ela...

Meu irmão, olha para a natureza, obra de Deus e reza. Mesmo que sejas ateu, olha para além de ti e curva-te diante da inteligência superior que ordenou todas as coisas do universo. Agradece!!

- O minúsculo “eu” está do tamanho certo.
- TU, O MEU DEUS Onipotente, Onisciente, Misericordioso e Maiúsculo, continua distribuindo, te suplicamos, as tuas graças por toda a obra da criação.
- ela, a criação, é, e sempre será, a grande inspiração de teus filhos, os homens de boa vontade.

Contando com a inspiração do Espírito Santo, olhe-mos confiantes para o renascer da Esperança.

ALBERTO MANAVELLO é empresário da indústria e escritor. Nascido em Treviso, o italiano seu idioma nativo. Autodidata, publicou, em português, três romances. Desde 2019 é membro da Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 9, cujo patrono é José de Alencar. Contato com o autor pelo e-mail: a.manavello@gmail.com.





ENSAIOS

NATUREZA HUMANA COM INTEGRIDADE E PAZ

Francisco Carlos Garcia

Em recordações da minha infância, envolvidas em neblinas, bailam lembranças de uma Salto diferente. Como fotos antigas e amarelecidas me lembro da Gruta do Zé Eduardo, da Vendinha e da Capela no Buru. São vivas também as enchentes do Tietê e Jundiaí, assim como ficava apavorado com rapazes pulando do trampolim na Barra ou mergulhando no Rancho Alegre. Na minha angústia de criança, eles deixavam de existir, até suas cabeças reaparecerem nas águas escuras!

Crescemos e as coisas mudaram. Velhos medos ou coisas singelas foram engolidos pelo tempo. No lugar da inocência, nasceu em um lado crítico que de pequenos não víamos. Arrisco dizer que, se você ou eu, pudéssemos encontrar com a criança que fomos, faríamos reparos em nós mesmos. Que pena que é assim. Diante desse processo da vida, eu me pergunto: Onde foi que perdemos a inocência? Como e quando cresceu esse estranho que por vezes nos incomoda? Deixe-me ser mais assertivo falando de outra forma.

Todos nós já vivemos situações assim: alguém chega até nós e de graça diz: *“Olha, eu não sou melhor do que ninguém, mas...”*. Pois é, certamente depois desse *“MAS”*, segue algum reparo ao comportamento de alguém. Sempre

desabonador. E, cá entre nós, isso é bem usual. Parece que a predisposição em julgar os outros, faz parte da natureza humana. Pior; fazemos isso na razão inversa com que somos condescendentes conosco mesmo. O que acontece? Cadê a criança inocente que fomos? Porque nos julgamos melhores que os outros, mas esperamos deles atitudes melhores que as nossas? Por favor, estas são só reflexões em voz alta, considerações que talvez nem se apliquem a você. A mim, mesmo me policiando, confesso que a consideração se encaixa; estou sempre tentando resgatar a criança que fui, frente ao adulto que me tornei.

Sabemos que o encantamento despertado por um jardim florido, só existe em função do tempo, pelo cuidado com a rosa, aquele proposto por Saint-Exupéry. A harmonia do jardim não se dá por acaso, mas por ser regado, ter as terras afofadas, adubadas, atenção com as pragas. Com a natureza humana também deve acontecer a mesma coisa, de estarmos sempre atentos. Afinal como podemos ter esse cuidado permanente? Ocorrem-me dois exemplos.

..... oOo

Primeiro: lembro-me de ter lido sobre a pintora mexicana Frida Kahlo (1907-1954), uma artista de vanguarda, bem à frente do seu tempo. Sua trajetória de vida, curta e trágica, foi mesclada de sobressaltos, sofrimentos, paixões e luta. Aos seis anos, por exemplo, contraiu poliomielite, infortúnio que a incomodou desde cedo e deixou sequelas nas duas pernas. Na época, as crianças da escola, ferinas como algumas conseguem ser às vezes, apelidaram-na de *“Frida da perna de pau”*. Imagine que essas provações lhe aconteceram em plena formação de seu caráter

e, sem dúvida, a fizeram sofrer como não seria diferente em qualquer pessoa ainda em construção. A limitação de suas pernas acompanhou toda sua vida adulta, forçando-a a se adaptar. Foi nessa época que Frida adotou saias longas. Mais tarde elas se tornaram coloridas, chamativas, uma de suas muitas marcas.

A partir dos 18, outros infortúnios lhe acometeram. Ao ser colhida num acidente de carro, que envolveu um caminhão e um bonde, uma barra de ferro lhe atingiu a região da pelve e da barriga. O acontecimento a deixou com fraturas múltiplas na coluna vertebral, costelas, bacia e até perfuração do abdômen. Foram mais de 30 cirurgias, além da necessidade de usar, permanentemente, um incômodo colete metálico. O incrível é que foi nesse tempo de provação que a pintura entrou em sua vida e, em decorrência, levou-a a se envolver em causas sociais que a tornaram símbolo feminista na época. Esse conjunto de coisas, somado a desencontros amorosos e envolvimento político, passaram a se refletir sempre em seus quadros.

Um ano antes de sua morte precoce, seu estado de saúde piorou e ela precisou amputar os **dois pés** devido a uma forte gangrena. Ainda assim, em sua resiliência espantosa, ela deixou uma de suas frases célebres: *“Pés, para que os quero, se tenho asas para voar?”*. Em sua determinação, ao final da vida, apesar de todos os infortúnios que lhe rondaram a existência, é incrível a doçura de uma frase dela que mexe com qualquer pessoa de sensibilidade: *“Se eu pudesse lhe dar algo, eu daria a capacidade de você ver-se a si mesmo, através dos meus olhos”*. Uma senhora lição cheia de poesia, concorda?

Um segundo exemplo vem de muitos séculos antes da mexicana: o de Agostinho de Hipona (354-430), um filósofo arguto que passou toda a sua vida refletindo sobre temas profundos. Suas reflexões, desenvolvidas pela observação das atitudes das pessoas, revelam uma brilhante capacidade de síntese. Veja algumas das muitas propostas que constam de suas obras, três considerações importantes que podem pautar nossas vidas. A primeira: *“As pessoas não são o que parecem”*. A segunda: *“Mesmo elas - pessoas - não são o que gostariam de ser”*. E arremata tudo na terceira: *“As pessoas não são como cada um de nós gostaria que elas fossem”*. Sugiro que você releia e sinta a profundidade dessas afirmações antes de continuar.

A densidade e lógica com que Santo Agostinho perscrutou e escreveu essas impressões resumem-se assim: *“Os outros não têm poder sobre nós; nós sim é que lhes atribuímos esse poder”*. Só isso carrega uma carga de ensinamentos que não se esgota. Como grande filósofo e teólogo que ele foi, seus pensamentos justificam com justiça o título dele ser um dos Grandes Doutores da Igreja e encerra tudo propondo-nos humildade: *“Enquanto não aceitarmos essas verdades, nunca seremos felizes!”*. Mais do que metas, conquistas, sucesso ou dinheiro, ser feliz implica em como nós vivemos essas nossas buscas. Em outras palavras, devemos aprender a negociar sempre com pessoas decentes. É bem melhor fazer um mal acordo com pessoas decentes do que o contrário, ensina ele. Alguma dúvida?

..... oOo

Na permanente busca de construirmos nossa integridade e paz, as propostas de Frida ou Agostinho nos pro-

vocam sobre a necessidade e importância de sermos sempre melhores para melhorarmos também o mundo. Se, em vez de murmuramos do(a) outro(a), *que gostaríamos que ele(a) fosse assim ou assado...*; que ele(a) deveria agir dessa ou daquela forma... seria ótimo se isolássemos nossas críticas, substituíssemos nossas reservas e nos concentrássemos nos aspectos positivos do(a) outro(a). É do pequeno que se chega ao grande!

No lugar de sermos reativos, por que não mudamos? *“O que eu posso fazer para que tudo seja da forma como quero, espero ou acho que deveria ser?”* Se temos livre arbítrio, por que não o utilizamos como deveríamos? Agostinho disse: *“O ser humano não consegue fazer o bem que quer, mas, com frequência, faz o mal que não quer”*. E completou: *“Nossa liberdade não está simplesmente em escolher entre o bem e o mal, mas, efetivamente, nos voltando para o bem renunciando ao mal”*.

Antes que alguém diga que: *“Ah, com Frida foi diferente, afinal ela foi uma grande artista, reconhecida no seu tempo”* ou então, insinuasse: *“Ora, Agostinho foi um modelo de tal sorte extraordinário que até se tornou um santo”*. Eu, então, arriscaria dizer que esse é o argumento de alguém que não entendeu nada. É próprio de uma pessoa que precisa ouvir música na praia ou que vive implorando pelo céu e, uma vez atendida em sua prece, acha que ele deveria ser de outra cor!

..... oOo

Vale reforçar: problemas, sobretudo os mais significativos, nem sempre existiram; pelo contrário, costumam se insinuar pequenos. Estabelecem-se e, sem que perceba-

mos, criam corpo. Em outras palavras, vicissitudes sempre acontecem naturalmente. Como num jardim, elas surgem e floresçam, por isso precisamos estar atentos. Prudência é isso: perceber pequenos desvios de forma a neutralizá-las. Só assim viveremos idealmente. Só então atingiremos integridade e paz que, por natureza, estamos sempre buscando!

FRANCISCO CARLOS GARCIA é professor do Ensino Superior. É graduado em Administração e Mestre em Gestão Estratégica de Negócios. É membro fundador da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira de nº 13, cujo patrono é Monteiro Lobato. Contato com o autor pelo e-mail: francarcia@gmail.com



NÓS

Katia Auvray

NÃO É APENAS IMPRESSÃO o sentimento de bem-estar que sentimos no contato com mar, montanhas, rios e cachoeiras. Nem uma mera coincidência quando buscamos refúgio em bosques, parques, praças e reservas florestais para nos acalmarmos.

O desejo de natureza sinaliza a existência de uma memória ancestral, a partir da premissa de que passamos a maior parte dos cinco milhões de anos de evolução como primatas, em meio a ela.

Em 1984, Roger Ulrich - primeiro cientista a fazer pesquisas relacionadas ao assunto - demonstrou que a natureza faz bem, ao comparar pacientes em quartos com janelas voltadas para árvores com outros, cujas janelas ofereciam vista para uma parede de tijolos.

Os pacientes com acesso ao verde saíram mais cedo do hospital, tomaram menos analgésicos e sofreram um menor número de pequenas complicações pós-cirúrgicas.

Ulrich também investigou os benefícios da natureza virtual. Concluiu que os níveis de estresse das pessoas que esperavam em uma sala para doar sangue eram mais baixos quando a TV mostrava imagens de ambientes naturais, do que no momento em que figuras de cidades apareciam. A partir do estudo, diversos hospitais e consultórios médicos já incorporaram o recurso no Exterior e, também, no Brasil.

Pesquisas do professor Yoshifumi Miyazaki, da Universidade de Chiba, no Japão, comprovaram que caminhar em ambientes naturais elevou em 56% um determinado tipo de glóbulos brancos nos indivíduos acompanhados. Uma quantidade 23% maior das células em relação ao estado original foi mantida durante um mês após a caminhada e o retorno à vida urbana.

Além dos glóbulos brancos, foram analisadas as quantidades de cortisol - um indicador de estresse, a pressão sanguínea e os batimentos cardíacos. Ocorreram reduções de 16% no cortisol, 4% nos batimentos cardíacos e 2% na pressão arterial, entre outros efeitos.

O governo japonês já investiu, desde 2004, mais de US\$ 4 milhões em pesquisas sobre o assunto e, hoje, a prática foi incorporada por 25% da população, que conta com locais para a prática de Shinrin-yoku ou Terapia da Floresta, Florestoterapia ou Banho de Floresta.

O Shinrin-yoku visa à profunda conexão do ser humano com a natureza para obter benefícios ao corpo, à mente e ao espírito. A prática é baseada nos princípios budistas e xintoístas, que ressaltam o contato com a natureza para atingir o bem-estar geral. Nos dias atuais, é utilizada principalmente como forma de medicina preventiva.

Uma das características do Banho de Floresta é que se adapta a diversas condições e não é indispensável um local especial. Uma caminhada ao longo de um córrego, em parques ou em áreas verdes mais isoladas produz bons resultados. Também pode ser realizado a qualquer momento, sozinho ou acompanhado. O importante é (re)aprender a parar, olhar, ouvir, cheirar e tocar a natureza ao seu redor.

Mais que uma excelente terapia para os diversos sistemas orgânicos, as florestas auxiliam na saúde mental, me-

lhorando o humor e o bem-estar.

As pesquisas japonesas também relacionaram os efeitos da floresta à inalação de fitocidas - compostos orgânicos voláteis, liberadas pelas folhas das árvores. Elas são utilizadas pelas plantas como um antibiótico que inibe o desenvolvimento de micro-organismos agressores.

Nós as respiramos ao caminharmos por uma floresta. Mais uma vez, nossa profunda conexão com as árvores - talvez nossas mais importantes parceiras evolutivas - confirma que temos muito em comum com elas. A prática do Banho de Floresta alinha a saúde da floresta à nossa própria saúde e o espírito também se beneficia. Cinco minutos de imersão na natureza é todo o necessário para elevá-lo, afirma o professor Jules Pretty, da Universidade de Essex, Estados Unidos, que sintetizou os resultados de uma dúzia de estudos sobre os efeitos da natureza no ser humano.

A soma de humanos e florestas é apenas um fragmento do todo que compreende o mundo em que vivemos. O conceito conhecido como Holismo propõe que todos os seres estão interligados e que nada existe de forma isolada.

O termo só foi utilizado dessa forma em 1927, pelo sul-africano Jan Christiaan Smuts, na obra *Holismo e Evolução*. Para ele o todo é uma unidade complexa formada por partes, que são intimamente relacionadas. Assim, as partes afetam o todo e são afetadas por ele.

É praticamente impossível delimitar onde começa o todo e onde termina cada parte, devido a uma profunda interação na qual as partes e o todo se influenciam continuamente. Todas as partes se representam no todo, da mesma maneira que o todo está em todas as partes.

Não é preciso ser cientista, filósofo ou especialista para saber que a interferência humana gera graves consequên-

cias para o planeta (o todo), que são revertidas para as partes – nós entre elas: degelo, extinção acelerada de espécies, tsunamis, furacões, enchentes, secas e doenças desconhecidas que, a partir da migração de vírus encontrados em animais, se tornam cada vez mais visíveis, tanto pela frequência com que ocorrem, quanto pela redução do tempo de ocorrência entre elas.

Por esse motivo a visão holística também é aplicada à educação ambiental, que tem a função de conscientizar os indivíduos sobre a preservação e utilização sustentável da natureza - que não deve ser separada do indivíduo, pois formam um conjunto impossível de ser desmembrado.

Nações têm se unido na busca de soluções para os problemas ambientais e para a criação de políticas públicas de preservação da natureza. Órgãos de fiscalização foram criados e tratados internacionais, assinados para que os países se comprometam a realizar ações voltadas à redução dos níveis de CO₂ na atmosfera, para evitar que a temperatura média do planeta ultrapasse 1,5° C. Em parte dele acaba de atingir 3,0° C. Tratados não resolvem – apenas ações.

O relatório de 2022 do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), órgão de maior autoridade do mundo em ciência do clima, aponta que esta elevação nos termômetros fará com que o planeta seja atingido por “ondas de calor sem precedentes, tempestades aterroizantes e escassez generalizada de água”.

A ideia de que a sobrevivência do todo requer uma mudança de postura - da inércia para a ação sistêmica, na qual o ser humano busque estabelecer uma nova relação com o meio ambiente é inadiável.

Nós somos formados pela água e por todos os minerais existentes na natureza, espalhados em trilhões de células.

Nós somos “(...) reciclados de borboletas, plantas, rochas, riachos, lenha, pele de lobo e dentes de tubarão, quebrados em suas menores partes e reconstruídos no ser vivo mais complexo do nosso planeta. Nós não vivemos na Terra. Nós somos a Terra.” (A. Marcus)

É melhor nos apressarmos.

Katia Auvray é escritora, pesquisadora e terapeuta holística. Graduada em Estudos Sociais pela FAC e em História pela PUC-SP. É membro da Academia Saltense de Letras desde 2013, onde ocupa a cadeira nº16, cuja patronesse é Cecília Meireles. Contato com a autora pelo e-mail: kauvray@outlook.com.



UM PATRIMÔNIO NATURAL E SEU USO CULTURAL

Marco Ribeiro

Atualmente, morando e trabalhando em Cabreúva, tenho a oportunidade de me debruçar em reflexões acerca da preservação do patrimônio, história e memória local. É um exercício interessante que me ajuda a pensar até que ponto fazemos parte, ou atuamos de fato, no local em que vivemos. Tanto nas aulas de Educação Patrimonial como no exercício de elaboração de políticas públicas para fortalecer, preservar e divulgar o patrimônio, discuto quase que diariamente questões relacionadas ao patrimônio material e ao patrimônio imaterial. Há algumas semanas venho refletindo sobre um importante, diria fundamental, patrimônio: o natural.

O primeiro ano de pandemia foi também o ano de nascimento dos meus filhos, Matias e Guillermo. Foi um ano em que ficamos isolados em casa, distante fisicamente até mesmo de parentes, os poucos momentos que saíamos era para dar uma volta de carro pela Serra do Japi, uma importante formação natural presente em diversas cidades da Região Metropolitana de Jundiaí e que conta com mais de 40% de sua área em território cabreuvaro.

Tal patrimônio natural é um elemento ímpar na constituição da paisagem de Cabreúva e região, área repleta de lugares incríveis para turistas, ambientalistas, estudiosos e curiosos de maneira geral. Vale a pena mencionar que, o patrimônio natural pode ser entendido como:

... uma categoria de reconhecimento de elementos naturais que, ainda que acione questões referentes à proteção da natureza, se constitui pela perspectiva da cultura e do patrimônio. Isso implica afirmar que patrimônio natural é uma categoria do patrimônio cultural. [...] o reconhecimento de bens naturais como patrimônio natural não prevê exaustividade ou a totalidade dos bens existentes, mas a identificação, a seleção e o reconhecimento de um número finito de bens por meio de critérios definidos. (LEAL, 2020).

Pois bem, existe no centro da cidade um patrimônio natural que não é reconhecido oficialmente pelos órgãos de direito, porém todo cabreuveno do centro da cidade, sobretudo os mais antigos, têm alguma história para contar a respeito do Ribeirão Cabreúva. Diariamente olho para a janela da minha sala de trabalho e o vejo com suas águas tranquilas, salvo em períodos chuvosos que fica agitado. Também diariamente desço da minha sala, atravesso a rua e vou até a margem “do lado de cá” do Ribeirão para, junto do correr do seu leito, correr também meus pensamentos, principalmente em tomadas de decisões. São minutos inspiradores.

Usei o termo “do lado de cá” como uma referência a

uma situação geográfica interessante que se torna mais notória quando olhamos para uma Cabreúva em meados do século XIX e início do XX, uma região em que o Ribeirão significava um limite geográfico:

Nessa realidade de pequena geografia física e humana que o dominava, nosso antigo Centro era residencial e comercial. Tudo acontecia do Ribeirão Cabreúva para dentro: trabalhar, alimentar-se, comprar, vender, residir, descansar, estudar, praticar esportes, ir aos bailes, ter religiosidade e ter musicalidade, fazer visitas, enfim, tudo acontecia nesse antigo Centro. (SILVEIRA, 2006)

O Ribeirão, que já foi chamado de Ribeirão dos Padres, e “nasce na Fazenda Ribeirão [...] e deságua no Rio Tietê, já no Bairro Barrinha” (SILVEIRA, 2006), também era conhecido pelas crianças como Ribeirão da Nadime. Sendo essa uma história curiosa, mas não incomum em municípios que possuem rios, ribeirões ou riachos que passam por dentro de si. Acontece que, o mesmo rio que hoje me ajuda a refletir questões do labor, era fonte de trabalho da moça Nadime, sendo um elemento do Patrimônio Natural local utilizado como prática de cunho social e econômico. Tal como na definição já citada acerca de Patrimônio Natural, ele não necessariamente está só, pode vir associado a alguma prática humana in loco. Quem nos conta melhor essa história é o senhor Otoni Rodrigues da Silveira, pesquisador e memorialista cabreuveno, no livro “..., *que entre verdes montanhas*”.

Ribeirão Cabreúva, que, naquela época, pelas crianças, chegou a ser conhecido por “Ribeirão Nadime”. Nadime era filha de uma turca, cuja família residia numa pequena casa da Rua Cônego Motta [...], e lavava roupas, para sustento, num cristalino trecho do Ribeirão, no início dessa mesma rua, ao lado de outras mulheres... (SILVEIRA, 2006)

A professora e historiadora Maria Izilda Santos de Matos, no livro *Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho* nos conta que o ofício das lavadeiras era um dos mais procurados pelas mulheres casadas para ter através de seu trabalho fonte de renda. Vale destacar que no início do século XX a água encanada não era tão difundida. No livro citado, é mencionada a capital paulista como referência devido a “posição geográfica [...] cercada pelos rios Tietê, Tamanduateí, Anhangabaú e Pinheiros.” (MATOS, 2014).

É possível imaginar que o trabalho das lavadeiras era fortemente influenciado pelas condições climáticas do local, podendo ser mais demorado em tempos chuvosos ou de muito frio, isso porque, além de lavar, elas também punham as peças de vestimentas para secarem. Se eram encomendas, estas poderiam demorar a serem entregues.

No livro escrito pelo memorialista sr. Otoni, Nadime lavava as roupas junto a outras mulheres, suas companheiras de ofício. Imagino o quanto elas conversavam, cantavam, trocavam experiências. Quantas histórias as águas do Ribeirão Cabreúva já ouviram? De quantas canções suas margens foram palco?

Costume bastante difundido, o canto ritmava o trabalho de lavar, esfregar, torcer e bater, que realizado em grupo possibilitava às mulheres trocar experiências do dia-a-dia. Num contexto de tagarelice e camaradagem, informavam-se sobre os problemas da vizinhança, transmitiam e mantinham as tradições, como receitas, remédios, histórias, rezas. Assim, o trabalho coletivo revigorava vínculos de vizinhança que significavam lazer, solidariedade material e afetiva, mas também regulação das condutas e procedimentos. (MATOS, 2014)

O ofício das lavadeiras representava não unicamente o trabalho em si ou o sustento, mas troca de aprendizados, ensinamentos e lazer. Tal prática foi vista em Cabreúva, precisa ainda ser estudada, pensada e escrita. Espera-se que este pequeno ensaio associando o patrimônio natural aos feitos humanos e culturais possa servir como uma provocação acerca de um tema pouco levantado pela historiografia local, mas presente e mais próximo da gente do que imaginamos.

Referências Bibliográficas

SILVEIRA, Otoni Rodrigues da. “..., **que entre verdes montanhas**”. Itu: Ottoni Editora, 2006.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2014.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. Patrimônio Natural. In: CARVALHO, Aline.; MNEGUELLO, Cristina.

(Coord.). **Dicionário Temático de Patrimônio:** debates contemporâneos. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

FUNDAÇÃO SERRA DO JAPI. A Serra do Japi. Fundação Serra do Japi. Disponível em: <<https://serradojapi.jundiai.sp.gov.br/institucional/>>. Acesso em: 29 de jul. de 2022.

MARCO R. LEITE RIBEIRO é professor, pesquisador, ensaísta e gestor público. Graduado em História e Sociologia e Pós-graduado em Sociedade e Cultura. É membro da Academia Saltense de Letras como titular da cadeira nº 1, cujo patrono é Ettore Liberalesso.

Contato com o autor pelo e-mail:
marcorafaelleribeiro@gmail.com.



A NATUREZA, O HOMEM, A VIDA E TUDO MAIS, NUM PEQUENO INTERVALO!

Romeu Gonçalves Bicalho

Com amor, à minha Mirna

– Qual a relação do homem moderno com a natureza? Perguntou o professor, antes de dispensar a turma para o intervalo entre as aulas.

– Pergunta boba, é óbvio, o homem pertence à natureza. Você não acha, Isa?

Olhando meio de escanteio para Beto, Isabela tentou fazer um sinal, mas não teve jeito, o professor estava logo atrás deles e ouvira o comentário e, gentilmente, perguntou:

– Será mesmo, Beto?

– Opa, foi mal, professor, não quis ofender, disse Beto, lembrando, de susto que, na primeira aula, o professor havia dito para terem cuidado com as certezas, pois elas geralmente ofuscam o conhecimento.

– Imagina, não ofendeu não, fique tranquilo. E você, Isa, o que pensa a respeito?

– Olha, professor, não tenho muita ideia não, até porque ainda não estudei o assunto. Mas gosto de pensar que fazemos parte da natureza. Lembro que, quando viajei com meus pais para a Grécia, em Atenas nossa guia nos pediu para olharmos a Acrópole, observando como a arquitetura grega buscava a integração com a natureza. Ela fez questão

de destacar que os gregos antigos tinham muito respeito pela natureza.

– Realmente, Isa, a arquitetura grega buscava representar em suas obras a harmonia entre o homem e a natureza, o equilíbrio entre a sociedade e a natureza, observou o professor, enquanto acompanhava os alunos em direção à cantina.

– Os gregos antigos tinham uma ideia em torno da qual girava muito da sua filosofia, do seu modo de ver as coisas, continuou o professor. Para eles, todas as coisas, o universo, a natureza em geral, formavam um todo ordenado, uma espécie de grande organismo, onde cada parte tinha o seu lugar e a sua função. Eles chamavam essa ideia de cosmo, que podemos traduzir como harmonia ou ordem. No reino animal, por exemplo, desde o nascimento as criaturas já sabem o que têm que fazer. Um peixe nasce e já sai nadando. As tartaruguinhas marinhas, já saem dos ovos correndo para o mar. O gato já sabe que irá comer o rato e este já sabe que será comido pelo gato, não tem negociação. Um leão já sabe que será o rei da floresta, não é bem da floresta, mas vocês entenderam a ideia. E não só os animais, os fenômenos da natureza também. A chuva irriga e o sol seca a terra, e assim por diante. Na natureza as coisas já vêm programadas. E não adianta você dizer para elas mudarem. Elas são assim, nasceram assim e serão sempre assim, essa era a ideia grega, concluiu o professor. Tentem convencer um gato a comer alpiste para ver se ele come naturalmente.

– Minha vó tinha uma gata que comia arroz, interrompeu Beto.

– Ah, mas essa gata não conta, ela não vivia com os gregos antigos, apontou Isa, disparando alguns risos.

– Além disso, ela foi domesticada, foi mudada pela sua vó, já não é mais natural, completou o professor. Posso me sentar com vocês aqui na cantina?

– Claro professor, responderam os dois alunos, enquanto procuravam lugar e pediam três cafés.

– Mas professor, como fica o homem, onde ele se encaixa nessa ideia grega de cosmo?

– Então Isa, o bicho homem é realmente complexo. Leva nove meses para ser gestado, demora mais um tempo para começar a andar, depois a falar e vai demorar muito mais para ficar “pronto”, alguns parece que nunca ficam, respondeu o professor rindo. Contudo, para os gregos, como tudo na natureza, o homem também já vinha abastecido dos atributos necessários à vida e a grande missão de cada um era descobrir qual era o seu lugar no universo ou, melhor, qual era o seu lugar na *polis*. Essa missão trazia um peso muito grande pois, imaginem vocês, se a pessoa estivesse fora do lugar, estaria afetando negativamente todo o cosmo. Por exemplo, uma pessoa que nasceu para ser professor, mas que se tornasse um ferreiro, essa pessoa seria um ferreiro infeliz, ocupando o lugar errado na sociedade; ou alguém que tinha todos os talentos para ser soldado, mas que se ocupasse a função de rei, ele não seria um bom rei, pois nasceu para ser soldado. Uma história que ilustra bem essa ideia cósmica, é a Odisseia, de Homero. Depois da guerra de Tróia, os gregos precisavam voltar para suas casas, para o seu lugar. Na sua jornada de volta, Odisseu, também chamado de Ulisses, enfrentou muitos perigos para voltar para sua ilha Ítaca, onde era rei. Enfrentou ciclopes, a fúria dos mares e ficou preso na ilha da ninfa Calipso por vários anos e, mesmo recebendo todo o carinho e a promessa de amor e vida eternos, Odisseu só pensava em voltar para sua casa para os braços da sua amada Penélope, concluiu o professor.

– Imagine você, Beto, preso numa ilha, com lindas mulheres, comida, bebida, roupa lavada, mas, mesmo assim, querendo voltar para casa, brincou Isa, dando risada.

– Ah sim, fosse eu, ficaria por lá mesmo, respondeu Beto, rindo.

– Concordo com vocês, não deve ter sido fácil para Odisseu, não imagino o que eu faria no lugar dele, disse o professor, entrando na brincadeira. Mas esse pensamento era muito forte entre os gregos e embalava a ideia de que as regras para uma boa vida em sociedade deveriam ser extraídas da natureza, retomou o professor. Esse jeito de pensar justificava questões que hoje acharíamos inadmissíveis. O exemplo mais forte é o da escravidão, algo normal entre os gregos antigos e que Aristóteles entendia ser natural pois, como ocorre entre os animais, há aqueles que nasceram para comandar e aqueles que nasceram para obedecer, dizia o grande filósofo. Da mesma forma, ainda segundo Aristóteles, a mulher era inferior ao homem pois, como na natureza, o macho é superior à fêmea e não poderia ser diferente na espécie humana. Por isso a mulher e o escravo não eram considerados cidadãos, não tinha voz na democracia ateniense, não participavam das assembleias na *Ágora*. E eles tinham que se conformar com esta situação pois, afinal, era esse o seu lugar na sociedade, no cosmo. Tudo isso fundado na premissa de que, se é assim na natureza, pela lógica, entre os humanos não poderia ser diferente. Numa sociedade onde uma ideia como esta é aceita, é muito mais fácil exercer o controle social. Ou seja, era muito mais fácil justificar as desigualdades sociais entre os antigos gregos.

– Mas professor, então eu estava certo, o homem pertence à natureza, só não sabe muito bem qual é o seu lugar, disse Beto, estufando o peito como quem acha que matou a charada.

– Beto, você realmente concorda com os gregos antigos que existem pessoas superiores, de que o universo é um todo ordenado e que o homem já nasce predestinado a alguma

coisa!? Perguntou Isa, meio irritada e com uma cara de desaprovação.

– Antes de responder, Beto, é bom lembrar que a história não começa e nem termina com os gregos, e a filosofia apenas teve início com eles, prosseguiu o professor. Ao lado das ideias gregas, existiam outras concepções sobre a vida, o universo e tudo mais, pregadas pelas religiões da época, algumas muito anteriores. O Hinduísmo, por exemplo, pregava a existência de uma divisão social com base na ideia de que cada um derivava de determinada parte do corpo dos seus deuses, advindo desta origem os direitos de cada um. Embora proibida por lei desde 1947, essa ideia ainda é culturalmente muito forte, principalmente na Índia, onde vigora o sistema de castas. O diferencial na ideia grega, me parece, é que, ao contrário das religiões que se baseiam numa deidade, um ser intangível, ela era lincada em algo físico, algo que podia ser visto e tocado, que estava em todo lugar, que podia ser analisado com o uso da razão. Sabemos que os gregos também tinham seus deuses, mas seu guia moral era a natureza. Porém, como lhes disse, essa relação com a natureza não garantia só coisas boas, pelo menos aos nossos olhos de hoje. E da mesma forma que, no oriente, a influência do hinduísmo ainda é muito forte, a ideia cósmica grega também pode ser notada na cultura ocidental. Não é muito raro encontrarmos pessoas, grupos, que se julgam superiores, pertencentes a uma “raça superior”. Numa outra perspectiva, há quem pense que nasceu com uma grande missão e passa boa parte da vida tentando atingir algum propósito. Ou, ao contrário, que acham que já descobriram o seu destino, que não têm que mudar em nada. Eu chamo esse último tipo de pessoa de “Gabriela”, sabem, daquela música que diz “eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim, Gabriela”.

Depois dessa, vinda do professor, ninguém se aguentou e o riso foi geral.

– Meus caros alunos, quando se adentra à metafísica, tudo é muito etéreo, depende do ponto de partida e da perspectiva que se adota sobre ele. É por isso que a filosofia, ao contrário das religiões, tenta pautar seus conceitos no conhecimento das coisas observáveis, usando a lógica, porém, isso não significa que sempre estará certa, mas que sempre está tentando acertar. Porém, como já falei, a história não se encerra com os gregos. O *cosmo* grego foi profundamente abalado com as descobertas científicas iniciadas, principalmente, a partir do século XV. Com o conhecimento de que a terra não é o centro de tudo, que o universo não é tão ordenado, estando mais para caótico, a ideia grega do cosmo e todas as ideias metafísicas sobre o homem, sua origem, sua relação com os deuses e a própria existência desses, foram profundamente abaladas. Principalmente no mundo ocidental, com o movimento conhecido como *Iluminismo*, é a razão, o pensamento racional, que passa a servir de guia à vida em sociedade. O interessante é que, com o conhecimento científico, adquirido com base na lógica, na observação empírica e na experimentação, o homem se vê autorizado a dissecar a natureza. Ao invés de integrar-se a ela, como propunham os gregos, o homem passa a servir-se dela. A natureza passa de sujeito a objeto que pode ser conquistado, estudado, consumido ou simplesmente destruído pelo homem. Se vocês aceitam a ideia de que o homem pertencia à natureza, na idade moderna parece que ele se desnaturaliza.

– Nossa, professor, então eu estava errado. Devia ter pensado mais... Disse Beto.

– Calma Beto, nem sempre é fácil dizer o que é certo ou errado, principalmente quando não temos todos os dados. Contudo, quando entramos no campo da moral, quando ar-

riscamos ditar padrões de comportamento para a vida em sociedade, orientar como as pessoas devem viver suas vidas, confesso que não sei se existe um certo ou um errado definitivo. A história mostra que esses padrões podem ser temporais e temporários, nem sempre forjados no melhor interesse de todos, com base num conhecimento completo. Por isso, se temos que adotá-los para uma vida em sociedade mais ou menos pacífica, é sempre bom estarmos atentos, analisando, aprendendo com a experiência. Mas, com certeza, Beto, a postura de pensar um pouco mais antes de adotar qualquer posição, parece ser a mais sensata, se queremos acertar mais do que errar na vida.

– Mas, professor, o que é a vida? Perguntou Isa, no exato momento em que o sinal tocou, anunciando o final do intervalo.

– Essa vamos ter que deixar para o próximo café, disse o professor.

ROMEU GONÇALVES BICALHO é advogado, professor e conferencista. Graduado pela Faditu, é Doutor em Direito pela PUC-SP com Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra, Portugal. É membro da Academia Saltense de Letras desde 2016 como titular da cadeira nº 19, cujo patrono é Olavo Bilac. Contato com o autor pelo e-mail: rgbicalho@me.com





POESIA

EU, TU, ELAS... AS ESTAÇÕES DO ANO

Andrade Jorge

Quero trazer neste cenário o que representam, as estações do ano em nosso mundo chamado Terra.

Vamos dar uma passada d'olho, como se dizia antigamente, para entender como são formadas as estações.

As estações se formam no movimento de translação, quando a Terra gira em torno do Sol, um giro levemente oval, que dura 365 dias, cinco horas e 48 minutos, eis o ano. Todo dia 1º de janeiro comemoramos o início de um novo ano.

Durante esse movimento surgem as estações do ano: Outono, Inverno, Primavera e Verão.

O Brasil encontra-se no Hemisfério Sul e, devido a inclinação, quando recebe mais luz solar, dá-se o nome de Solstício de Verão, o dia fica mais longo; quando a situação se inverte, o Hemisfério Norte recebe mais luz, a noite fica mais longa, é o Solstício de Inverno.

Entretanto, nem sempre foi assim, no passado, o ano era dividido em “Veris” (bom tempo, estação da floração) e Hiems (mau tempo, estação do frio), então apenas Verão e o Inverno eram conhecidos.

É sabido que as estações interferem na Natureza pela característica de cada uma, por exemplo, a agricultura se desenvolve dentro das variações desses ciclos

propiciando em cada época um plantio diferente.

O tempo de cada estação reflete, também, na natureza humana.

E quais são os períodos do ano de cada estação em nosso País?

Outono: De 21 de março a 21 de junho.

Inverno: De 21 de junho a 23 de setembro.

Primavera: De 23 de setembro a 21 de dezembro.

Verão: De 21 de dezembro a 21 de março

OUTONO

A palavra Outono vem do latim “Tempus Autumnus” ou “tempo do ocaso”, um tempo onde os dias são meio acinzentados, a flora passa por transformações, sua roupage caem e forram o chão, são dias de nostalgia, de 21 de março a 21 de junho.

A **natureza humana** não passa incólume, este período nos leva à reflexão sobre escolhas realizadas durante a caminhada, é tempo de amadurecimento, avaliar sentimentos, desapego daquilo que não contribui para nosso crescimento. O Outono, pelas suas características, nos ensina essa reciclagem.

INVERNANDO

A designação Inverno vem do latim “Tempus Hibernus”, quer dizer tempo de hibernar.

O Outono preparou a natureza para o Inverno, os dias frios e ventos congelantes, característica desse período, não devem ser considerados ruins, pois são con-

dições básicas na natureza, que requer adaptações entre animais e plantas, por exemplo acontece a reprodução de insetos, que servem à cadeia alimentar de vários animais, e estes também utilizam a migração e hibernação como proteção à queda de temperatura. As plantas de clima temperado perdem suas folhas e iniciam um processo de renovação vegetal.

O Inverno no campo é a época de fortalecer o solo e aumentar irrigação, devido à diminuição da precipitação da chuva.

Essa estação também é de grande importância econômica devido ao “turismo de Inverno”. É importante no ramo do setor de serviços, inclusive no Brasil, em cidades como Gramado (RS), Canela (RS), São Joaquim (SC), Campos do Jordão (SP), entre outras.

Mas e os humanos?

Neste período de baixas temperaturas o humano, como não é de ferro, sente o clima, surge o desânimo, então é hora de cuidar da saúde física, buscar os exercícios, mas é hora, também, de aquecer as ideias, desenvolver trabalhos que estavam engavetados, esquentar as relações profissionais e familiares. Não deixe o frio enferrujar as suas habilidades, não esfrie sua capacidade de amar.

O Inverno tem seu charme, adapte-se a ele.

PRIMAVERA

Primavera vem do latim “Primo Vere”, quer dizer princípio da boa estação, que vem logo depois do Inverno. Eis a razão por que Primavera se chama Primavera. O nome vem de “Primo Vere” - o primeiro Verão.

A Primavera tem a magia de tornar a natureza mais bela e perfumada, descortinando um cenário de cores na exuberância das flores, mas essa beleza toda também dá início à reprodução de variadas espécies de árvores e plantas. Os animais, saindo da hibernação de Inverno, apresentam mudança de comportamento, por exemplo os beija-flores e abelhas aumentam as atividades, fato que interfere no ciclo reprodutivo dos vegetais.

Em relação ao perfume das flores, existe uma flor que é arbustiva, e pode chegar a quatro metros de altura, é a Dama da Noite; essa flor só floresce à noite, e morre quando o dia amanhece. Na cidade de Salto/SP, cidade onde morei por muito tempo, inclusive recebi o título de “Cidadão Saltense”, fato que muito me honra, existem muitas ruas onde foram plantados arbustos dessa flor, e os saltenses e visitantes são agraciados com o perfume da Dama da Noite. Ela oferece o seu perfume normalmente na Primavera ou final de Verão.

Na humanidade as flores têm o poder de transcender sentimentos de conforto e fé, e, também, existe a terapia com florais, essências extraídas das flores, técnica que começou a ser estudada em 1930.

Época ideal para novas ideias, novos planos, inclusive o aquecimento de relacionamentos no campo amoroso. A Primavera tem encanto e magia.

ENFIM VERÃO!

A palavra Verão tem origem no latim “Veris” que significa bom tempo. Nessa estação, os dias são mais longos que as noites. Também ocorrem chuvas rápidas, as famosas chuvas de Verão, apesar de serem rápidas,

costumam ser intensas e acontecem, normalmente, no fim da tarde, quando os índices de evaporação das águas (rios, lagos, mares) estão mais altos.

Durante o período da vigência do Verão, as temperaturas em alguns lugares do planeta podem alcançar 40°C.

Qual o reflexo do Verão nos humanos? O Verão traduz alegria, as pessoas ficam mais divertidas, temos a sensação de juventude e glória. Por isso é a Estação apropriada para aumentar o ciclo de contatos, propício às viagens, afinal, a energia do Sol bota fogo na gente, pois essa luz é capaz de estimular a produção de serotonina, um neurotransmissor responsável pelo controle do humor e da energia em nosso corpo.

Tempo bom para cair nas águas de mares, rios, cascatas, observando os devidos cuidados, entretanto, devemos ficar atentos à hidratação, pois, com o aumento da temperatura, transpiramos mais. Os especialistas ensinam que toda essa água deve ser reposta. Por isso é que, em condições de temperatura normais, recomenda-se uma média de 2 litros de água por dia, pelo menos. Em dias muito quentes, devemos tomar pelo menos 3 litros por dia. E se fizermos esportes vigorosos, ainda mais no calor, devemos repor até 6 litros por dia.

FINALIZANDO

O Criador em sua sapiência concedeu-nos quatro estações climáticas, uma diferente da outra, ou seja, a diversidade biológica, que pode ser definida como a variabilidade entre os seres vivos de todas as origens, a terrestre, a marinha e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos dos quais fazem parte.

4 ESTAÇÕES

Primavera sem fim,
Sonho de **Verão**, doce quimera
Meu **Outono** quebrantado, em mim
Inverno no verso, frio na espera.

A natureza se esmera, chove chuva encantada
E eu no meio dessa,
o tempo é de cisma, cismada,
é o Inverno garoando esperança sem pressa.

Vem na brisa matinal, sopra a água do rio,
traz no éter as folhas do saber,
preparam o tempo mais frio,
tempo de se refazer.

São quatro estações,
rito universal em ação,
orientam direções e sensações,
em troca devolvemos reclamos e insatisfação...

Nota do Autor: “4 estações” é a síntese dos poemas que escrevi para cada estação.

ANDRADE JORGE, poeta/escritor. É membro da Academia Saltense de Letras desde 2015, onde ocupa a cadeira nº 34, cujo patrono é Oswaldo de Souza Aguirre. Contato com o autor pelo e-mail: andradejorge7260@gmail.com.



O CÉU NÃO TEM LIMITES

Lázaro José Piunti

A árvore tem encantos! E ressalta maviosa beleza enfeitando um jardim. A sua exuberância se amplia no cenário da mata densa e maior significação reflete compondo a floresta. Convenhamos: o Meio Ambiente merece apreço por inteiro! Quão míope é o olhar humano, se não busca a projeção dos céus. Movido pela curiosidade, impulsionado pela Ciência ou estimulado pela Fé, o habitante terráqueo deve se curvar em respeito ao Universo. Indecifrável, o infinito agasalharia uma constelação de céus? Na interpretação de Pedro Rates Henequim há, pelo menos, três céus. O 1º deles é frequentado pelas aves. No estágio seguinte, as nuvens o dominam. E no derradeiro dos céus, está o Paraíso, a Mansão dos justos, o Reino dos eleitos! (A Rainha e o Valete – O Reencontro – páginas 128/134). Tão fascinante definição da cosmologia custou caro a esse lusitano. Pedro Henequim nasceu em Lisboa dia 5 de abril de 1680, filho de cônsul holandês amasiado com uma bela jovem do Porto. Aos 10 anos, pai falecido e mãe de destino ignorado, o menino, de início aos cuidados de um funcionário diplomático, recebeu a acolhida de um padre, que fora amigo do seu pai. Estudou em Oeiras. Já moço, imigrou para o Brasil-Colônia, para fazer riqueza nas Minas Gerais, onde se dedicou à mineralogia, encontrou ouro e pedras preciosas. Desempenhou em paralelo a função de Escrivão

das Execuções da Vila Real de Nossa Senhora da Conceição do Sabará. Possuía sólida cultura adquirida na juventude, com destaque para Filosofia e Teologia. A algibeira cheia, Pedro Rattes regressou a Portugal em 1722. Tinha 42 anos e cismas em relação ao mundo metafísico. Suas convicções provocaram a ira dos contrerrâneos, em suas andanças pelos arredores de Lisboa. Em certa noite, convidado para régio banquete em Limoeiro, exagerara em suas análises quanto às Escrituras Sagradas. Dissera, sem acanhamento, existirem anjos machos e fêmeas; o fruto do pecado não era a Maçã, mas a Banana; o Éden se localizava na Bahia, território da Colônia do Brasil, onde viveram Adão e Eva. A Inquisição depressa abriu um processo contra ele. Porém, pesou muito a descoberta de que se fizera amigo do infante Dom Manuel, que conspirava contra o próprio irmão, o monarca Dom João V. No fim, Pedro Rattes Henequim foi preso e sentenciado pela Santa Inquisição. A condenação foi pronunciada nos termos do Auto de Fé de 21 de junho de 1744. (“Executado por afogamento, o corpo foi levado à fogueira, reduzido a pó e as cinzas espalhadas ao vento” - Processo 4.864 – Livro do Tombo, Lisboa). Aos nos referirmos à Natureza sejamos humildes para aceitar o quanto há de mistério além de nossa vã filosofia!

PASSEIO NA FLORESTA

(Em busca de frutas silvestres)

Lázaro José Piunti

Então programaram a festa/Uma aventura na floresta
Ideia dos meus netinhos.

Enzo escolheu o território/Arthur, Fafá e Gregório
E Davi e Maitê bem juntinhos.

A pequena Maya a sorrir/Resmungou querendo ir
Fez caretas e beicinhos.
Dia de sol e pouco vento/Seguiram pomar adentro
Felizes riam os priminhos.

Cada qual levou cestinho/E colheram no caminho
Ameixa, Cereja e Araçá.
Uvaia, Papaia, Cupuaçu/Mangaba, Goiaba, Caju
Framboesa, Açaí, Guaraná.

Maitê deu a mão ao Davi/Viram um pé de Caqui
Arthur descobriu Pitanga.
Greg colheu Amora/Fafá Jabuticaba e Acerola
Enzo subiu no pé de Manga.

Morango, Maracujá e Cambuci/Gabiroba e Jatai
Tanta fruta de dar gosto.
Maitê muito contente/Enxergou uma vertente
E correu molhar o rosto.

Brincaram todos sem receio/Foi delicioso o passeio
A Mata oferece aventuras!
Crianças cheias de alegria/Trouxeram ao fim do dia
Nos cestos as frutas maduras!

* Historinhas do vovô

FRUTAS E FRUTOS

Lázaro José Piunti

Passarinhos na floresta/Não vivenciam só festa
Há fases de guerra soturna.
Entre chilreios, cantos e pipilos/Há disputas, lutas. Estilos
Variáveis na peleja diuturna.

Múltiplas referências/E díspares preferências
Sanhaço gosta de manga.
Sabiá come mamão/Rolinha prefere grão
Todos rejeitam pitanga!

Colibri beija a flor/O Pardal faz amor
Resplendem o dia inteiro.
Tico-tico faz o ninho/Chupim troca o ovinho
Um larápio alcoviteiro.

Na cerca do grotão/Tiziu salta no mourão
Cigarra canta vantagem
O Corvo cisca entulho/Maritaca faz barulho
Pavão exhibe a plumagem.

O assobio do Bem-te-vi/Assusta a Juriti
Alerta a Pomba do Mato.
Na árvore sem compaixão/O predador Gavião
Espreita o futuro prato.

Frutas e frutos a granel/A natureza é um farnel
Fértil disposição em cadeia.
Na campina verdejante/Brilha o lírio esfuziante
E o chão da mata permeia!

A natureza é sinfonia/Tecida na dor e alegria
Mistura de Paz e Guerra.
É constante o desafio/A vida é célere fio
Na linha curva da Terra.

LAZARO JOSÉ PIUNTI é advogado e escritor. Pós-graduado em Direito Ambiental / Sistemas de Gestão Integrados de Qualidade / Segurança e Saúde no Trabalho. É membro fundador da Academia Saltense de Letras e titular da cadeira nº 14, cujo patrono é Castro Alves. Contato com o autor pelo e-mail: ljpiuntiescritor@uol.com.br



RIO TIETÊ

Augusto Gasparini Filho

Entre os rochedos da serra,
o verde, a mata e a terra
de uma altitude sem par...
Um olho d'água em vertente
surge a brotar lentamente
voltando as costas ao mar.

Serpenteando os rochedos,
contornando os arvoredos
em declive assustador,
fio de água se avoluma,
fortalecido se apruma
em cenário encantador.

E ao represar, em sequência,
talvez só, por experiência,
de sua força dá provas.
Preenche vales, crateras,
as ribanceiras, deveras,
gerando esperanças novas.

Avante! Seguir em frente,
em veloz água corrente
traça desenhos formosos...

Saltando pedras gigantes
deixa registros marcantes
de momentos gloriosos.

Alçando novas fronteiras,
ultrapassando barreiras
a banhar novos rincões,
chega à terra da garoa
por onde não passa à toa,
mas provocando emoções.

Segue o rumo, vai descendo,
rapidamente crescendo
na imensidão do planalto...
Dezenas de municípios
e enfrentando precipícios
o Tietê chega em Salto.

Em sua margem direita
qual fosse história perfeita
Índios, e a pesca esperada.
O barco, a rede, o facão,
caniço, tarrafa, arpão,
e a caçada abençoada.

Guaianases e Tupi,
habitaram por aqui
defendendo a natureza.
Canoas desciam a prumo
mesmo sem traçar o rumo
no embalo da correnteza

Pescadores da cidade
(isto vem da antiguidade)
e as feiras de mandi...
E cada vez que se arrisca
bastava jogar a isca:
- Bagre, cará, lambari.

Mais ousados, em verdade,
só por capricho ou vaidade
pela pesca apaixonados...
Remando o bote à distância,
pescando com elegância
curimbatás e dourados.

Queda d'água cristalina
da cachoeira divina
um dos encantos do mundo.
Seus visitantes: turistas...
Empresários e artistas
e até D. Pedro II.

E o Tietê, rio amigo,
em seu leito dá abrigo
e acolhe o amigo-irmão...
Entre eles: Sorocaba,
também o Piracicaba
e juntos, seguem missão.

Ao passar pela cidade
seria grande a vaidade
se não mostrasse sua graça...
Solidário e companheiro

como sempre, hospitaleiro
ao Rio Jundiá se abraça.

Em suas quedas radiantes,
das cachoeiras gigantes
entoam hinos ao léu...
E a melodia da cascata
parece uma serenata
cantando aos anjos do céu.

E quando a tarde caía
ao som da Ave Maria,
lindas garças - a voar...
Bem junto às margens do rio,
já penumbroso e sombrio
procuravam se amoitar.

Tão logo ao romper da aurora
debandavam sem demora
voando rumo ao além...
As asas em movimento,
a favor ou contra o vento;
que graça que a garça tem!

Ainda em revoada
eis uma nova jornada
mergulhada na saudade:
O taperá fugidio
onde o bando, sobre o rio,
saudava nossa cidade.

A noite se debruçava

sobre o sol que se apagava
anunciando o fim do dia.
E nas fendas da pedreira
junto ao rio, na cabeceira
o bando se recolhia.

Em toda sua extensão
até no Paranazão
um só lençol, sem parede...
E os bandeirantes, então,
seguindo a dura missão
matavam a própria sede.

Até a pobre andorinha
muito frágil, miudinha,
sabe Deus onde andará?
Buscando nova morada
junto à mata, na enseada,
quem disse que voltará?

Aos poucos foram migrando,
a raça foi definhando,
parece não mais se vê...
Lembranças da revoada,
fim de tarde e madrugada
sobre as águas do Tietê.

E a Ilha dos amores
a cultivar tantas flores
de bênção, paz e alegria.
Poetas à moda antiga,
com versos davam mais vida

ao declamar sua poesia.

E o som da cachoeira
em acordes de primeira
qual um maestro a compor;
namorado apaixonado
no velho encontro marcado
declarava o seu amor.

E a ponte pênsil suspensa,
entre as pontes, diferença
em toda sua travessia...
Balança sim, lentamente
mas não provoca acidente
nem que haja maresia.

E a visão privilegiada
a observar a enseada
junto à ponte, onde se vê:
Água pura e cristalina
que sob a ponte aglutina,
são águas do Rio Tietê.

E o coretinho esquecido
do “namorico” atrevido
nas lembranças imortais...
Eternas recordações
que apertam os corações
porém, já não voltam mais!

O sussurrar da cascata
mais parecia serenata

ao som de uma melodia.
Na cadência ritmada,
em verso, samba ou balada,
dia e noite, noite e dia.

No cenário permanente,
Tietê, de antigamente,
talvez não volte, jamais...
Quem nos dera ver de novo
matando a sede do povo
suas águas em cristais.

Veio o progresso danoso,
e porque não, audacioso,
maculando o Tietê.
São despojos clandestinos
dando-lhe um triste destino:
- “Quem te viu e quem te vê!”

Os peixes em mortandade,
que terrível crueldade
expostos à luz do dia...
Fosse essa história contada
há muito tempo explicada
ninguém acreditaria.

Uma espuma esbranquiçada
formando densa camada
bloqueia a água corrente.
Sobram metal e gordura
em toda sua cobertura;
todo o resto é detergente.

Toda a cidade lamenta
por essa água barrenta
de um rio que já não tem dono.
Sofre o povo, dói na alma,
de uma dor que não se acalma
ver o Tietê no abandono.

O mau cheiro que persiste,
que há muito tempo existe,
“obra” da poluição.
Tentativas fracassadas
são promessas abusadas...
- Qual será a solução?

Quem dera, velho Tietê,
no gigante que se vê
fosse de alvura e cristal.
Beijando as rochas dormentes
em águas claras, correntes,
qual em fonte batismal.

Quem dera fosse verdade,
o manto azul da saudade
refletindo as Três Marias...
E a estrela Dalva presente
a brilhar, toda imponente,
num cenário de poesias.

E aos olhos do turista,
do operário ao artista
só resta a decepção.

Um rio com tanta fama,
hoje repleto em lama
em total desilusão.

Mas quem sabe, na bonança,
num renovar de esperança
uma luz venha brilhar...
Mesmo fosse a lamparina
que dissipando a neblina
nos viesse iluminar.

Ideias sim, mas... ações
brotadas dos corações
de quem pode, manda e faz.
E com todo poderio,
aceitando o desafio
só por saber que é capaz.

Mãos à obra, valentia,
adeus à burocracia
e às promessas infundadas.
Luta, trabalho, ardor
sem pedir nenhum favor
e ao longo das jornadas.

Trabalho... sabedoria...
Dia e noite, noite e dia,
luta intensa por você...
Você que é grande, valente,
amado por toda gente,
o meu velho Rio Tietê.

Quero ver você de novo
cantado na voz do povo
sem nunca esmorecer.
- Na concha de minha mão
quero chorar de emoção
quando sua água eu beber!

AUGUSTO GASPARINI FILHO é Bacharel em Direito e radialista graduado pela Faculdade Anhembí-Morumbi. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, titular da cadeira nº 12, cujo patrono é São Francisco de Assis. Contato com o autor pelo e-mail: gasparinifilho@fm90.com.br.



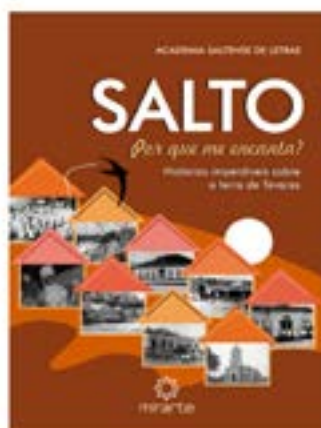
Outras coletâneas da ASLe para baixar gratuitamente
www.asle.net.br



2010



2013



2016



2021

